This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES SCIENTIA VERITAS
1817
LIBRARIES

TRIBUTO

Á MEMORIA

DE

SUA MAJESTADE FIDELISSIMA

O SENHOR

DOM PEDRO QUINTO,

O MUITO AMADO,

POR

Castilhos, Antonio e José.

RIO DE JANEIRO

PUBLICADO E Á VENDA EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, 77.

1862

DP
66A
.C3E

PELO THRONO, AO IRMÃO.

PELO SANGUE, AO TIO.

PELA ESCOLHA, AO DUAS VEZES PADRINHO.

PELO AFFECTO, AO AMIGO.

PELA INTELLIGENCIA, AO EGUAL.

A SUA MAJESTADE IMPERIAL

O SENHOR

D. PEDRO SEGUNDO

cujo coração
deve forçosamente achar-se coberto de lucto,

O.

CASTILHOS, ANTÓNIO E JOSÉ.

NO TRANSITO

DO

SENHOR REI D. PEDRO V.

I

AD SIDERA PALMAS

No monumento público
lidaste o dia inteiro,
desd'alva até ao véspero,
Joven, Real obreiro.

Limpa o suor da púrpura
ao fúnebre lençol;
vae receber a féria;
descansa; é posto o sol!

Aos do porvir artifices
déste não visto exemplo:
junctaste um lanço amplíssimo
da humanidade ao templo.

Foi-te a semana aspérrima;
prostrou-te; mas, valor!
Chegaste ao dia séptimo,
ao dia do Senhor.

Sóbe aos eternos júbilos,
ao throno verdadeiro;
no rôsto melanchólico
abre o surrir primeiro.

Olha do Empyreo os pórticos
áureos com mil tropheos!
Ouve!... « Bem vindo, ó Príncipe,
« bem vindo aos pátrios céos! »

Quatro Reaes espíritos,
d'anjos sem conto á frente,
ao som d'argênteas cítharas,
aos pés do Omnipotente,

alçam em côro um cântico
de hosanna triumphal
— ao que lhes juncta glórias
á glória perennal!

Quem são? O Avô philósopho,
Imperador soldado;
a Mãe virtuosa, o ídolo
d'um reino libertado;

a Esposa, flor ephémera;
o idolatrado Irmão.
Tirando a c'rôa cívica
por sua augusta mão:

« Vem, Neto meo magnânimo
— diz o guerreiro invicto —
« Eu não passei de Rómulo,
« tu foste Numa e Tito;

« recebe-a pois; pertence-te;
« lá, duas abdiquei;
« em ti abdico a última;
« sinto-me em dôbro Rei. »

Então a Mãe, entre ósculos
cingindo o charo Filho,
alça na dextra auréola
de sempiterno brilho,

e impõi-lh'a. « Quando o túmulo
« me-reclamou — lhe-diz —
« tremi por nossa pátria
« em mãos tão juvenis.

« Se escorregar no sólio!...
« Se esquece a liberdade!...
« Se o-rodearem pérfidos!...
« Se o-cega a majestade!...

« Se da lisonja ao hálito
« o vicio o adormentar!...
« Se em fim lhe-fôr patíbulo
« o que eu lhe-deixo altar!...

« Que transe, ó Deus, que angústia
« ao coração materno!
« Salvae-m'o vós. E pállida
« me-adormeci no Eterno.

« Não foi baldada a súpplica;
« o Eterno me-escutou:
« foste, inda imberbe, máximo,
« como nas cans o Avô.

« Mas toda a c'rôa (e invejam-n-as!)
« tem fatal pêzo; e a sorte
« multiplicou-o ao cêntuplo
« na que eu te-dei por morte:

« tressuas sangue... ampáral-a...
« trepidas... caí-te aos pés...
« baqueias; nobre víctima,
« surge; immortal já és!

« A c'rôa d'astros fúlgidos,
« que á tua fronte imponho,
« não prostra, não faz míseros,
« não passa, não é sonho;

« estrellam-n-a carbúnculos;
« foi co'os martyrios teos
« que os-fabricou tão vívidos
« a própria mão de um Deus. »

« Vem, adorado cônjuge,
— a terna Esposa exclama —
« cá se-restauram vínculos
« que a morte não destrama;

« és meo, sou tua; o thálamo,
« que lá sumiste em dó,
« ornam-n-o aqui balsâmicas
« rosas de Jericó;

« tolda-o docél cerúleo
« de estrellas fulgurante;
« é no aposento lâmpada
« lua jámais cambiante.

« Côro de virgens cândidas
« nos-fada amor sem fim.
« Um paraíso incógnito
« nos-serve de jardim,

« onde entre as francas árvores
« da VIDA, e da SCIENCIA,
« nos-rulha a pomba mistica
« ternuras e innocencia.

« Cá, saciarás a indómita
« cubiça do saber;
« cá, vida de relâmpago
« se-abre em perpétuo ser...

« Perpétuo ser! (oh! êxtasi!)
« e ante o Senhor unidos!
« Olha esta c'rôa, dádiva
« da terra entre gemidos;

« cingi-a na hora fúnebre,
« em que, tão só, parti!
« saudades são; no Empyreo
« inda as-guardei por ti.

« Flores que nutre ausencia,
« a posse vos-desterra;
« ereis do chão das lágrymas,
« volvei de novo á terra. »

O Irmão, alma virginea,
c'roado de cecens,
lhe-mostra ovante o innúmero
dos ineffaveis bens.

« Ao valle das miserias
« que pêso te-prendia
— lhe diz — « que espero ha séculos
« ver-te no eterno dia?

« Eras o primogénito,
« e eu precedi-te; eu sou
« quem ao fugir do ergástulo
« os teos grilhões quebrou.

« Abraça-me, e agradece-m'o.
« Olha e compara: o mundo,
« antro da insciencia e dúvida;
« d'erros mar vasto e fundo;

« brenha de féras rábidas;
« vergél sobre volcões;
« reino em que a morte é déspota;
« urna das gérações;

« confuso abysmo em vórtice,
« fallaz, horrendo, immundo;
« sem luz mais que um crepúsculo...
« é isso, é isso o mundo!

« Cá, tudo é fausto e sólido;
« cad'hora é de annos mil;
« de edade a edade medra-nos
« sempre mais verde abril;

« respira-se nos zéphyros
« amor, prazer, bondade;
« bebemos a sciencia
« na própria Divindade;

« em salas d'ouro e pórphyro,
« com tectos de ouro e azul,
« pousa-se em thronos lácteos
« de alto marfim curul;

« e á luz de mil sóes trémulos
« em lustres diamantinos,
« se-lem nas sacras páginas
« mystérios e destinos;

« contempla-se o pretérito;
« devassa-se o porvir;
« e ao Trino, ao Uno, ao O'ptimo,
« faz-se o louvor florir.

« Depois festins e néctares,
« no mundo nem sonhados;
« passeios e tripúdios
« por feiticeiros prados,

« d'onde, furtiva e tácita,
« vem cada ante-manhã
« flores colher puníceas
« aurora alva e louçã.

« Collinas desde o píncaro
« vestem-se até ás faldas
« co'as selvas mais umbríferas
« de vivas esmeraldas.

« Nesses recessos plácidos,
« aligeros Orpheos,
« os seraphins terníssimos
« cantam em côro a Deus;

« e ao seu concento mágico,
« respondem, resonantes,
« canoros e prismáticos
« Niagaras de brilhantes.

« Ouves ao longe Píndaros
« nas lyras a exaltar
« da crença os heroes mártyres,
« e sobre o circo o altar.

« Ouves em gruta flórida,
« matriz de sacra fonte,
« cantar novas delícias
« piedoso Anacreonte,

« ou Sapphos, que, abrazando-se
« em não indigno amor,
« votam ás virgens sábias
« as cordas do *Sinor*.

« Cad'arte, lá no ínfimo
« orbe terreno e escuro,
« almeja algum revérbero
« de um ideal futuro;

« todas aqui de súbito
« o-incontram já sem véos!
« A poesia, a música,
« vem triumphar nos céos.

« Que digo! Outra prophética
« ância do instincto humano
« foi sempre achar o archétypo,
« vêr do universo o arcano,

« as causas dos phenómenos,
« as leis de cada ser,
« e ao grão complexo harmónico
« seo Génesis tecer.

« Só quem o lôdo esquálido
« despiu na sepultura,
« e alado rei, como águia,
« sóbe á suprema altura,

« póde acalmar taes âncias.
« Livres em Deus, só nós
« vemos o immenso, o mínimo,
« o íntimo. Veloz

« um nosso adejo os términos
« alcança do universo.
« Neste espantoso dédalo,
« todo entre si diverso,

« como n'um bosque os pássaros
« de ramo em ramo vão,
« de sol em sol libérrimos
« girâmos na amplidão;

« lustrâmos as myríadas
« de seos feudaes planetas;
« o conto, o nome, as índoles
« sabemos dos cometas.

« Em cada, opaco ou lúcido,
« mundo, que roda, e vai
« na imprescriptivel órbita
« ao nuto de Adonai,

« achâmos (oh! prodígio!)
« que luz, calor, grandezas,
« variam, variando-se,
« milhões de naturezas;

« mas todas vivas, próvidas,
« formosas de assombrar;
« todas co'o mesmo anhélito
« de sciencia e de adorar;

« todas em voz unísona
« imchendo a immensidade
« co'o psalmo solemníssimo
« de GLORIA Á DIVINDADE!

« Servo fugido ao cárcere,
« gosa o domínio teo!
« dá graças á innocencia
« que em ti resplandeceu,

« e foi, entre os heroicos
« teos dons fascinadores,
« como um argênteo lyrio
« em vaso de mil flores.

« Cingindo a fronte régia,
« como eu, d'estas cecens,
« Alma gentil sem mácula,
« entra aos ignotos bens. »

Dice. — Entre os quatro espíritos
o triste, alfim ditoso,
toma o diadema cívico,
toma o de virtuoso,

acceita o de alma ingénua!
o das saudades... ai!
voltou á terra fúnebre;
tem-n-o os Irmãos e o Pae.

II

SOLATIA VICTIS

Sob o céo festival, geme e negreja a terra;
a dor que innoita o paço a todo o povo aterra;
pende os braços a indústria; estão sem voz as leis;
chora o bronze do templo; ulula o da batalha:
é que a vista carnal só vê fria mortalha
onde brilhava, ha pouco, a púrpura dos reis.

Se ella ousasse do pó subir ao firmamento,
como ao clarão da fé e á luz do intendimento,
em gala a multidão calcára o lucto aos pés!
O féretro do heroe não vai de nós banil-o;
vai lançar-se á corrente indomita de um Nilo,
que do nadante berço extrahirá Moysés.

Cobri-o de festões e bençãos á porfia;
junquem flores e louro a amargurada via
que desce do áureo throno ao pantheon real.
Se o crepe nos insombra, e nos alaga o prancto,
não é por elle já; nosso mortal quebranto
provém d'esta viuvez que obumbra Portugal.

Não se deplora o justo em paz adormecido;
a intrada do moimento, onde vai ser descido,
rescende a paraiso, é pórtico de luz.
Se alguem diante d'ella ousasse pôr cyprestes,
em louros os-trocára o anjo, que tão prestes
fez radioso trophéo de uma espinhosa cruz.

Por vós só, que inda estais com o infortúnio em lucta,
continuae o choro e o dó que vos-inlucta,
multidões que lhe-heis dado o derradeiro adeus;
cada um no seo lar sente um vasio horrendo,
como quando, alta noite, a morte andou correndo
de pousada em pousada o Egypto á voz de Deus.

Chora o poeta, o sábio, o artífice, o guerreiro,
o religioso, o infermo, o pobre; um reino inteiro;
cada qual sente murcha uma esperança em flor.
Mas sobre tudo chora a eschola, o ninho obscuro,
onde se-nutre e impenna a águia do futuro,
e que a-sente morrer faltando-lhe o calor.

Quem, entre tão geral, tão misera orphandade,
ousará mendigar, em nome da saudade,
um frio monumento, um bronze inerte e vão!
Temem deslembre um pae? Que pedra eguala a história?
Um colosso caduco é symbolo da glória?
Se a pyrâmide assombra, os Pharaós quem são?

Recuae, refugi, vaidosos monumentos,
d'ante o sério varão d'austeros pensamentos,
em quem o bom Trajano amára um grão rival;
e que ao público bem pospondo illusões fátuas,
faria amoedar o ouro de mil estátuas
por ver mais uma estrada, abrir mais um canal.

Se é mister um padrão a quem não teme o olvido
alçae-lh'o ao menos tal, que em bençãos involvido
lhe-attraia lá de cima um paternal surrir;
seja um templo de amor: a eschola. No recincto
se-intôe, e no frontão se-doure: A Pedro Quinto
o povo portuguez, co'os olhos no porvir.

A SUA MAJESTADE

EL-REI

O SENHOR D. FERNANDO II

Pois que artista e poeta ao mesmo fogo interno
devem seo resplendor, e Deus os-fez irmãos,
ao Rei-artista em chôro o vate em dó fraterno,
sem ousar consolal-o, oscúla, aperta as mãos.

Pousa-lhe mudo ao lado, e juncta prancto a prancto;
mas quando vem de longe um echo animador,
dirá: « Prestae-lhe ouvido! inviam-vos um canto,
lá d'entre o cyprestal, crença, esperança, amor. »

A. F. de Castilho.

A SUA MAJESTADE

EL-REI

O SENHOR D. LUIZ

Se é pêso enorme o sceptro ao braço mais robusto,
que será, quando cai da mão de um Divo Augusto
em dextra fraternal que a dor desfaleceu!
que será, quando vem de fructos avergado,
promessas verdejando, em pranctos alagado,
como esse que hoje é vosso e que era ind'hontem seo!

Haveis de o-sustentar (bem sei), que a heroicidade
é já madura em vós, quando alvorece a edade;
Haveis de ser Rei grande, após um grande Rei.
Mas que esfôrço e que estudo exige ess'alta empreza!
Quanto é mister vencer a propria natureza,
e antes de impol-a aos mais, saber impor-se a lei!

Nós, podemos chorar; nós, póvos, nós, a turba;
mas a dor que infraquece, e o ânimo perturba,
é-vos defêsa a vós, bem que orphanado irmão.
No alteroso baixel, guarnição, equipagem,
passageiros, que monta! os fados da viajem
cifram-se no velar do homem do timão.

Responsavel commum no túmido elemento,
velae pois. Vôe emb'ora a vista ao firmamento,
de lá vos-clama esfôrço um régio inspirador.
Esfôrço! PEDRO-E-AVANTE, em mais feliz reinado!
Recebeis todo um povo oppresso e consternado;
trocae-lhe o lucto em glória, em júbilos a dor.

A. F. de Castilho.

O SENHOR DOM PEDRO QUINTO

O SENHOR D. PEDRO V (*)

Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas
Regumque turres !

I

S. Vicente de Fóra. O Sr. D. Pédro V. A régia necrópole brigantina.

Á porta do majestoso templo de S. Vicente lá bate apressado mais uma vez, duas vezes, tres vezes o anjo da morte ! o que só parece distinguir das choupanas os paços para sobre elles redobrar suas iras.

— « Quem bate ? »
— « E' S. A. S. o Sr. D. Fernando de Bragança. »
— « Quem bate ? »
— « E' S. M. F. o Sr. D. Pedro V. »
— « Quem bate ? »
— « E' S. A. o Sr. Infante, Duque de Beja. »
— « Quem bate...? »

(*) A primeira impressão d'este escripto viu a luz no *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, com dimensões menores. Foi um improviso traçado no dia immédiato ao da chegada da funesta noticia a esta côrte.

Morreram todos!
É morto o rei!

A grande cabeça — o coração generoso — o braço valente; a cabeça, ante a qual todos passavam abaixando-se — o coração, em que doíam as dores de todo um reino — o braço, que para todas as misérias se-estendia, assim como para a perpétua defêsa de um estado; sol nado de esperanças; tudo isso que nós vimos, e ainda nem comprehendemos como poude passar.... passou!

Descoroada a fronte do rei, egualado á sorte do mortal ínfimo, eis o grande da terra reclinando a cabeça para mais a não reerguer:

Sub tua purpurei venient vestigia reges.
Deposito luxu, turba com paupere mixti,
Omnia mors æquat.

Volveu apenas cêrca de um quarto de século, depois que o chefe immortal da desditosa família foi collocar-se á sombra daquellas abóbadas sagradas, para presidir ao concílio dos seos, successiva e prematuramente chamados.

Não tinham tempo de esfriar as cinsas do heróe dos dous mundos, quando á fatal mansão se-lhe-ia unir o primeiro esposo de sua adorada filha, o príncipe Augusto.

Ainda hontem se-lhe-seguia a rainha sancta, aquella cujo nome inscrevemos no lábaro das cem batalhas, aquella por quem um povo inteiro se-estremecia de affecto e gratidão.

Oito annos não eram decorridos, e septe cadáveres régios se-amontoavam! — a irmã do libertador, Sra. infanta D. Anna, — a filha d'elle, a adoravel princeza Sra. D. Amelia, — o anjo que durante alguns mezes convenceu o Sr. D. Pedro V de que podia a felicidade não ser illusão na terra, a Sra. D. Stephânia, — o infante Sr. D. Fernando, arrebatado na aurora da vida —

próprio soberano, Sr. D. Pedro—e derradeiro nesta gia necrópole (oh! Deus queira que longos annos rradeiro), o duque de Beja, Sr. D. João de Bragança. E todas essas nobres cabeças ceifadas, como as do ho, neta e filha do Sr. D. João VI, em todo o vigor da ade; ou como os príncipes Augusto, Amélia, Fernando, ephânia, Pedro V e João, contando todos menos de 25 imaveras!

Illa rapit juvenes primâ florente juventâ.

Intrae, real renôvo da brigantina styrpe, intrae! Ha is annos apenas que vosso augusto pae, aquelle em jo coração todas as fibras vibram sentimento, reli-ão, grandeza, amor, e a arte (no mais alto sentido da lavra) dispôs dignamente, para receber sua esposa, os filhos, os avós de seos filhos, esse pantheon real. (1) Saudar-vos-hão ahi os manes do Duque de Bragança, que, sob o nome de D. João IV, arrancou a D. Phi-ppe III a corôa usurpada, para collocal-a sobre a pró-ia fronte; o restaurador de vossa dynastia.

Incontrarêis o nobre e bellicoso joven D. Theodósio, o imeiro príncipe do Brasil, aquelle, que tammanhas cou-s promettia, o que só uma vez desobedeceu a seo pae, acticando uma temeridade em prol da pátria, e que, nsurado por seo arrojo, succumbiu á languidez e ixão.

Lá verêis sua adoravel irman, a princeza D. Joanna, orta no mesmo anno, e da edade da vossa esposa.

Estará ausente a Sra. D. Catharina, que foi cingir o adema da Gran-Bretanha, mas outras frontes coroadas s-sairão ao incontro, as dos Srs. D. Affonso VI, D. Pe-o II, D. João V, D. José I, D. Pedro III, D. João VI, Carlota Joaquina, D. Pedro IV, e as, tão vossas conhe-las, de vossa mãe e esposa, e depois as de vossos ir-ãos, e de outros numerosos e gloriosos príncipes, aos

quaes ordenou o Rei D. Fernando que se-aggregasse cinsas de outro, tambem infeliz, tambem príncipe, bem immortal, Luiz de Camões.

Intrae, senhor, neste alcáçar da morte, em que a mória dos grandes vive e se-perpetúa! Intrae, qu cinsas de todos esses próximos parentes vossos estr cerão, ao verem-vos penetrar na casa marmórea d fúnebre festim.

II

Tenta-se uma apreciação, não uma biographia.

É, pois, chegado o dia da apreciação. O cérebro que ɜrfumes de lisonja podessem imbriagar, já não pensa. coração, a quem pertendesse fascinar-se, já não sente. s mãos que houvessem de derramar liberalidades, já a ıorte as-gelou, para se não abrirem mais. Como ousaım os habitantes das margens do Nilo, póde hoje o rei ɜfuncto ser julgado com imparcialidade. Ergamos a ɔz sem temor. Se nos-acoimarem de lisonjeiros cesáɔos, será de cadáveres; áulicos? da morte; cortezãos? a desgraça.

Não tentaremos uma biographia. Traçar os feitos e as ɔções do desventurado monarcha, narrar os successos a ue seo nome se-liga, não é para este logar, para tal dia, em para penna tal. Que valem pompas necrológicas, ɨntativas de pállidas eloquências, ante eloquência tão ɜal, tão palpavel, tão incontrovertivel, como a da dôr ıncinante de um povo inteiro? Nem uma só voz, nem m só coração, se-arranca a este côro universal; nem ha ıcúndia equivalente ao sentimento de terror com que o

horrendo successo nos-fulminou. Estátuas em n
mentos, inscripções sepulchraes no mármore
bronze (derradeiro tributo, e muitas vezes mentid
humanas vaidades), diriam menos que o pathétic
táphio... de lágrymas, com que uma geração inu
corpo exânime do seo rei.

Aturdidos pelo rude e violento golpe com que á
dencia aprouve experimentar os ânimos não prep
da nação fidelíssima, recordemos, molhada a pen
prancto, quem era o excelso vulto, hontem obje
nossas affeições mais vivas, hoje inanimado orna
da historia.

III

ascimento do Sr. D. Pedro. Sua estyrpe. Sua educação. Instrucção. Indole melancólica. Viajens. Accolhimento no estrangeiro. Anecdota em Paris. Exaltação ao throno.

O Sr. D. Pedro de Alcântara, quinto rei do seo nome, neto do Sr. D. Pedro-o-Grande, sobrinho e afilhado do Sr. D. Pedro II, e a quem, por tantos títulos, cumpria corresponder á majestade de nome tal, nasceu, sob infausto horóscopo, a 16 de septembro de 1837, sendo jurado como príncipe real e herdeiro da corôa aos 26 de janeiro de 1838.

Não conhece o globo mais fidalga dynastia que a do excelso monarcha, que, tanto por linha materna como paterna, tem sempre, desde mais de mil annos, ido contando os thronos em suas ascendências, e successivamente ligando-se com todas as mais egrégias casas da Europa.

Pesadas obrigações impunha ao Sr. D. Pedro o brilho de sua raça; d'ellas se-desimpenhou até onde sorte avara lh'o-consentiu.

A Sra. D. Maria II, não menos mãe sublime, do que raínha exemplar, esposa admiravel, e mulher forte, ro-

deou aquelle real berço do mais profundo, como do mais illustrado affecto. Todas as horas livres da governança do Estado, inteiras as-consagrava á educação desveladíssima da sua prole. Era ella mesma a mestra, a educadora, a constante companheira de seos filhos. Para todos escolhêra abalisados professores; em todas as disciplinas os -acompanhava com um fervor, como se cada um d'elles houvesse de fazer profissão do insino. Em tão piedosas e patrióticas diligências era sempre auxiliada pelo augusto esposo, príncipe de raros dotes, e cuja variada e vasta instrucção sobredoura o fulgor de tão esplêndido sólio.

A educação do Sr. D. Pedro foi, porém, desde o primeiro dia, incaminhada para os altos destinos que a sua primogenitura lhe-reservava. Seos vigilantes progenitores se-esforçaram por dotar o paiz, não só de um sábio, não só de um virtuoso, mas tambem de um rei e de um pae.

Lançadas as sementes em terreno ubérrimo, para logo se-desataram em fructos de copioso saber. Cautelosamente aproveitados todos os instantes, de perto se-seguiu a madureza á germinação; que, nestas naturezas privilegiadas, algumas vezes se-tem visto o sol romper da alvorada para instantâneo ir collocar-se no zenith (Ai! que, tambem outras, d'esse zenith se-desprende, como agora, para no nadir se-precipitar e desapparecer).

Não ha, nas classes litterárias, quem mais matérias, nem com mais aproveitamento cursasse do que os dignos filhos da Sra. D. Maria II, e especialmente os dous mais velhos, cuja orphandade materna tinha de começar em menos verdes annos. (2)

São unânimes os testimunhos de todos seos insuspeitos preceptores, reconhecendo a vastidão da intelligência, a rapidez da comprehensão, o amor do estudo, a benevolência e delicadeza do tracto, o precocíssimo e omnímodo desinvolvimento do seo real alumno. (3)

Já, porêm, nessa edade tenra, quando ainda o anjo

da morte nem rareado tinha as fileiras da exemplar familia, quando ao contrário, tudo parecia, em horizontes dourados, dever surrir á imaginação do herdeiro de throno tal, era esse menino apprehensivo, brandamente triste, propenso a ideas lúgubres. Um exemplo, entre mil (4):

Conta-se que, na edade de 10 annos, achando-se infêrmo o príncipe D. Pedro, como frequentemente lhe -succedeu, e ardendo em febre, no dia 27 de novembro de 1847 (sempre o nefasto novembro!), cedendo a um somno perturbado, durante o qual se-lhe-ouviam intercortadas palavras, prestes se-ergueu do leito, com os olhos abertos e o espanto desenhado no semblante. Passados alguns instantes, e ainda impressionado do pavoroso sonho, contou que elle e seo irmão Luiz entrelaçavam os braços, ao collo de sua mãe, quando ouviram um medonho bater d'azas, e duas garras aduncas rodearem-lhes as cinctas. Surda aos maternos brados, enorme águia que os-impolgara, voara com ambos ás nuvens; alli abrira as prêsas que a elle mesmo retinham, precipitando-o de roldão no espaço; e tornando a baixar á terra, pousara suavemente sobre um tapete de flores o querido irmão. (5)

Era chegada a edade dos 16 annos, juventude sem adolescência nem puerícia, ou antes edade varonil sem juventude. As occupações, as distracções, os prazeres que, ainda nas classes mais desfavorecidas da fortuna, sóem em taes annos inflorar dias que descuidosos se-espreguiçam, não matizaram esses do príncipe real. Costuma distinguir-se cada época da vida por seo peculiar género de felicidade. Felicidade? Só uma vez a-pôde entrever o Sr. D. Pedro, e essa tão fugaz que como relâmpago surgiu, illuminou e esvaeceu-se, para lhe-mergulhar a alma em mais atras e fuliginosas trevas do que antes.

A adorada mãe, a amiga, a mestra, a guia, era, no luctuoso 15 de novembro de 1853, arrancada pela morte

ás delícias de uma família, que, por suas qualidades patriarchaes, houvera sido modêlo em qualquer gráu da escala onde o destino a-tivesse collocado. Já o coração do Sr. D. Pedro estava maduro para comprehender a extensão de tão irreparavel perda: — « Ai, minha querida « mãe (ouviam dizer ao inconsolavel adolescente)! De- « testo o throno, que era onde tu te-sentavas. Para haver « nelle logar para mim, era mister perder-te. Abomino « a majestade que tão caro me-é vendida, a trôco de « minha adorada mãe. » Nunca a ferida assim rasgada no peito do filho se-cicatrizou jámais, que até á sua morte o nome da mãe idolatrada se-uniu sempre ás mais saudosas recordações, e o desatar dos vínculos mundanos se-lhe-affigurava suave, quando lhe-estrellejava a alma a idéa de eternamente se-aggregar á mãe e á esposa, nos córos celestiaes.

Pagava, pois, a Sra. D. Maria II o seo feudo ao soberano dos soberanos, e o Sr. D. Pedro chorava a desgraça de subir de príncipe a rei.

Emb'ora sazonada a intelligência, a edade, sem poder acompanhal-a, arrastava-se immatura. A lei que, não dá normas para as excepções raras, ou para os Césares madrugadores, de quem o poeta dice:

Cæsaribus virtus contigit ante diem,

a lei fundamental do Estado não permittía que o príncipe real tomasse aínda o temão da alterosa náu.

Dous annos tinham de passar-se sob a grata e branda regência do Sr. D. Fernando, o qual, realizando o projecto da augusta finada, intendeu conveniente que esse prazo fosse aproveitado pelo joven rei em percorrer as principaes nações da Europa, estudando estranhos usos, observando o funccionar das várias instituições, inquirindo os adeantamentos para imitação, os defeitos para obstar-lhes, cultivando pessoalmente as relações que ten-

dessem a facilitar-lhe a sua árdua missão, tractando as testas coroadas e fazendo-se d'ellas estimar; aperfeiçoando, finalmente, a sua luzida educação com aquelle complemento, que o grão épico reconhece em quem

.... mores hominum multorum vidit et urbes.

Em 1854, apenas findo o prazo do lucto carregado, transportou o vapor *Mindello* a Londres o Sr. D. Pedro V, que em seguida se-dirigiu á Bélgica, Hollanda, Prússia, Áustria e a Gotha (para conhecer e amar a terra onde seo pae nascêra); depois a França; e por Inglaterra regressou ao seo reino. No anno immediato e em egual mez, renovou suas viajens, percorrendo a França, Nápoles, Sicília, Piemonte, indo a Roma receber a benção de Sua Sanctidade (que tão cedo tinha de telegraphicamente lh'a-repetir, *in articulo mortis!*); passou á Suissa, admirou as margens do Rheno, e pela Bélgica e Inglaterra volveu a Portugal.

Em todos estes logares, os paços soberanos, os altos salões, a imprensa dos vários idiomas, tudo retumbou com encómios ao joven monarcha, cujo reinado se-futurava auspicioso, esplêndido de esperanças.

Entre muitas instructivas anecdotas que então se-recolheram, apenas aponctaremos uma, a que, apezar da apparente insignificancia, ligamos apreço, pela significação do apophthegma.

Um dia, em seo trânsito por París, appresentando-se-lhe um compatriota nosso, que alli estava seguindo estudos, começou este a dirigir-lhe um discurso em francez, em meio do qual interrompeu-o o Sr. D. Pedro, perguntando-lhe, em vernáculo:

— « Reside em França ha muito tempo? »

— « Ha dez mezes, Real Senhor. »

— « Só! (redarguíu o principe) depressa esqueceu a sua língua. »

Raiou finalmente nesse anno o dia 16 de septembro, em que o melhor dos paes, depositando a honrada corôa entre as mãos do seo filho amado, lhe-prestou, como toda a nação jubilosa, juramento de fidelidade. Não era uma ceremonia frívola, ostentação inane; era crença geral num formoso horizonte que todos previam, mas que para logo tinha de mergulhar-se nas profundezas das trevas.

São de hontem essas festas, com que Portugal inteiro, templos como campos, palácios como cabanas, fortalezas como casaes, victoriou o esperançoso rei. Na terra de Sancta-Cruz, e nas praias mais longinquas, banhadas pelo oceano, em toda a parte onde palpita um coração portuguez, foram eguaes os votos.

Apparência inganadora e falsa, illusão, chimera, miragem! São assim os cálculos humanos; tambem no moral demoram as Tarpeias contra os Capitólios. Dizei a esses olhos scintillantes de alegria, que amanhã se-arrazarão de lágrymas. Dizei a esses templos ingrinaldados e festivos, que amanhã receberão em seo seio a eça real. Dizei a esse trajar garrido, que amanhã se-trocará em lucto. Dizei a essas rosas e palmas, que amanhã se-converterão em cyprestes ou saúdades. Dizei a esses alegres canhões, que amanhã, de quarto em quarto de hora, soluçarão brado de morte.

Vae, desditoso soberano! Recebe a tua corôa; corôa de espinhos será ella, que se pétalas de rosas a-entremeassem, nem de seccar teriam tempo sobre tua augusta fronte!

IV

Meditações do rei, ao impunhar o sceptro. Seo primeiro impenho foi cravar um prego no carro das revoltas e perturbações.

Eil-o com as rédeas do govêrno. Calaram-se as girândolas e os hymnos; apagaram-se as luzes dos *Te-Deums;* correu-se o panno ás scenas extraordinárias do apparato; introu a sociedade em suas condições normaes.

E que se-passou então naquella mente? Que pensamentos lhe-tumultuaram? Que programma de reinado traçou elle a si mesmo? A julgar pelos factos, cremos ter esta sido a solução de suas altas meditações.

— « *Eu, descendente de longa série de reis, tenho por dever respeitar a majestade das tradições. Eu, joven, devo personnificar a joven sociedade. Cumpre-me ser, conjunctamente, filho da minha raça, homem do meo século.*

« *Revôltos vão os tempos. Nasci em* 1837 ; *quatro annos apenas haviam decorrido, desde que minha mãe definitivamente recobrára seo throno; e todavia, o anno do meo nascimento foi incravado entre dous de revoluções e distúrbios : Tumultos em* 1836, *e em* 1838, *e em*

1842, *e em* 1844, *e em* 1846, *e em* 1848, *e em* 1851; *perda do monarcha em* 1853.... *Oh! a primeira necessidade é a paz, que, sem ella, nem ha fé nas instituições ou no futuro, crédito, confiança nem progresso.*

« *Coube a meo avô a obra da espada, a conquista da pátria, do throno, da liberdade; foi a época das luctas, dos mártyres, dos prodígios. Coube a minha mãe antepôr-se como dique ás ondas da ressaca, aos rôlos que a braveza do mar político, ora arremessava á praia, ora d'ella arrebatava; foram os dias tambem tempestuosos da regeneração, com suas lamentaveis peripécias. Minha missão será a do progresso pacífico, da plena liberdade práctica, das victórias da intelligencia, do desinvolvimento paulatino, mas firme, de todas as fôrças vivas da sociedade a que presido. Possa o meo nome ficar ligado a um período de tranquillidade e melhoramento, exempto de lágrymas e sangue.* »

E ficou!

V

De como essas revoltas e perturbações se-tinham constantemente reproduzido de tres em tres annos, desde o começo do século.

E ficou, dizemos. Ou seja coincidência, ou consequência, a história pátria contrapôi estes oito annos de paz octaviana ás permanentes crises de mais de meio século, que, como intermittências de dous ou de tres annos, haviam constantemente gerado os motins, as insurreições, ou os graves successos que tão proximamente iam fazendo que a agitada nação sossobrasse e se-afundisse.

Querêis notar o estranho influxo d'esses triénnios climatéricos, em todo o presente século político, em Portugal?

Rompia o anno de 1801, quando a perda de Olivença e de uma parte da Caienna, em nossos brios e interêsses nos-feria.

Tres annos depois, em 1804, coroava-se em París o homem que havia de occasionar irreparaveis estragos ao reino.

Tres annos depois, em 1807, se-realizava a invasão franceza em Portugal, após a qual a real familia se-transferiu para o Brazil.

Tres annos depois, em 1810, se-firmava o ruínoso tractado do commércio com a Inglaterra.

Tres annos, porém, depois, em 1813, após gloriosas batalhas intrava o exército portuguez em França; verificando-se em 1814 o grão successo de Waterloo, que socegou as amiaçadas nacionalidades.

Tres annos depois, em 1817, Gomes Freire de Andrade expiava com seos illustres companheiros no patíbulo o prematuro de suas aspirações; e successos tambem deploraveis, em Pernambuco, inluctavam os pátrios fastos.

Tres annos depois, em 1820, a grande revolução liberal, que obrigou o monarcha a regressar á Europa.

Tres annos depois, em 1823, e já separado o Brazil, é destruída a constituição, volta o absolutismo com o Sr. D. João VI, e ostentam-se logo após, pela vez primeira, os planos do Sr. infante D. Miguel.

Tres annos depois, em 1826, morre o Sr. D. João; volta o paiz ao regimen constitucional, com a Carta; abdica o Senhor D. Pedro.

Nem bem se-completavam tres annos, em 1828, quando o Sr. D. Miguel, servindo-se da regência por seo irmão confiada, dissolveu as câmaras, e se-fez acclamar pelos tres estados rei absoluto.

Tres annos depois, em 1831, o Sr. D. Pedro, depois de abdicar tambem a corôa do Brazil, regressa á Europa, onde sem descanso incepta logo essa epopéa, que o-exalta ante a memória dos séculos.

Tres annos depois, em 1834, põi-se termo á guerra fratricida; e o libertador, apenas, de um revez de espada, derrubou da cabeça do irmão a corôa usurpada, apenas conduziu a filha ao throno de seos avós, curvou a cerviz oppressa pelas fadigas das ba-

talhas e pelo pêso dos louros, e mandou que, arrancado o coração, fôsse perennemente illustrar o grão theatro de suas façanhas.

Não eram de todo volvidos tres annos, quando, em 1836, uma nova revolução vinha patentear que ainda os tempos não eram maduros, e que se a causa da liberdade recrudescia em exigências, a, não menos sancta, da ordem nem aurora do seo dia via sequer despontar.

Nem chegou ainda ao triénnio crítico, quando, em 1838, se-proclamava uma nova constituição, contra a qual se-batiam exércitos nos campos de Ruivães.

Tres annos depois, em 1841, e primeiros mezes de 1842, um terremoto arrazava a ilha Terceira; uma alluvião opprimia a da Madeira; mas uma grande revolução política, denominada *Restauração*, destruía a ordem de cousas revolucionária, restabelecendo a Carta.

Tres annos depois, em 1844, após longa e artificial excitação dos ânimos, levantavam-se gritos sediciosos por todo o reino, e nova revolta armada ía, após grandes sacrifícios, succumbir ante os muros de Almeida.

Em menos de tres annos, no de 1846, egual e mais perigosa agitação; baqueia o governo legal perante as exigências de uma situação triumphante; é amiaçado o paiz com a pêrda da dynastia e das instituições, até que em 6 de octubro se-restitue ao throno o podêr, á pátria a confiança.

Menos de tres annos eram passados, em 1848, quando o furacão revolucionário, devastador da Europa, obrigou a immensos esforços para estabelecer na Península um cordão sanitário contra a invasão de taes pestes; então se-deu, na governança do paiz, uma reacção que lhe-restituiu os serviços de conspícuos cidadãos.

Tres annos depois, em 1851, Portugal se-via a braços com outra nova revolução ovante, e a denominada *Regeneração* estabelecia diversa ordem de cousas.

Não eram findos tres annos, quando, em novembro de 1853, a malfadada raínha dava a bella alma ao Creador, fúnebre remate de tão constantes e lamentaveis vicissitudes.

VI

Por opposição, são os oito annos de reinado do Sr. D. Pedro os únicos de inalteravel socêgo. Retrospecto sobre o reinado da sancta rainha a Sra. D. Maria II, quanto a este assumpto.

Em circumstancias taes, começou o reinado do Sr. D. Pedro V; e esse, que tanto deplorava os efflúvios de infelicidade que da sua pessoa imaginava irradiarem, teve ao contrário a ventura de que na regência do pae em seo nome, e durante todo o seo governo, se-quebrasse o talisman de todo um século, pois os últimos oito annos representam o período de mór socêgo, de que ha sessenta, ou talvez cem se-ha gozado! (6)

Mas, nem se-impute esta differença, apressemo'-nos a proclamal-o, a alguma imaginária impopularidade da sancta rainha, ante cuja memória veneranda ainda hoje todos os corações honestos ajoelham. Já vimos que essa tempestade (soprada no fim do século passado pelo Eolo da revolução franceza) abraçou os reinados da Sra. D. Maria II, do Sr. D. Pedro IV, do Sr. D. João VI, da Sra. D. Maria I. Essas convulsões, externas ou internas, provieram das circumstâncias, dos tempos, não dos reinantes.

E como poderiam ódios não desarmar-se ante um coração angélico como o da Sra. D. Maria II? Aquelle amor intensíssimo com que abraçava seos filhos, o seo esposo, aquelle sentimento congénito de tão nobre alma, não podia diversificar para com seos súbditos, para com seos leaes soldados (que todos o-fomos), para com uma geração costumada a unir constantemente em um só motto, em um feixe de idéas, trino e uno—o nome della—o das instituições—o da pátria!

Que bárbara ingratidão não seria duvidar um instante de que só pelos seos povos se-desvelasse, a mulher sublime, que desde a infância se-intregou por elles ao oceano e aos combates; que, em sua atribulada existência, não teve um pensamento que não fosse heroico; que preparou sua prole para capitanear dignamente tal povo?

Nunca esqueceremos a firmeza com que, em certo dia memoravel, respondeu a respeitosas perguntas que ousávamos dirigir-lhe:

— « *Vá, e diga aos seos amigos que a raínha aprendeu desde o bêrço a conhecer as misérias do throno; que os seos dias têm sido tão cortados de dissabores, que mais devêra ser objecto de compaixão que de invejas. Diga-lhes que ama demasiado seos filhos para não tremer por sorte egual para elles. Mas diga-lhes tambem que, acceitando o logar que a Providencia lhe-destinou, nunca recuará do seo pôsto: que poderia sem custo sacrificar a pessoa da soberana, a mulher; mas nunca sacrificará a instituição, a monarchia. Isso foi depósito sagrado; ha de transmittil-o intacto, como o-recebeu.* »

Nobre raínha! majestoso coração! Não; contra ella nunca, além de um punhado de energúmenos desprezados e despreziveis, uma só voz se-elevou. As oscillações de que o seo reinado ainda se-resentiu, provieram, como dicemos, de circumstancias exteriores á sua pessoa. Pélago revolvido por temporal desfeito, como foi o das luctas

políticas findas em 1834, não se-apaziguá instantaneamente; ainda durante algum lapso de tempo as ondas esbravejam, e se-escuta, afastando-se, o sibilar dos ventos e o ribombo do trovão.

Mas, gloria a Pedro V! Foi em seos dias que terminaram as dissensões intestinas; nem um motivo, nem um pretexto auctorizou em oito annos a erguer brado um só turbulento, de entre tantos que inluctaram os amargurados dias de sua ínclita mãe.

VII

O Sr. D. Pedro considerado pelo prisma dos seos actos públicos, e no desimpenho do officio de rei. » A caixa verde. O exército. A segurança do reino. Regulamentos (ministração. Estudo práctico das necessidades dos soldados. Tractado da sciencia e a guerra. Esperanças nelle depositadas como general. Suas opiniões anti-Ibericas. P ao valor militar. Nunca assignou um decreto de morte. Numerosas commutações de de degredo e outras. As possessões ultramarinas e o Sr. D. Luiz. Abolição da escra Sua crença religiosa. Distincção com que o Sancto Padre o-honrou. Concordata. Cler minarios no reino. Protecção á instrucção primária, á secundária, á superior. Seos (sos em materia de instrucção. Premios académicos conferidos por suas mãos. Crea numerosas escholas primárias pelo seo bolsinho. Universidade. Polytéchnica. Seos de para instrucção. Observatório do infante D. Luiz. Creação de uma faculdade, sob e de « Curso superior de lettras. » Larga protecção aos mansebos talentosos. Seos di brilhantes. Viação publica. Caminhos de ferro na Europa e Africa. Obras públicas. graphos eléctricos. Legislação sobre morgados. Extincção ou reducção de impostos vexa Estabelecimentos de caridade. Trabalhos estatísticos. Obras do visconde de Santarem posição universal de París. Exposição do Porto. Sua predilecção por esta cidade. excursões por todo o reino. Confiança e inriquecimento geral. Consórcio do pode liberdade. Seo cumprimento do dever por educação, juramento e dedicação.

Oito annos se-impregou o Sr. D. Pedro nominal, effectivamente, no seo *officio de rei* (7); e nunca, todos elles, teve o povo que lamentar uma vez acto (suravel do soberano.

Aspirando ao cognome de *rei popular*, resolveu, d o primeiro dia, conhecer todas as misérias dos seos s ditos, para remedial-as; todas as suas queixas, para im

aos prevaricadores a pena do seo desagrado. Á porta do paço mandou collocar uma caixa, onde todos, poderosos ou desvalidos, ostensivos ou anónymos, podessem depositar suas representações; a chave d'esta caixa era exclusivamente sua; durante longo tempo, compulsou diariamente os numerosos papeis que nella eram lançados, e não raro provieram importantes actos seos de denúncias ahi exaradas. Permanente houvera sido este expediente, se loucos não tivessem culpavelmente abusado de uma tão preciosa concessão. Duvide-se emb'ora da conveniência de facultar assim, a anónymos, a calúmnia, sob o manto da irresponsabilidade; de incutir no ânimo dos povos que o rei constitucional não depositasse plena fé na lealdade de ministros a quem taes investigações competiam; de lançar na mente régia indevidos germes de suspeitas. Mas reconheça-se que o impulso de providência similhante foi paternal; desejou estabelecer contacto directo entre si mesmo e os súbditos; dar-lhes uma permanente e facil audiência; convencêl-os de que os olhos do grande velavam pelos direitos dos desherdados; de que não admittia validos; de que contra a justiça era impotente o favor.

Intendendo Sua Majestade que neste século os usos (aliás deploraveis) da Europa, arrancam braços numerosos á cultura da terra, das artes, da indústria, do commércio, de todo o real progresso, para empregal-os sob as armas, e tendo por seos olhos presenciado o grau de desinvolvimento que os exércitos vão attingindo, resolveu robustecer em sua pátria o espírito militar, abalado pelas forçadas consequências das revoltas, sempre tão prejudiciaes á disciplina. Considerou que, achando-se o paiz em toda a sua extensão aberto a quaesquer inimigos por mar, e em contacto, por todas as suas fronteiras, com uma só nação (com quem vivemos em paz, mas que, se um dia a desvairassem, poderia incommodar-nos), era mister olhar pelos elementos internos de defesa, para não ficar-

mos únicos desarmados em presença de toda a Europa, que, incostada ao punho da espada, aguarda não sabemos que futuros próximos.

Desde o primeiro dia, pois, do seo reinado, o Sr. D. Pedro concentrou esforços neste grave assumpto. Desejava elle que os soldados fôssem aguerridos e bem tractados; que os officiaes fôssem habeis, e de mui culta intelligencia. É phrase sua: que *a espada se não deve hoje separar da penna, e que os livros não desmerecem por mesclal-os a oliveira.* (Discurso aos alumnos da eschola do exército, em 1858.) Commissões idóneas foram incumbidas do estudo das nossas fortificações, dos nossos meios béllicos, da instrucção das tropas, das deficiencias do pessoal ou do material, da segurança da capital e das praças fortes, das fronteiras e dos portos. Tinha o Sr. D. Pedro por costume investigar as cousas por si mesmo. Descia a pormenores da administração; muitos regulamentos e disposições, que a outros se-attribuem, segundo as prescripções constitucionaes, emanaram da sua penna; mas em nenhumas matérias com tanta frequência como nas militares.

Foi pessoalmente seo o grandioso plano de defensão da capital, que o prematuro da morte lhe-vedou ver levado a têrmo. As innovações, neste ramo introduzidas nos exércitos europeos, eram logo theórica e practicamente estudadas, apressando-se a assistir ás experiências d'esses novos processos, sem embargo de sóes, frios, chuvas ou intempéries, como desgraçadamente succedeu quando, acompanhando-o sua joven consorte a uma de taes excursões patrióticas, nella grangeou a infermidade que em poucos dias a-arrebatou. Vigilante pelo bem-estar dos soldados, surgia inopinadamente, de dia, de noite, nos quartéis; provava dos ranchos; examinava o arranjo interno d'essas casas, os leitos, os fardamentos, as commodidades do soldado; animadores encomios ou sentidas censuras, eram prémio ou castigo, e pinhor em

todo o caso de uma desvelada attenção dos superiores para a boa sorte de seos subordinados. Até, na sua pessoa, deu constantemente testimunho da affeição que lhe merecia a nobre profissão das armas; raríssimas vezes foi visto, após sua exaltação ao throno, senão em trajo militar. Diz-se que, entre seos valiosos manuscriptos se-achou um *Tractado sobre a sciência e arte da guerra* (8).

Ignoramos se, em edade tão tenra, poderia já ter alcançado supremos conhecimentos, em táctica e em estratégia, príncipe em cujo reinado nunca em Portugal troaram canhões homicidas, sendo bem d'elle que Lucano podera ter dicto, relativamente aos términos do seo governo:

Pax missa per orbem
Ferrea belligeri compescat limina Jani.

Ignoramol-o. Mas o conceito que d'elle formávamos, por tantas considerações ahi adduzidas, pelo conhecimento das virtudes de tão egrégio peito, pela memória do heroico avô, cujo sangue lhe-impunha ainda mais deveres que direitos, esse conceito provámol-o, quando ainda ha poucas semanas respeitosamente submettemos um trabalho sobre a *Questão Ibérica* ao Sr. D. Pedro V, recordando-lhe ser ao descendente do Sr. D. João IV, que ousávamos dedical-o. Oh! que se as circumstâncias o-forçassem, mostraria não ter esquecido que o seo throno fôra, desde perto de 8 séculos, assente sobre o pavez dos soldados de Affonso Henriques. Qual fôsse o seo sentimento ácerca de certos receios, recentemente suscitados, claramente o-exprimiu, respondendo ao enviado de Castella, que os dous povos continuariam a ser irmãos, a assimilhar-se... *até nas suas autonomias*. (9)

Era, pois, em previsão de todas e quaesquer eventualidades, que o Sr. D. Pedro promovia o melhoramento do exército, e de todos os meios de defêsa.

Folgava mesmo de recompensar os actos de valor heroico militar, outr'ora practicados por bravos súbditos seos. Assaz conhecida é a anecdota do corneteiro de Badajoz; a alta recompensa dada ao official de marinha, Cardoso, o valente que primeiro cravou na praia do Mindello a bandeira bicolôr, quando lhe fez dom d'esse paládio; a creação recente de uma medalha honorífica para os que prestaram valiosos serviços, nos tempos minguados dos padecimentos e das provações.

E nem se-julgue que taes tendências militares significassem, no Sr. D. Pedro V, um coração duro, um culto á fôrça, um arregimentar da oppressão. Era simples desimpenho do que considerava um dever. Dureza no seo reinado?! Ao rubí da paz pública, ingastado na sua corôa, outro não menos precioso se-junctou para opulental-a: a *pena de morte*, por cuja abolição tantos philósophos theoricamente almejam, desappareceu practicamente em Portugal, onde uma só vez se não ergueu o patíbulo, para, com o folgar da justiça, gemer a humanidade (10).. E ainda neste poncto resvalaram ditosos os dias de tal reinado. Não se-deram nelles os grandes crimes, que em todos os tempos e logares costumam magoar a consciência da humanidade; não se-multiplicaram ante os tribunaes as páginas negras dos parricídios, infanticídios, invenenamentos, ou aggravados delictos, de que a morte é nos codigos desfecho inevitavel e frequente.

Foi mais feliz que Antonino Pio, pois d'esse se-conta que, condemnando á morte certo homem, por justa causa, gemeu intranhavelmente, porque não acabava os annos do seo império, sem mandar derramar sangue humano. Parece mesmo que a sociedade portugueza, onde sempre similhantes horrores foram raros, timbrou em tornar-se digna, por lenidade e innocencia, do brando jugo do boníssimo príncipe. Não caíu uma só cabeça; honra ao rei! Nunca menos mereceram caír; honra ao povo!

E nem só a pena de morte lhe-repugnava. Aquelle peito amante nunca tanto se-dilatava, como quando podia arrancar uma víctima a terrestre purgatório: foram innumeraveis os indultos, ou pelo menos as commutações, de galés, de prisões, de destêrros. Não podiam as possessões africanas numerosamente povoar-se em reinado tal.

E todavia essas possessões lhe-mereciam summo cuidado. Nellas via o real Senhor o viveiro da nacional grandeza. Apezar de se não dirigirem estas lettras senão a um príncipe cadaver, é absolutamente impossivel ommittir aqui a poderosa coadjuvação que recebeu d'aquelle que hoje se-senta no seo throno. Nascido para uma posição subalterna, maldiz elle, sem dúvida, o dia em que lhe-coube cingir diadema. Recordava-se o Sr. D. Luiz do nome immortal de outro filho e irmão de rei, cultor tambem das sciências mathemáticas, fundador de observatórios, iniciador de magníficos descobrimentos, sábio e patriótico. Aquelle, a quem talvez esteja reservada página de D. João III, de D. Manoel, ou mesmo de D. João I, contentava-se com o formoso nome de um D. Henrique. O filho de reis, e rei futuro, dava-se á vida marítima com um ardor, exemplo para as mais altas dedicações. Tractava-se de serviços de familia? Lá ia o marinheiro conduzir princezas ou fazer fluctuar a bandeira azul e branca em todos os portos da Europa. São os estrangeiros amiaçados na Africa Septentrional? Eil-o primeira, segunda vez, em Tanger, antes que a Hispanha marchasse para Tetuão. Convém a sua presença nas possessões portuguezas da Africa Occidental, a braços com os indígenas? Parte para o reino de Angola, que, pela primeira vez, em transportes de júbilo, acclama uma pessoa real, visitando-o pessoalmente.

Com tão valiosa cooperação, mais facil se-tornava a tarefa.

Nesse reinado foram sopeadas as revoltas de vários

sovas dependentes de Portugal; dadas severas licções aos que ousaram afrontar nossas armas; estabelecidas linhas de navegação para paragens que nunca as-tiveram; mandados colonos (até allemães, para Mossâmedes, recentemente elevada á categoria de villa) com reciprocamente vantajosos contractos; melhoradas as condições dos servidores nessas províncias; creando-se tambem novos regulamentos adequados á disciplina e ao serviço da tropa de Macáo e outros ponctos, etc., etc.

Ordenou S. M. que se-promovesse o estabelecimento de colónias europeas no interior das provincias portuguezas africanas. Considerou que o território da Huilla, por salubridade, abundância de águas correntes, e feracidade do solo, apresentava vantajosissimo prospecto, e mandou organizar um corpo para esses logares, meio militar, meio agricola, concedendo ás suas praças consideraveis vantajens.

E pois que falâmos em territórios, considerados desde muitos séculos como quartel-general da escravidão, diremos que, após 80 annos de diligências para se-pôr termo a similhante tráfico, cabe ainda em tal assumpto grande honra ao reinado do Sr. D. Pedro. No próprio anno da sua exaltação fôra, por portaria, ordenada a prohibição de saída de negros, debaixo da denominação de colonos, de Moçambique, determinação mandada energicamente vigorar, a despeito das representações do próprio governador geral da província. No anno immediato, aboliu o estado de escravidão no districto de Ambriz, desde o rio Lifune até ao rio Zaire, e nos territórios de Catrinda e Molembo. Em 1857, mandou considerar livres todos os escravos que intrassem em ancoradouro de Portugal, Madeira ou Açores, India e Macáo, transportados em navios portuguezes ou desimbarcados de estrangeiros, etc. Querendo porém atacar a instituição na fonte, decretou em 1856 que os filhos de escrava, ulteriormente nascidos, fôssem li-

vres, servindo todavia até á edade de 20 annos aos senhores de suas mães, sendo estes obrigados a alimental-os e educal-os, e estabelecendo-se o systema da indemnização, devendo aliás os menores de 7 annos acompanhar suas mães, e dando-se novos poderes ás junctas protectoras dos escravos, creadas por decreto de 14 de dezembro de 1854. Novas providências, cada vez mais restrictivas, foram promulgadas, em 28 de octubro de 1857, até que, por decreto de 29 de abril de 1858, foi fixado para a inteira abolição do estado de escravidão em todas as províncias portuguezas do ultramar, sem excepção alguma, o dia 29 de abril de 1878, promettendo-se uma indemnização a quem então ainda possuir escravos. Eis-ahi até onde se-estendia a caridade, convertida em benefícios e bençãos sobre vastas populações.

O seo respeito sincero, profundo, convicto á religião sancta de nossos paes, nunca em pensamentos, palavras nem obras deixava de o-patentear. Quão real era essa crença, resulta da avidez com que de seos lábios saíam as consolações para os outros e para si mesmo, nos dias de grandes provações, em que só invocava o bálsamo da fé. E porquanto seos generosos sentimentos se-convertiam sempre todos em corollários prácticos, as cousas da egreja chamavam a sua mais desvelada attenção. Bem revelara elle esse pensamento, quando, antes de impunhar o sceptro, quiz primeiro ir á presença do chefe visivel da egreja, do pae dos fiéis, para que sobre o seo reino e o seo reinado derramasse as suas bençãos. Com o mesmo paternal affecto lhe-correspondeu sempre o SS. Papa Pio IX, aproveitando as occasiões de o-demonstrar por factos. Elevando a Cardial o Núncio em Lisboa, Sr. Camillo di Pietro, mandou S. S. áquella côrte um monsenhor, auditor da Nunciatura, conde de Ledochowski, com ordem de depositar nas régias mãos o barrete cardi-

nalício, para que a imposição da insígnia de tão elevada dignidade fôsse feita por D. Pedro V, como se verificou com pompa, e filial gratidão d'el-rei.

Penalisava-o ver as incertezas e difficuldades suscitadas pelo estado, consuetudinariamente anómalo, do padroado portuguez no Oriente. Desde longos annos, pendiam negociações, que amiaçavam eternizar-se, gerando o risco de se-ir, no emtanto, inveterando o mal, a poncto de se-tornar irremediavel, perdendo-se de facto o padroado, emquanto se-discutisse especulativamente sobre o direito, e sobre assumptos secundários de circumscripção de términos. Acabou-se essa questão, com real vantagem práctica, e o padroado portuguez é hoje no Oriente incontestado em largas regiões onde até hontem fôra nominal. Tambem muitas aldeias, muitos milheiros de christãos, muitas egrejas reverteram á jurisdicção ordinária do real padroado portuguez, nas dioceses de Gôa, Cochim, Cranganôr, etc.

As novas necessidades da egreja oriental de Asia e Africa chamaram a real attenção para o pessoal ecclesiástico d'aquellas remotas paragens; augmentou as côngruas aos sacerdotes, quando do Estado da India fôssem servir nas egrejas da prelazia de Moçambique, dando-lhes mais passagens e ajudas de custo; aggregou-lhes magistério primário e secundário, etc. Cuidou nos seminários e em multiplicar essa phalange sagrada, tão urgente para que se não percam as alcançadas conquistas.

Outro tanto acconteceu no reino. Os estudos ecclesiásticos receberam impulso. Entre muitas disposições análogas, lembraremos a approvação do alvitre da Juncta da Cruzada, em 1857, dispondo dos convenientes meios para se-ministrar educação e instrucção á mocidade que se-dedica á vida ecclesiástica, em todas as dioceses.

Ao povo sem instrucção falta collectivamente o mesmo que ao indivíduo sem ella: complemento da sua natureza. Era o pão intellectual que o Sr. D. Pedro ambicionava

sobretudo distribuir aos seos (11). Amava como filhos as creanças; as outras creanças grandes, denominadas povo; finalmente os talentos demonstrados ou nascentes. Proclamava frequentemente que o insino elementar devia ser património de todos os cidadãos; que nos rudimentos intellectuaes deviam ser eguaes todos os portuguezes; que a nação dévia, a todos, os meios faceis de, pelo menos, penetrarem no pórtico dos conhecimentos humanos (12). Por isso, fez augmentar consideravelmente o número das cadeiras elementares; e, a expensas do seo bolsinho, creou uma eschola exemplar em Mafra, como honrosa dependência do régio paço; assistiu á sua inauguração, a suas solemnidades; dava os prémios por sua augusta mão; visitava-a inesperadamente; tractava com tal carinho essas creanças, que a nova geração via nelle Mecenas, Mentor e Pae.

Não lhe-merecia o insino superior menores cuidados. Todos os altos estabelecimentos de instrucção, desde a universidade de Coimbra, o-tiveram por ardente protector (13). Entre esses, um havia, tão contemporâneo do real mancebo, que ambos no mesmo anno foram nascidos: a Eschola Polytéchnica; bem era que, por tantos títulos, particularmente o-amasse. Nunca se-esquecerá a sofreguidão com que o Sr. D. Pedro, logo que subiu ao throno, reivindicou para si, em 1856, o incargo de laurear com os prémios académicos os jovens, da sua edade, qualificados, entre todos, como os mais dignos, pelo respeitavel corpo cathedrático da eschola.

Então proferiu esse imberbe, de 19 annos, um discurso, todo seo, tão profundo no pensamento, tão elegante nas fórmas, tão elevado na concepção e ao mesmo tempo tão práctico, que bastaria para aquilatar os dotes de tal intelligencia (14). Só depois de concluída essa leitura, é que os diplomas de prémio foram pelas régias mãos intregues aos beneméritos.

As largas vistas ahi reveladas, cedo começaram a obter práctica applicação, sempre por alta iniciativa. Era uso da generosa raínha, a Sra. D. Maria II, ceder espontaneamente ao Estado parte da sua dotação; outro tanto nobremente usava, e continua usando seo excelso consorte, que todavia na sua escriptura ante-nupcial havia adquirido formaes e permanentes direitos. Seguindo tão nobres pisadas, egual donativo costumava o Sr. D. Pedro V fazer annualmente; mas, com a mais paternal sollicitude, dava elle mesmo a parte de taes fundos uma applicação sempre illustrada, de modo que em seos donativos havia duplo mérito, do proprio dom, e do imprêgo a que o-destinava. Sirva de exemplo o decreto, do Sr. rei reinante, expedido pela mordomia mor a 31 de janeiro de 1857, dando 51 contos á receita geral do Estado, 30 contos para fundação de um observatório astronómico em Lisboa, e 10 contos para inriquecimento das collecções do Instituto Industrial da mesma côrte (15). Eis-ahi outras provas de particular predilecção por todos os ramos da instrucção nacional.

E pois acabamos de falar do observatório de Lisboa, diremos que essa concepção honrosa partiu do actual soberano quando capitão-tenente da armada, o qual tomou sob sua protecção o utilíssimo estabelecimento, denominado, por decreto do 1° de julho de 1856, *Observatório meteorológico do infante D. Luiz, da eschola polytéchnica*, (cuja história se-lê no *Diário do Governo*, do 1° de agosto de 1856, escripta pelo Sr. Dr. G. J. A. Pegado, seo sábio director). O Sr. D. Pedro, louvando a seo augusto irmão por este impenho, pondera que taes instituições hão merecido, sobretudo nos últimos tempos, o disvelo dos governos e das associações scientíficas; e que, animadas e desenvolvidas naquella parte do continente europêo, devem contribuir muito para completar as séries das observações, em que actualmente se-procede com afinco por mar e por terra; perpetuando-se

d'est'arte em Portugal os serviços, que a civilização já outr'ora lhe-devêra.

Depois de occorrer ás primeiras necessidades, pensou o nobre cultor das lettras em revestil-as de esplendor maior. Reconhecendo a vasta extensão dos meios de instrucção superior estabelecidos no reino, tanto para a sciência especulativa como applicada, notou todavia uma lacuna, que urgia preimcher. Graças á sua pessoal iniciativa, foi creado o *Curso superior de lettras*; d'elle emanaram o pensamento primitivo, o plano, a distribuição de matérias, o méthodo de insino; por elle foi estabelecida a regra do concurso para provimentos; por elle foram designados, para peculiares disciplinas, ingenhos da primeira plana (16); finalmente de sua real dotação saíam todos os dispêndios que originava esta sua, e tão sua, instituição.

Nem era só por tantas fórmas que o excelso príncipe promovia o intellectual desínvolvimento de seos súbditos. Nunca recusou auxílio a quem d'elle necessitava para instruir-se. Numerosos mansebos, que a fortuna obrigaria a renunciar as mais caras aspirações, viram estender-se-lhes a benéfica mão do Sr. D. Pedro, facilitando-lhes recursos para viajarem, ou se-aperfeiçoarem, ou cursarem escholas e universidades, nacionaes ou estrangeiras. O bemfeitor sempre elle; os beneficiados deploram hoje em córos a irreparavel perda.

Estes formosos actos não representavam sómente movimento espontâneo de uma alma sublime; eram tambem resultado de um systema civilizador. Assim o-revelou o augusto finado em seos discursos, os quaes tambem constituem valiosos traços physionómicos da sua biographia, porque nessas frequentes prácticas se-estampavam não menos os seos intentos que os dotes da sua alma. É de crer que esses discursos, obra toda própria e não de seos ministros, hajam de colligir-se, e não formarão certamente o menos valioso título para a honrada me-

mória do monarcha. Em todas as solemnidades que com sua presença era chamado a abrilhantar, a sua palavra predominava auctorizada, não tanto pela majestade do sólio, como pela do pensamento, aliás involvido nas mais amenas fórmas de um elegante estylo. Vigor, parcimónia, brilho eram as qualidades exteriores da idéa sempre sã, sempre honesta, sempre util, philanthrópica sempre.

E na execução dos programmas de melhoramentos de toda a espécie, a obra seguia a palavra. Entre esses se-distingue a viação pública, sendo innumeraveis os braços recentemente impregados nas estradas do reino. Os caminhos de ferro, hoje traçados em diversas direcções, datam ainda verdadeiramente d'este período, e abrem desde já á imaginação os esplêndidos futuros reservados á foz do Tejo, no dia em que por tal ligação com a Europa inteira, a posição topográphica de Lisboa lhe-restituir o sceptro commercial, que já impunhou, quando se-ostentava empório mercantil do universo, coração do commércio, centro de todas as transacções.

Essas vias férreas, que surgiam no reino em diversas direcções, redobrando-lhe a vida e animação, já até se-projectaram e contractaram para remotas possessões, pois as denominadas americanas fôram concedidas, para o reino de Angola, a uma companhia, auctorizada pelo Sr. D. Pedro. Tambem promovêra o estabelecimento de navegação a vapor para localidades importantes, como o archipélago dos Açores, e bem assim entre Lisboa e os differentes portos do Algarve, fazendo escala por Sines, mediante vantajens e subsídios.

Mal podem aponctar-se as importantes obras públicas, a que este reinado deu grande impulso. Innumeraveis braços se-occupavam nas estradas communs de todas as províncias; a perigosa barra do Porto foi altamente melhorada; a barra da Figueira, a ria de Aveiro, e outros

portos se-tornaram navegaveis; em Coimbra se-fizeram trabalhos; Lisboa ficou abundante de aguas potaveis.

Tambem data dos últimos annos o definitivo estabelecimento dos telégraphos eléctricos, innovação que a situação de Portugal na extrema occidental da Europa promette tornar de incalculaveis vantagens para a boa ordem e presteza do commércio marítimo do mundo(17).

Para pôr em contacto instantâneo com a Europa toda, não só se-tomaram todas as necessarias disposições internas, mas se-concluíu um Tractado mui previdente com a nação que tinha de ser forçada intermediária d'essas communicações.

É sem duvida a instituição dos morgados inseparavel de uma velha monarchia, e indispensavel para conservação do lustre da côrte e perpetuidade dos nomes de famílias distinctas; porém muitas vezes se-levantavam contra os abusos da instituição. Foi sob o govêrno do Sr. D. Pedro V que este grave assumpto se-regularizou, allodializando-se grande parte da terra escravizada, e tendo-se em vista, a um tempo, as conveniências das casas illustres e do povo.

Impostos onerosos, de longa duração, e de que o thesouro auferia consideraveis lucros, mas que avéxavam as classes pobres, prejudicando-as até na saude, foram abolidos. Assim acconteceu com o tradicional monopólio do sabão, extincto neste reinado, sendo deixado geralmente livre o seo fabríco e commércio. Outros impostos foram reduzidos.

Sob sua approvação e confirmação foram creados por todo o reino numerosos e valiosos estabelecimentos de caridade. Citaremos entre muitos, cujo pensamento foi dictado pelo mais alto impulso christão, o Asylo das raparigas desamparadas, da cidade do Porto, fundido no estabelecimento do Resgate e Livramento, para mulheres convertidas; formosa instituição, destinada a arrancar ao caminho da perdição as infelizes meninas in-

digentes, dando-lhes moralidade e instrucção, e salvando do abysmo tantas que a sorte procurava despenhar nelle.

Largos foram os estudos estatísticos, que o soberano considerava elementos indispensaveis para boa governação, e complemento práctico de theorias, de per si deficientes. Intendia, por exemplo, em matéria criminal, que debalde se-procuraria promover o aperfeiçoamento da lei penal; adoptar providencias policiaes, ou repressoras dos crimes; e melhorar a condição moral dos povos, não derramando a estatística criminal luz clara sobre os cálculos e as necessidades. Trabalhos foram ordenados neste sentido. Eguaes dados mandou colligir sobre circumscripção das freguezias; movimento da população; valor da propriedade; importância das contribuições públicas; número de aulas de instrucção primária e secundária. Finalmente em todos os ramos da administração geral do Estado, manifestava el-rei as suas tendências profundas, a ância de melhoramentos dignos de tal nome, isto é, em que a sancção práctica viesse consagrar as indicações da theoria. Intendia que o architecto, ao destruir, deve ter meditado e planejado a reconstrucção.

Fallecêra, em París, o incansavel visconde de Santarêm, sem haver completado o quadro de nossas relações internacionaes, e deixando valiosos escriptos relativos á importante obra da Historia da Cosmographia e da Cartographia na edade media, depois dos descobrimentos do século XV; obra que, segundo el-rei dice, havendo sido composta na língua franceza, e fructo de laboriosos estudos e investigações, muito para lamentar seria que, depois de publicados 3 volumes e de acabada uma preciosa collecção de cartas e mappas geográphicos, ficasse interrompida e suspensa; e porquanto em taes manuscriptos existiam elementos para se-completar o monumento, seguindo o plano do sábio auctor, designou para essa

honrosa tarefa uma penna, em todo o poncto digna do incargo, a do Sr. Mendes Leal.

Foi ainda neste reinado que a Portugal coube a honra de comparecer dignamente no concurso industrial e artístico de todas as nações, sendo-lhe conferido mui honroso logar na exposição universal de París.

Intendia o Sr. D. Pedro que o moderno systema de exposições revelava o arrebol de uma nova era, em que finalmente se-comprehende a importância d'estas grandes luctas do trabalho, ou antes banquetes da indústria, onde se-admittem as mais diversas iguarias, harmonizando o interêsse público com o privado, imprimindo vigoroso impulso a fabrícos nacionaes, despertando entre os productores tão honrosa como util emulação, apresentando ora requintes de luxo e obras-primas de execução, ora innovações que simplificam antigos processos, ora outra natureza de progressos que introduzem ao seio da classe pobre a commodidade, a saúde e a alegria. E d'estes meios de animação assentou o sábio rei ser em Portugal a indústria agrícola (a principalmente laureada no grão concurso anterior) que mais urgentemente lhe-devia invocar a attenção. Ainda hontem, pois, lemos as jubilosas descripções da real visita á *Exposição Agrícola* da cidade do Porto, onde el-rei practicou quanto d'elle dependia para incentivo e esplendor da producção.

Da cidade do Porto, falâmos; do berço da liberdade e da pátria; da terra sancta onde se-conserva o coração do Sr. D. Pedro IV. Não podia o augusto neto do libertador deixar de amar esses muros com intranhado affecto. Assim lh'o-quiz demonstrar sem olhar a sacrifícios nem a considerações; desejoso de residir com frequência em terra tão leal e tão heroica, mas repugnando-lhe o ser por qualquer fórma pesado, adquiriu um novo paço na segunda cidade do reino, afim de patentear á invicta povoação quão doce lhe-era viver em seo seio, como em família querida.

E com effeito nestes ultimos tempos adoptava Sua Majestade o uso de percorrer o seo reino em todas as direcções. Não havia, em excursões similhantes, propósito de leviana distracção inutil; era sua mente, ainda ahi, desimpenhar-se de suas obrigações; ouvir por seos ouvidos; vêr por seos olhos; apalpar por suas mãos; remediar por suas palavras ou por seos actos.

Digna de estudo era, porém, a attitude do povo, em presença do seo monarcha. Basta ser poderoso, e rei, para que geralmente as mil fallazes demonstrações exteriores de respeito se-reproduzam: sinos, canhões, girândolas, clarins, thuríbulos, nada d'isso tem uma alma; move-se tudo á mão official; são muitas vezes flores mentidas, com que se-adorna um cadaver de affectos. Mas outra attitude ha (raras vezes) com mui diversa significação: é quando o povo accorre pressuroso e espontâneo; quando calca muitas léguas para ver o seo chefe; quando o victoría jubiloso; quando nos labios se-lhe-pinta o surriso da confiança e do amor; quando dos corações lhe-trasborda profundo sentimento de bemquerença. Era este o acolhimento que o Sr. D. Pedro incontrava em toda a parte. Suas primeiras visitas eram aos hospitaes, ás prisões, aos estabelecimentos de beneficência, ás exposições, ás fábricas, ás bibliothecas, aos musêos, ás escholas, semiando por toda a parte a animação, o louvor, ou a censura branda, o quasi rogo de melhoramento. (18)

A paz e a prudência de tal governação produziu os naturaes effeitos de confiança; a confiança gerava a riqueza particular e nacional. As commodidades do povo geralmente se-augmentaram, e um dos thermómetros do melhoramento real, elevação das rendas públicas sem aggravamento de impostos, veiu tornar mais folgados os cofres do Estado, e mais esperançosa a sua situação financeira.

Não progridamos em similhante enumeração, pois que não emprehendemos biographia, antes a simples traços largos limitamos este Esboço. O que tammanhas cousas

sobredoura e corôa, é que todo esse despeado e decisivo marchar, na estrada amplipatente do progresso, nunca representou um prancto, uma perseguição, um acto arbitrário, um ataque á dignidade humana ; nunca se-presenciou mais cordial consórcio do podêr e da liberdade. O Sr. D. Pedro V, tendo de sua mãe bebido o leite constitucional e considerado obrigação sagrada o juramento que prestara, havia tomado a peito tornar as instituições uma verdade (19). Sinceramente crente na religião de seos avós, em que tantas vezes achara confôrto e amparo contra as iras do destino, obedecia submisso a Deus no céo e ao dever na terra. O dever era, a seos olhos, a fiel execução dos compromissos, ainda quando sentia cercear-se-lhe o poder, ou contestarem-se-lhe os direitos. (20)

Eis ahi, pois, parte do que occorreu, durante os curtos annos de tão atribulado govêrno. Por ahi avaliando, imagine-se o que viria a ser tão circumspecto reinado, se as circumstâncias se-houvessem levantado; se experiência e vida tivessem robustecido os dotes do soberano ; se uma pavorosa calamidade não houvesse assim prematuramente condemnado a pátria á viuvez.

VIII

O Sr. D. Pedro considerado como cidadão e como homem. Sua probidade. O rei constitucio Suas idéas liberaes e sobre varios assumptos de govêrno. Certa timidez proveniente do sol humano typo da perfeição que para si creara. Sublime amor da pátria. Influencia d individualidade nos futuros da nação. Seos principios de egualdade. Abolição do tribut beija-mão. Caridade revestindo todas as formas. Prisões. Esmolas. Seo procedimento rante a invasão da febre amarella e do chólera. Anecdotas. Fome. Commissões, e rec pensas. Medalhas que por taes motivos lhe-foram conferidas pelo povo. Grandeza de dema tal.

Perpassámos ligeiramente alguns dos successos d oito decorridos annos, successos nos quaes vantajos mente se-reflectia a nobre alma do finado rei. Em vári d'elles, porém, póde suppôr-se que a iniciativa do sob rano significasse sómente a altura de sua intelligência b néfica, o impulso de uma grande cabeça. Vejamos o outras sympáthicas qualidades, as do coração, revelad por mil factos eloquentes; observemos o homem, despi a púrpura.

Distinguia-se, antes de tudo, o admiravel mansebo, p aquelle senso moral de rectidão, por aquella severa ob diência aos preceitos da justiça e da moral, ás virtudes r ligiosas e civis, por aquelle complexo de altas qualid

des, que se-cifram na palavra *probidade*. Se a probidade é a virtude dos pobres, se a virtude é a probidade dos ricos, alli se-fundia em uma só alma quanto possa abrilhantar as mais afastadas regiões sociaes. Vêdes vós o oceano? Vêdes essa incommensuravel mole das águas, formada pelo tributo de milheiros de regatos e rios, alimentada pela restituição de seos proprios efflúvios e evaporações? Assim o oceano da probidade: constitue-se das diversas virtudes, confluindo todas para um centro, e vai-se depois perennemente alimentando de sua própria essência.

Suppre esse vocábulo todos os que representam os dotes parciaes; nunca houve lábios que ao Sr. D. Pedro V recusassem applical-o! E que não deveria aguardar-se de quem era, a um tempo, instruido, intelligente, corajoso e probo? (21)

Imbebido nos princípios do século em que nasceu, e incarando as instituições, não como quem tem vital interêsse em certa ordem de idéas, mas como quem, estranho aos resultados, as-estudasse como philósopho, tomou o Sr. D. Pedro a fórma representativa da monarchia como a mais conveniente equiponderação das pertenções antípodas, e nunca houve quem, com mais fundamento, devesse denominar-se, por excellência, o *rei constitucional*.

Nunca deixou de aproveitar quantas occasiões se-lhe proporcionavam, especialmente nos seos discursos nos anniversários da outorga da carta, para desinvolver as theses mais liberaes, com todo o calor da convicção, e brilho de seo elegante estylo (22). Das idéas geraes descia frequentemente ás especialidades, como quando celebrava a organização da camara dos pares superior ás mutações diárias da scena politica, e mantendo o respeito do passado em equilíbrio com as anticipações do futuro (23); ou quando representava á camara municipal de Lisboa a conveniencia de reconsiderar as suas aspirações, ao crer possivel, num regimen constitucional, a restituição aos antigos foros do municipio (24).

Em política como em moral, na vida pública como na privada, nos grandes projectos como nas pequenas acções, formara aquella alma cândida para seo uso um typo de perfeição, tão superior a limites humanos, tão imaginário, tão impossivel, que até consciência angélica, como a sua, vergava ao pêso de uma aspiração irrealizavel. Esta desconfiança de si mesmo, esta persuasão de ficar aquem de seos deveres, imprimia ao seo character uma espécie de branda timidez, graciosissima e adoravel para quem sabia traduzir-lhe o impulso que a-originava. O honesto mansebo phantasiava um complexo incommensuravel de deveres; impunha a si mesmo a responsabilidade dos successos, exteriores a seos esforços e vontade; sem se-gloriar do bem que d'elle dimanava, imputava a si quaesquer caprichos da sorte; aspirava ao immenso; alcançava o muito; julgava-o nada!

Amor da pátria, febre sublime que em seos accessos até não raro da natureza triumpha, occupava inteiro o peito do rei magnânimo. Não significava nelle essas vistas estreitas do campanário, que só denomina pátria a província, a cidade, a aldeia onde se-nasceu, ou o círculo mesquinho de interêsses lilliputhianos em que alminhas barafustam, imboccando a tuba épica para as suas microscópicas odysséas; não, a pátria de D. Pedro abraçava todos os campanários, todas as cidades, todas as províncias, todas as regiões, confundidas em um só amplexo, grandes ou pequenas, próximas ou remotas, gloriosas ou obscuras.

E em verdade, que, na sua inaccessivel altura, mais facil lhe-era do seo sol de luz despedir raios que coroassem todas as tôrres como todas as praças, todas as eminencias como todos os valles. Sobranceiro a todas as facções, nada tendo d'ellas que esperar, a não ser concurso para seos grandiosos projectos, girava em esphera superior, astro supremo sem satéllites, e que só por benéficos dons se -revelava.

Não se-comparte naquellas órbitas a amovibilidade dos homens de partido.

E quando um soberano recto se-incarna em sua missão, quando personnifica uma situação distincta, nada mais eloquente do que esse evangelizar pessoal e práctico, do que essa synthese humanada. Valem taes vultos mais que o immenso propugnar theórico, porque os povos comprehendem melhor as idéas nos homens que os homens nas idéas; porque até a propria religião se-resente, quando não são dignos d'ella seos sacerdotes e ministros. Se a gratidão é, pois, a memória do coração, cumpre que nunca esqueçam o nome do illustre finado quantos amam a pátria e a liberdade. Cumpre, ao contrário, termos bem presentes ao espirito os seos nobres conselhos; bem póde ter voz auctorizada, ao prégar deveres, quem sempre os próprios soube acatar; mais val olhar para as obrigações contrahidas que para os direitos conquistados (25).

Como que se-invergonhava de ser, em hierarchia, superior aos mais homens aquelle que já pela cabeça e pelo coração o-era á immensa maioria. Pezavam-lhe as condições exteriores da realeza; e nunca mais accomodadamente a seos gostos se-achava do que quando lhe -era possivel, incógnita e burguezmente, pôr-se em contacto com desconhecidos. Levou tal repugnância a poncto de proscrever o tradicional tributo do beija-mão; receava que houvesse algum fundamento na classificação de tal acto por incompativel com a dignidade humana, como se um rei não devesse ser um pae; como se a um pae se não beijasse a dextra; como se um soberano, incarnação de uma nacionalidade, não devesse receber, dos que essa nacionalidade prezam, outro e mais alto testimunho de aprêço que um cidadão qualquer; como se as condições extrínsecas de cortezia convencional prejudicassem a nobreza e pureza dos sentimentos do homem. Ninguem lhe-pediu tal abolição; proveiu toda de iniciativa sua.

Todas as misérias humanas tinham jus, naquelle coração angélico, a um largo quinhão de dó. Em suas excursões era frequente dirigir os seos primeiros passos ás cadeias, onde numerosas occurrencias se-deram, que muito honram o real mansebo. Não terá esquecido a delicadeza com que, no Porto, visitando os cárceres da Relação, manifestou vivo desejo de conhecer um dos escriptores cuja penna admiravel o-colloca na primeira plana, o Sr. Camillo Castello-Branco (posteriormente absolvido de imputações), a quem dirigiu palavras affectivas, e exprimiu o pezar de ser em lugar tal que o conhecesse. Em 1858, concordou o Sr. D. Pedro nos inconvenientes da accumulação dos presos em espaço limitado, onde se-lhes-aggravava o já cruel destino, privando-os de confôrto e commodidades, e amiaçando-lhes saúde e vida, e na necessidade de separal-os convenientemente, segundo os crimes, edades, sexos e outras circumstancias; provendo finalmente á sua segurança e moralidade, exercida a necessária vigilância e polícia. Nesta conformidade, determinou que se-executassem suas illustradas ordens. A liberdade e a caridade eram as verdadeiras guardas de honra, os verdadeiros alabardeiros d'este rei!

O fim da religião, o dourado e azul celeste das virtudes, compêndio e epítome da lei, é a caridade. Das mil fórmas que ella reveste, nenhuma era estranha á régia munificência. Era a esmola do ouro, a esmola do perdão, a esmola do auxílio, a esmola do conselho, a esmola da animação, a esmola da benevolência, a esmola da instrucção...

Affirmam que, após seo passamento, foi achado um livro secretissimo, onde elle lançava as indicações dos auxílios que tinha a distribuir, e que abrangiam innumeraveis pessoas e famílias. Diz-se mesmo que o nobre mansebo, sabedor de que seo tio, sr. D. Miguel de Bragança, soffria privações no exílio, contribuía com pin-

gues mezadas, a minorar-lh'as (Servimos de écho, por ser este acto mui honroso á memoria do finado, e não desairoso por certo á do seo illustre parente). O certo é que, sendo parcos os seos gastos pessoaes, régia a sua dotação, e avultado o seo património, falleceu individado! Taes as consequencias de sua extrema liberalidade, e de seos quotidianos actos charitativos.

E é neste logar o commemorar do procedimento sublime do adoravel mansebo, em occasião solemne, que nunca mais se-riscou da recordação de uma géração agradecida. Invadira uma peste hedionda a capital do reino; o terror universal era coroado por prancto, desolação ou morte; não bastavam os braços dos vivos para sepultar defunctos; ceifava a medonha fouce, indistinctamente e incansavel, em quaesquer edades, sexos ou posições; minotauro feroz que nenhuma carne humana saciava. Lisboa, foco dos deletérios miasmas, achava-se já quasi desamparada; ruas inteiras, aliás já dizimadas por esta medonha hecatomba humana, tinham fechado todas as portas de suas casas. Até os impossibilitados de largarem seos lares, fugiam da vasta conflagração, indo a outras paragens beber ar não mephytico, adquirir jus a viver, impetrar a um Deus irado o desarmamento da sua cólera. Foi uma geral emigração, na qual tomaram parte altas personagens, que, ainda quando fôsse para serem arcabuzados, do seo pôsto de honra, do seo poste se não deveriam desagrilhoar.

E em presença do inimigo indomavel, Pedro V não fugiu! Ao contrário, arremetteu com elle; provocou desarmado o tão prevenido e apparelhado gigante. Quando todos fugiam attónitos da infuctada cidade, o rei que estava residindo no seo Paço de Cintra, e longe do perigo, voltou immediatamente para o centro d'elle; e desde então, nem dobre de sinos, nem as fúnebres procissões de todos os momentos, nem a amiaça de geral anniquilação, o-fizeram trepidar.

Qual é a ponta do cóne, onde se-concentram os reflexos do espelho ustório? Qual o centro para onde convergem de toda a superficie os raios de morte? Os hospitaes? Pois bem; para elles se-mudou o paço régio. Quem quizer falar ao monarcha, procure-o no logar do infermeiro. Suas salas de docél são infermarias; os áulicos são os doentes; os discursos de lisonjeiros são os gemidos do moribundo; throno, a maca do hospital; púrpura, o cobertor que estende sobre um corpo regelando-se; e a mão affeita ao sceptro recebe segunda e mais alta sagração, apertando, para animal-o, a mão do pobre.

Não cabe neste apertado espaço descer a pormenores, por mais que attractivos nos-arrastem; todavia tomaremos aqui dous, entre innumeraveis successos análogos, ambos occorridos quando o flagello arrebatava víctimas aos milheiros. —Um dia, intrava elle num hospital, onde já raros servidores, e com terror manifesto, se-prestavam a funccionar. Observou, ao fundo da infermaria, um homem de côr acobreada, curvado sob um corpo, medicando-o e friccionando-o. Aproximou-se-lhe sem ser presentido; ninguem mais havia de pé nessa infermaria. Observou attentamente esse homem, que absorpto na sua obra de misericórdia, e não suppondo ter senão a Deus por espectador, buscava galvanizar um cadaver, que teve a fortuna de restituir á vida.

— « Quem é o Senhor? » perguntou el-rei.

— « Sou médico. »

— « É médico da minha câmara (respondeu o real mansebo), e meo amigo, se me-permitte esse nome », dice, estendendo-lhe a mão. Desde então, esse honrado facultativo foi sempre o bem-vindo de toda a família real; e ainda ultimamente o chamado com a maior confiança nas mais graves crises. —Noutra occasião, observando que o infermeiro, ao passar por um soldado, lhe-cobríra o rosto com o lençol, e respondendo-lhe aquelle que o soldado acabava de expirar, apalpou-o e sentin-

do-lhe ainda calor, auscultou-lhe o coração que ainda batia; no mesmo instante, despiu el-rei a farda, e arregaçando as mangas da camisa, poz-se a esfregar o doente, mandando logo vir synapismos e medicamentando-o com tanta fortuna, que o já desamparado foi restituido á vida, e dentro em pouco á saúde (26). Basta; seriam interminaveis os rasgos heroicos de el-rei nessa occasião solemne, e todos elles practicados com a singeleza do verdadeiro valor.

Oh! página é essa que não precisa escripta nem em livros nem em bronzes, pois se-perpetúa, para nunca apagar-se, na memória dos povos, a despeito do rolar das gerações (27).

As grandes calamidades nunca vem sós. A febre amarella, produzindo a suspensão de todos os serviços, a fuga de innumeraveis habitantes, a prostração ou falta de braços, geral torpôr, originou uma grande crise de subsistencias, e já a fome amiaçava accompanhar a peste, tambem com o seo fúnebre cortejo. Os soccorros do soberano chegaram a grande numero de casas já taladas pela molestia e pelas privações. Depois, creou commissões compostas dos caracteres mais conspícuos por sua caridade, para attenuarem o padecimento das classes menos abastadas, facilitando-lhes os meios da alimentação, gratuitamente, ou com dispêndios ínfimos.

Exultava de prazer, vendo seguidos seos exemplos, como se-colhe de um, entre muitos exemplos. Tomando em consideração os notórios actos de beneficência e devoção cívica, exercidos pela Associação Commercial de Lisboa, durante a febre amarella, sollicitando fervorosamente, e obtendo da caridade pública valiosos donativos com que acudiu á indigência das classes desvalidas, deu a essa corporação um testimunbo de reconhecimento nacional e de seo particular apreço, conferindo ao conselheiro João Honorato Ferreira, seo presidente, o titulo de visconde de S. Isabel. E depois de haver tão lar-

gamente, e por tantas fórmas, dado tão salutares exemplos, concedeu, no anno económico de 1858—59, além de outros donativos, o de 30 contos de réis, que mandou pôr á disposição da Sociedade Protectora dos Orfãos desvalidos das victimas do cholera-morbus.

Phenómeno! Durante o reinado d'esse admiravel joven, mais do que nunca as duas realezas se-confundiram: ao passo que elle, rei, se-fazia povo, d'esse povo fazia rei. Bem era que o novo soberano gosasse as regalias majestáticas, e até entre essas a de fazer mercê, e galardoar virtude com distincções honoríficas. Vejamos:

Foi a excursão do Sr. D. Pedro V e seos irmãos, em fins de 1860, ás provincias do Alemtejo, Beira e Minho, uma continuada ovação. D'entre os mil sympáthicos successos d'essa jornada, sobresai a scena occorrida na segunda cidade do reino, e digna de ser perpétuada em quadro de um Raphael. Ousára a Sociedade Humanitária Portuense resolver que ao rei fôsse conferida a medalha de ouro, que elle ganhára pessoalmente, não como soberano, mas como homem e cidadão. Pedro V, o Grão-mestre de todas as ordens portuguezas, o grão-cruz do Cruzeiro e de Pedro I, de Leopoldo, do Leão, da Aguia Negra, de Santo Estevam, de Ernesto Pio, do Falcão Branco, da Corôa, da Legião de Honra, de S. Fernando e Merito, da Jarreteira; o cavalleiro da Annunciada e do Tosão de Ouro, pareceu mais satisfeito com essa medalhinha popular que com todos ess'outros ostentosos títulos de grandeza. Não só acceitou jubiloso, mas quiz dar á sua acceitação insólita publicidade. Foi elle mesmo ao edificio da Praça do Commércio; ouviu as palavras de animação e prémio que lhe-dirigiu um súbdito, recordando os seos feitos durante a febre amarella; o vice-presidente da Sociedade Humanitária respondeu-lhe com effusão; e então foi visto o rei, o neto de trinta reis, curvar-se ante esse representante do povo agradecido, para receber a preciosa grão-cruz! Duas decorações acceitou d'essa

natureza; bem haja o elevado pensamento que as-collocou ambas como unicos ornamentos do régio ataúde!

Venerandos sólios e diademas são estes! Assentam não em ostentosas vanidades, não em signaes exteriores, ou emblemas phantásticos. Permitte muitas vezes a Providência que as corôas caiam ao acaso em berços menos dignos; felizes os povos, quando a medida da cabeça real se-adapta perfeitamente á grandeza d'essa corôa, não já então dádiva de acasos, mas de um destino amigo.

IX

O Sr. D. Pedro considerado em relação á familia. A rainha D. Stephania. Foi esse consorcio o único relâmpago de felicidade para o rei. Morte da rainha. Origem do transito d'ella, e do Sr. D. Fernando de Bragança. Anecdotas. O Sr. D. Pedro V morre pela familia. Eram sua familia todos os Portuguezes.

E o lar doméstico? Família é essa cujo limiar é possivel, é dôce traspassar affouto. Virtudes, ventura da prole nascem, o mais das vezes, da mãe e do pae; quem se-compraz no seio da família, a todas as outras sociedades a-prefere. Os progenitores dos príncipes desde a mais tenra infância lhes-incutiram, com todas as máximas do dever, o intenso amor dos seos.

Um dia chegou em que el-rei, cedendo aliás ao impulso do coração, e fazendo escolha digna d'elle e do seo throno, pediu para consorte uma angélica princeza. (28) É a casa de Hohenzollern das mais antigas entre os soberanos da Allemanha, pois descende de Tassilão, que no século VIII era duque de Baviera. A ella póde bem applicar-se o motto de uma familia portugueza: *Reges a nobis et non nos a regibus,* porquanto, dos dous filhos de Rodolpho II, no século XII, foi Conrado chefe da linha de Francónia, que produziu os eleitores de Brandenburgo,

depois reis da Prússia, e Frederico de Hohenzollern, cujo descendente, Carlos II, segundo filho de Carlos I, fundou no século XVI a casa especial de Hohenzollern-Sigmaringen; Estado cedido, sim, á Prússia, em 1850, mas sem detrimento da nobilíssima posição d'essa família entre as casas soberanas.

Não era o lustre de tão preclaros avós que tornava a Sra. D. Stephânia objecto de universaes sympathias; era sua amabilidade, candura, innocencia, caridade, esses dotes emfim que (...quantos cadáveres em dous annos!) faziam que da rainha *então finada*, podésse dizer o seo inconsolavel viuvo, *hoje finado*, ao seo mórdomo-mór e marechal duque da Terceira, egualmente *hoje finado*, estas memoraveis e verídicas palavras: «*Era um coração para a terra e um espírito para o céo.*»

Pouco mais de um anno conviveram junctos esse par, tão feito um para o outro, quasi nascidos em egual dia, fallecidos com pouco intervallo, e durante sua transitória cohabitação no mundo, tão unidos sempre que constituiam uma só vontade, uma só aspiração. (29) A prematura perda d'esse anjo, a quem o Sr. D. Pedro V devêra os únicos dias jubilosos de sua vida, foi o mais tremendo golpe que, entre tantos, o-traspassou; desde então, nunca mais se-lhe-entreviu sequer um surriso nos lábios; a dor se-lhe-aninhou permanente e funda no coração, e nada tanto ambicionou alma tão crente, como o instante da sua alforria, para ir na verdadeira pátria aggregar-se, sem receio de novas separações, ao que na terra tanto amara. Foi ainda na religião que o piedoso príncipe descobriu o único balsamo para tão incomportavel dor. Eis-aqui algumas palavras por elle choradas na já citada carta:

« —*É raro ter conhecido a maioria das desgraças, na edade aberta ás ambições e ás illusões, de que aquellas costumam proceder. Nos quatro annos do meo reinado,*

eu e os meos povos temos sido companheiros de infortúnio. Diz-me a consciência que nunca os-abandonei. Não me -abandonam elles hoje, que procuro um confôrto, e quasi o não incontro senão na religião, que manda crêr e esperar, e nas lágrymas que se-confundem com as minhas. »

Como essas sentidas palavras partem do coração! que melanchólica resignação não resumbram! que profunda convicção não denunciam de uma melhor e eterna vida! (30)

A alma amantíssima do Sr. D. Pedro V ousava imputar-lhe a crime, remordel-o, responsabilisal-o pelo prematuro do passamento da consorte adorada. Não comprehendia elle distracções nem deleites, senão em companhia d'ella; a raínha egualmente só se-considerava feliz ao pé do idolatrado esposo; um dia funesto, em que as suas obrigações públicas o-chamavam a um serviço fóra da capital, a inseparavel raínha seguiu-o e ahi colheu o germen da morte, que em breves horas a-prostrou.

E' morta a esposa! Adeus esperanças, terrestre amor, illusões, vida. Ahi vai correr essa existencia como natúreza desalumiada de sol; incolora; inerte; fria. E todavia importa concentrar dentro do peito lágrymas que escaldam, corrosivo desespêro! Quem sabe se as suas posteriores viajens não significavam tambem, alem de um cumprimento de deveres, o desejo de arrancar-se aos logares que lhe-recordavam uma felicidade fugitiva como sombra? Muitas vezes, fugindo a todos os homens, se-imbrenhava em sítios melanchólicos, a sós com a natureza e o coração. Ahi iria sentar-se ante a fonte em que misturaria os choros, no seio de floresta com cujo cicío confundiria os suspiros. Ahi, prodígios da imaginação! passearia ainda com ella nos prados; conduzil-a-hia á margem do rio; ririam junctos esperança e amor, em brando collóquio á sombra de árvore amiga. Só Deus era confidente do que ia naquella alma. Tudo na creação lhe-avivava os dias saudosos: passeios que, entrelaçados os braços, frequentaram,

bosque onde se-penetrou, ramo que lhes-roçou na fronte, hervinhas que lhes-beijaram os pés, cascata que lhes-descantara delicias do coração com voz dôce e mysteriosa do próprio Deus; sol pôsto que outr'ora contemplaram; creancinhas que haviam respondido com bençãos e votos a dádivas e beijos; essas mil nihilidades, de que a felicidade se compõi, resurgiam ao inluctado espírito na solidão, como reminiscências queridas dos dias apagados. Oh! como devia tractear áquelle amoroso peito a necessidade de viver vida tumultuosa, sempre rodeado, espreitado, seguido e perseguido! Sua mente cândida houvera, sem dúvida, preferido o deserto; e pois que *a Ella* já a terra não poderia restituir, houvera lá comprehendido o desditoso a linguagem mysteriosa das águas que espadanam, das folhas que se agitam, das aves que gorgeiam; o aroma das flores; o azulado longinquo da montanha; a sombra da árvore gigantéa; os arcanos do crepúsculo; todo esse idioma soberbo que raros comprehendem, mas que intôa hymnos para quem medita, pôi em commércio o espírito dos vivos com os dos que não são, ou a quem padece oscula consolações.

Afastemos os olhos do quadro tristíssimo. Morreu a raínha: por não querer separar-se do marido, foi buscar a morte! como talvez elle, por não poder viver sem ella, apressou a sua ascenção á pátria, á região das ineffaveis delícias. Pobre viuvo! No aposento, que ella tão poucos dias alegrara, e onde as recordações tão brandamente o prendiam, havia um retrato da angélica princeza. Não passava um dia que deixasse de contemplal-o extático. Cada manhã tecia, por suas mãos, a capella de flôres com que elle mesmo circumdava essa querida imagem, na qual a ninguem mais era lícito tocar!

Successos assaz similhantes originaram as catástrophes que hoje deploramos. Quizeram estar unidos; o sol a-mactou. Agora, quizeram os irmãos estar junctos; miasmas arrebataram dous, salvando-se o terceiro a custo!

E porque se-apressou o virtuoso rei a levar seos irmãos queridos para longe dos paços de Lisboa? ainda por motivos eloquentes para revelarem a pureza d'aquella alma ingénua.

Eram as duas lindas, virtuosas e adoraveis princezas a alegria d'aquella casa, o ídolo de toda a real família. Já a separação da Sra. infanta D. Maria Anna havia vasado a tristeza em seos augustos pae e irmãos; mas a recente partida da Sra. D. Antónia, prancteada por uma côrte inteira, inluctára totalmente os ânimos dos príncipes.

Os Srs. D. Luiz e D. João haviam acompanhado a egrégia noiva á sua nova residência.

O coração de el-rei estava ferido d'esta nova separação e bem assim da afflicção que se-revelava nos prostrados ânimos dos jovens infantes, Srs. D. Augusto e D. Fernando, que em seos tenros annos padeciam atrozmente, vendo quasi desertos os paços, ainda hontem povoados e testivos. Foi principalmente para arrancar seos irmãos ao theatro de suas saúdades, para lhes-proporcionar distracções, que o Sr. D. Pedro os-convidou a uma excursão no Alemtejo; foram.

Infelizmente ahi a pouca precaução dos reaes viajantes; o abuso do que consideravam constituições robustas; as alternativas de noites inregeladas, sóes ardentes e chuvas não evitadas; e por sobre tudo a inhalação mephytica de miasmas em logar insalubre, tudo isso occasionou os horrendos acontecimentos. Não valeu o cuidado com que, pouco antes, se-haviam procurado estudar e remover estas causas de destruição; estavam destinadas a arrebatar tão eminentes e preciosas vidas! (31)

Os dous infantes regressaram a Lisboa dous dias primeiro que seo real irmão, o qual voltou egualmente atacado. O Sr. D. Pedro ia em visiveis melhoras, quando a parca arrebatou o Sr. D. Fernando; para logo recrudesceu sua infermidade, já então gangrenada pelo influxo moral (32). Nesse dia se-lhe-ouviu dizer:—« *Por muito*

amar minha mulher, fiz que ella me-acompanhasse; mactei-a. Por muito amar meos irmãos, fiz que elles me -acompanhassem; mactei-os. E' preciso que eu morra; morrerei! »

Eis-ahi como elle amava a família. Foram por egual, mãe, pae, mulher, irmãos, ídolos de suas adorações. Tal foi a intensidade d'esse affecto, que nem duvidou dar a vida, só pelo cavalheiroso remorso de imaginária culpa!

E se foi por sua família que elle se-mactou, lembremo' -nos de que foi por nós todos, pois num seo eloquente discurso, recitado perante o parlamento, usou Sua Majestade estas indeleveis palavras: « Intendo pagar uma dívida do coração, renovando no seio da representação nacional o testimunho da minha gratidão a *um povo que, sem receio, posso dizer a minha família.* (33) »

Orgulhosos acceitamos tão lisonjeira designação. Era da família de nós todos, o irmão que sentia as nossas dôres, o pae que as-tentava remediar.

X

A afflicção é muitas vezes o prémio dos bons. Physionomia melancolica do rei, servindo-lhe de prematuro epitáphio. Suas infelicidades em tão curta vida. Berço agitado pelas revoluções. Orphandade precoce. Perde a companhia da mãe, da esposa, das irmãs, do irmão, sem que ao menos podesse consolar se abraçando um filho. Cuidados externos, especialmente com a França e a Hispanha.

Inexcrutaveis juizos da Providência! Mal póde justiça humana comprehender como o exercício das virtudes, o exemplo da moralidade, o supremo culto do dever, hão de acompanhar tantas vezes a máxima infelicidade terrestre! Não são balanças humanas para pezar divina justiça.

Bem nol-o explica o docto bispo Amador Arraes, ponderando o como Deus tolera que os bons sejam affligidos. Não resplendece a virtude, diz, senão quando mostra seo exfôrço e valentia em grande soffrimento, pois é escura e quasi indigna de louvor quando, não tendo adversários, sem nenhuma contradicção vence. E esta a rasão, por que Deus permitte que não haja desastre, que não vá buscar os bons; nem mofina que não pareça correr trás elles, e dar de rosto á sua virtude. Favor

divino é, que chovam nesta vida em dôbro sobre os justos as águas dos trabalhos, para que partam exercitados e apurados, como pedras desbastadas e lavradas ao picão, quadradas e justas, quaes convém sejam para se-pôrem no edificio do templo da celestial Hierusalem, onde o mestre da obra não faz mais do que assental-as. Quer Deus que lhe-sirvamos aqui de trombetas de seos louvores, forjadas e feitas ao martello da afflicção; qual foi o pacientíssimo Job, que, quando mais affligido e perseguido de seos adversos, dice:

« *O Senhor me-tinha feito mercê do que ora me -tirou; cumpra-se sua vontade e seja bemdicto seo nome!* »

Assim podéra tambem bradar o malaventurado rei, tão desconhecedor de deleites, tão a miude visitado com trabalhos e contrastes.

Não raro insculpe Deus na physionomia de predestinados um como prematuro e fatídico epitáphio. Havia no semblante, suave porém melanchólico, amigo porém severo, do excelso mansebo, uma como inscripção sepulchral. Leríeis alli as rugas temporans de uma alma angélica, os traços profundamente gravados pela meditação, pela saúdade, pelo pesar, pelo infortúnio, pela descrença de ventura na terra.

É que, em tão breve espaço, não fôra possivel accumular mais provações sobre uma só cabeça, nem em tão ephémera vida exhaurir mais fezes de calix de amargura.

Nascido entre as vozerias de revoluções, foi seo berço imbalado ao som de estranhos e suspeitosos gritos. Aos 9 annos de edade, ouviu selvagens brados de destêrro de sua augusta familia, de anniquilação das instituições. Aos 16, perdia a desvelada mãe, sendo condemnado a precoce orphandade.

Todas as mais caras affeições de família lhe-foram pela sorte ludibriadas. Adorava suas irmans; perdeu a

companhia de ambas. Adorava seos irmãos; perdeu um, e na hora de seo passamento, era incerta a salvação de outro. Ambicionava legar seo sceptro a um filho; não lhe-foi dado. Estremecia-se pela consorte; arrebatou -lh'a instantaneamente o céo.

Entre as questões exteriores, uma houve que o-opprimiu profundamente; seos brios de cavalheiro, de justo e de rei, feriam-lh'os nesse negócio iniquo do navio *Charles et George*. Disposto a arrostar todas as consequencias de uma attitude digna, contou que o cumprimento dos tractados e dos deveres lhe-assegurasse coadjuvação com que diminuisse a desegualdade dos elementos de lucta. Foi desamparado. Nessas circumstancias obrou quanto lhe-era lícito; pôde bem exclamar como Francisco, em Pavia: *Tout est perdu, fors l'honneur;* mas, a despeito de tal conclusão, nunca mais tal chaga se-cicatrizou, e odiava o Sr. D. Pedro V essa página como a mais negra do seo reinado.

É de crer que os symptomas de vastos planos ibéricos, talvez concebidos em Madrid, talvez apoiados em París, lhe-fizessem alguma hora recear, não pelo seo throno, mas pela independência da pátria querida.

Que mais cuidados, que mais tormentos poderiam imaginar-se para ulcerar o nobre coração?

XI

O sobrevivo morreu. Universal impressão de similhante trânsito.

A tammanhas successivas punhaladas não é dado resistir; a natureza impotente e vencida acaba por ceder.

Morta já aquella alma andava ha muito; pelo menos dous annos sobreviveu ella a si mesma. Não tinha que temer o transe derradeiro; não o-temeu:

Mors ultima pœna est,
Nec metuenda viris!

Pouco teve a infermidade que luctar, que a presa se -lhe-intregava espontânea. Eram grandes as dedicações que o-rodeavam, sem dúvida; mas, em taes momentos... uma mãe? reinava no céo; uma esposa? tambem era lá que alvoroçada o-aguardava; irmans? esses anjos estavam bem longe áquella hora. Nem uma voz feminina á cabeceira do moribundo! Oh, que deve ser esse, melanchólico redobramento de angústias.

Apenas reconheceu chegado o extremo anhélito, foi elle próprio quem sollicitou pressuroso os sacramentos

da egreja, ponderando que os momentos urgiam (34). Para logo se-despediu de seo pae (35) e dos que o-cercavam; antes de ir descaindo na derradeira prostração a physionomia se-lhe-serenou, e as palavras intercortadas pareciam exprimir — sincera crença na proximidade dos eternos gosos — bemaventurança de ir abraçar a esposa e a mãe — satisfacção por cessar, com sua vida, para Portugal, a sonhada sina de desventuras.

Desde que na cidade consternada e attónita se-derramou a pavorosa notícia do perigo de el-rei, os templos, noite e dia, se-atulharam de povo, dirigindo ao Altíssimo fervorosas súpplicas e preces, repetidas em innumeraveis procissões de penitência. Indeferiu o Eterno os rogos de todo um povo, e no dia 11 do mal-agourado novembro (36), pelas 7 horas da noite, coros de anjos recebiam na celestial mansão o seo novo companheiro.

Seguiram-se o silêncio do assombro e da quasi incredulidade; depois um mar de lágrymas, um atroar de universaes lamentos. Os tiros das fortalezas, o lúgubre tanger dos sinos, o arrear das bandeiras, as armas em funeral, o rufo surdo dos tambores, o crepe funerário cobrindo as quinas, o lucto de todos os cidadãos, nada d'isso exprimia a perda irreparavel, como os soluços e prancto de todos os portuguezes, sem distincção de classes, nem opiniões. Parecia que a natureza tomava parte nos padecimentos de um povo; a inclemência do tempo condizia bem com o quadro de horror que opprimia o paiz; era como um scenário próprio e digno da scena. Nunca se -presenciou mais unânime e insuspeito côro de vozes plangentes; cada lágryma, cada grito, cada espanto, cada silêncio, representava affectos, saudades, respeito, religião; era um povo inteiro esplêndido de dôr; geral tribulação, por todos os poros da sociedade transsudando.

Fique registrado um successo mais que todos eloquente. Desde o dia da morte de el-rei até ser sepultado, não houve uma só prisão, um attentado, uma contravenção

ás leis ou á ordem, em toda a populosa capital, cujas 300 mil almas se-haviam augmentado com muitos milheiros de adventícios. Os próprios criminosos de profissão acharam nesses dias um coração no peito, e por sua dôr se -nobilitaram, confundindo-se com os cidadãos (37).

A generalidade do silencio, da paz, da angústia, da ordem, equivalia tacitamente á mais fecunda oração fúnebre, proferida por uma nação.

XII

Nunca rei de Portugal morreu tão moço. São desde 7 a 8 seculos os tres ultimos soberanos que tem tido menor duração de vida. Trabalhos litterarios.

Sóem os reis de Portugal contar annos longos de reinado e de vida. Este mansebo mísero estava destinado a constituír excepção de regra tal.

Se o Sr. cardial D. Henrique só reinou dezeseis mezes, foi por ter quasi octogenário ascendido ao throno.

Se o Sr. D. Sebastião falleceu de edade egual á do Sr. D. Pedro, foi rei durante 21 annos, e sua morte mais deve considerar-se glorioso suicídio do que satisfacção das leis da natureza.

A Sra. D. Maria II viveu 34, reinando 27 annos.

O Sr. D. Affonso II havia já completado 38 annos, quando perdeu a vida.

Todos os mais reis, em tão longa série, passaram muito de quadragenários, até havendo nonagenários em seo número.

Eis como a tantos títulos á sympathia da história

para com o infeliz rei se-deve junctar ess'outro. Distinguem-se na dynastia estes ultimos e grandiosos vultos por sua curta duração, baixando todos prematuramente á campa, ralados pelos trabalhos e pelos dissabores. Morreu o Sr. D. Pedro IV de 36 annos; a Sra. D. Maria II de 34; o Sr. D. Pedro V de 24!

Se houvesse vivido algum tempo mais este primoroso cultor das lettras, houvera limado e completado numerosos trabalhos litterários que entre mãos trazia, e suas obras o-collocariam a par dos sábios escriptores que no sólio o-precedèram, taes como os Srs. D. Diniz, e D. Duarte.

XIII

Licções que nos dá é funerio espectáculo do prematuro passamento do Sr. D. Pedro V.

E que resta d'elle? a memória.

Se a-veneramos; se não são mentidos nossos testimunhos de respeito; se é nossa mente prestarmos-lhe condigno culto... reunamo-nos todos em tôrno d'esse augusto féretro; venhamos sobre as cinsas tépidas do bom rei meditar sobre o inane das cousas terrestres. Esse mudo ataúde nos-dirá o que o turbilhão do estrépito mundano nos-impediria em outros momentos ouvir.

Dirá aos nossos brios de grandeza, que só Deus é grande.

Dirá á nossa confiança na juventude, que aos furacões, destruidores do carvalho, não é defêso arrebatar lyrios do valle.

Dirá ao nosso orgulho de saber, que a sciência é impotente contra um aceno do Altíssimo.

Dirá á nossa ufania de poder, que um miasma imponderavel e invisivel basta para derrubar uma corôa.

Dirá ás nossas aspirações de glória, que póde um crepe transparente e levíssimo atalhar os brandimentos da mais esperançosa espada.

Dirá ás nossas arrogâncias de prosápia, que a natureza recebe nu como todos o que como todos nu dera á terra.

Dirá aos nossos instinctos de inveja, que não conhece o mundo móres misérias do que as misérias douradas; que os diademas só servem muitas vezes para esmagar crâneos.

Dirá aos queixumes de muitos, que se-comparem com os d'esse filho, irmão, viuvo e rei, estendido hoje nessa campa.

Dirá aos lamentos de tantos paes, que se-condemnem ao silêncio ante a sorte horrenda do rei D. Fernando, como Job despojado de quantos bens possuía na terra, da esposa, dos filhos, e ainda assim bebendo resignação em sua viva crença na justiça do Senhor.

Dirá, sobretudo, a nossas mesquinhas rivalidades, a nossos ódios selvagens, que não ha mais esplêndido culto á memória de um soberano, que desejou cobrir todos os seos súbditos com um só manto, e unil-os todos indistinctamente ao coração, do que depôr aversões e rancores, em holocausto sancto a tão grandiosa recordação.

Indignos de compartir a nacionalidade do Sr. D. Pedro V. se-mostrarão os que entre seos concidadãos soprarem ou fomentarem discórdia. Do alto do empyreo mais do que preitos e homenagens, mais do que funeraes e cânticos, será grato ao príncipe magnânimo

ver ligados entre si, por laços indissoluveis de paz e de amizade, aquelles que, sem distincção e sempre, amou todos como filhos.

Concidadãos, ao templo! E repitamos ahi, do fundo do coração: *Gloria tibi, domine; et in terra pax hominibus!*

NOTAS

NOTAS

1. Pagina 27

Jazigo da casa de Bragança, em S. Vicente de Fóra.

Eis como a imprensa descreve esse fúnebre e régio salão de familia, faltando aliás aqui consideravel número de membros da real necrópole:

« A antiga casa dos reis, no convento de S. Vicente de Fóra, onde se-depositavam as pessoas da augusta familia de Bragança, não correspondia ao fim para que fôra destinada, por ser de limitadas dimensões e estar situada em impróprio local.

« Ha poucos dias concluiram-se os necessários arranjos na casa do refeitório do mesmo convento, e para alli se-trasladaram os ataúdes que contêm os restos mortaes dos reis, príncipes e pessoas da família de Bragança, que jaziam na antiga casa.

« O novo pântheon é quadrilongo, com arcadas de cantaria e pilares da mesma, guarnecidos pelos dous lados com éças.

« Na parede do tôpo está o altar de mármore de côres escuras, em mosaico, ornado com docél e espaldar preto.

« Em frente do altar, dentro de um arco de cantaria, está collocado o magnífico túmulo do senhor Rei D. João IV, primeiro da dynastia de Bragança.

« Nas duas éças, próximas ao altar, estão os ataúdes de S. M. I. o Sr. D. Pedro, duque de Bragança, e o da rainha, a Sra. D. Maria II; sôbre o primeiro vêem-se as duas corôas imperial e real, e sôbre o segundo a corôa real.

« Nas outras éças collocaram-se todos os mais caixões que se-trasladaram do antigo jazigo.

« O pavimento é de mármore escuro em xadrez.

« Dão claridade a esta casa onze janellas rasgadas, convenientemente guarnecidas com grades de ferro e rêdes de arame, que defendem os vidros de côres, que dão a luz necessária.

« Entra-se para o jazigo por um vestíbulo, onde sôbre a porta se-lê, em lettras de bronze dourado, a seguinte inscripção:

REAL JAZIGO

DOS MONARCHAS, PRINCIPES, E MAIS PESSOAS REAES
DA SERENISSIMA CASA DE BRAGANÇA,
QUE, NO REINADO DE SUA MAJESTADE EL-REI D. PEDRO V,
MANDOU ERIGIR SEO AUGUSTO PAE,
EL-REI D. FERNANDO II, REGENTE DO REINO.
1855.

« Em cada caixão ha uma chapa de bronze dourado, tendo no centro a inscripção que designa a pessoa real que alli jaz.

« Do mosteiro de Belêm foram trasladados para este pântheon os ataúdes que contêm os restos mortaes de El-Rei D. Affonso VI, do príncipe D. Theodosio e da infanta D. Joanna, todos filhos de El-Rei D. João IV.

« Tambem virá trasladada da parochial egreja de S. Pedro de Penna-Ferrim, em Cintra, para este novo jazigo real, a rainha D. Carlota Joaquina.

« E da egreja de Marvilla, em Santarém, a infanta D. Maria d'Assumpção tambem parece que será trasladada para esta casa.

« As cinsas de Luiz de Camões virão, segundo o pensamento de El-Rei D. Fernando, repousar ao lado dos reis de Portugal, neste mesmo jazigo.

« Desde então mais tres cadáveres foram avultar naquella fúnebre galeria, os da rainha D. Stephânia, infante D. Fernando e el-rei D. Pedro V, tres memórias luctuosas para uma família de reis e para uma nação inteira. »

Lá existem ainda muitos outros cadáveres da preclara família, aqui não mencionados, e de alguns dos quaes no texto damos notícia.

2. PAG. 32

Mestres d'el-rei.

Foi a própria rainha, que, alem de velar sempre por todos os estudos, tomou pessoalmente a si o insino elementar, e o da música e da língua franceza. Leccionaram ao Sr. D. Pedro V os mais sábios em cada ramo: no inglez, um Gravely; no latim, um Bastos; no grego, um conselheiro Viale; na mathemática, um conselheiro Folque; no desenho, um Fonseca; na gymnástica, Roeder; na dansa, Zenoglio; na esgrima, Petit, etc., etc. Até ao anno de 1847, o conselheiro Dietz, o leal amigo do Sr. D. Fernando, amando os príncipes com intranhada devoção, todo o tempo occupava, instruindo-os; com elle aprenderam o allemão, e os primeiros rudimentos da história geral e nacional, bem como de vários ramos das sciências naturaes, de entre as quaes eram a conchyliologia e a ornithologia dos mais especialmente predilectos do Sr. D. Pedro (que chegou a crear um excellente musêo, em que superabundam aves e conchas). Desde então foi seo mestre e aio inseparavel o sábio e fiel visconde da Carreira, um dos mais constantes e respeitados servidores da dynastia.

3. Pag. 32

Dotes e hábitos d'el-rei.

Sob o titulo *Reinado e ultimos momentos de D. Pedro V*, publicou o distincto escriptor, sr. José Maria d'Andrade Ferreira, em Lisboa, um folheto, cheio de interessantes considerações, pormenores, e transcripções. Algum extracto aqui daremos d'esse opúsculo, para induzir a uma tão agradavel acquisição e leitura. Quanto aos vários dotes e hábitos do preclaro príncipe, eis como se expressa aquelle livrinho:

« Tambem não faltavam a este príncipe as outras prendas que completam educação esmerada. Conhecia a música a fundo; era notavel em esgrima, e desenhava com excessiva facilidade, esbocêtos quasi sempre, possuindo o dom especial de characterisar uma figura no primeiro repente com tres ou quatro traços, dote que fez e mantém a reputação de Gavarni, e que nelle tambem propendia para o género satyrico do famoso desenhador francez. Do seo lápis fácil ficaram muitas caricaturas notaveis pela graça e rapidez do traço.

« Era eximio na caça, a que se-dava com affinco, e tão destro atirador que deixava mal os mais peritos. Tomava muitas vezes por divertimento arremessar ao ar uma pequena moeda de cobre, que furava com uma bala.

« Nas Vendas-Novas, por occasião das experiencias das novas peças raiadas, e carabinas pelo systema Minié, admirou a todos que ahi concorreram, pela certeza do seo poncto de vista e conhecimentos de balística que manifestou. Com facilidade mettia a fio tres e quatro balas no alvo, deixando invergonhados aquelles que se-reputavam com firmeza de braço e de ôlho para fazer os melhores tiros. Tambem se-comprazia muito de falar com officiaes instruídos, de diversos ponctos de organização militar, em que era muito intendido.

« A caça agradava-lhe principalmente, porque lhe-proporcionava a vantagem do retiro e da solidão, o que, para o seo génio melancólico, era uma necessidade. Foi com este pretexto que elle se-retirou para Mafra, por occasião da morte de sua espôsa a rainha D. Stephânia, e não de certo para se-distrahir, senão para dar mais livre desabafo ás suas penas.

« Os hábitos da sua vida eram simples e sóbrios, e nem outros podiam elles ser em mansebo de character tão sisudo, e de sentimentos e costumes tão puros e innocentes. Levantava-se ordináriamente ás 8 horas. Lia e estudava, ou escrevia no seo gabinete, onde outras vezes recebia as pessoas com quem privava, com as quaes se-entretinha a conversar nestas primeiras horas da manhan. Outras occasiões descia ás salas de baixo, lia os periódicos políticos e litterários, porque el-rei era assignante, e acceitava toda a publicação que lhe-offereciam, ou para que sollicitavam a sua protecção, do que muito se-pagava sempre. Isto tudo até á hora do almôço. Comia pouco de ordinário e não gostava, e até motejava dos desvarios da phantasiada culinaria franceza.

« Em seguida dava audiencia, e occupava-se dos negócios públicos: ia passear a cavallo; voltava para jantar no fim da tarde; e á noite reunia no seo aposento os mais íntimos amigos, com quem practicava quasi de egual a egual até á uma e duas horas da noite.

« Ha uma cousa singular: D. Pedro V, que era um príncipe tão methódico

em todas as suas cousas, tinha sempre em uma grande desordem os papeis e livros do seo gabinete de estudo.

« De tudo tomava nota; assim dos casos da sua vida, como das indicações que lhe-evidenciava a experiencia, a respeito das cousas públicas e do character dos homens que o-rodeavam. Estes apontamentos, reunidos e colleccionados, dariam grossos volumes, e houve ja quem os-orçasse em para mais de vinte, e lhes-puzesse o titulo de *Memórias Contemporâneas*, e de certo este titulo lhes -cabe, porque são escriptos por um espirito atilado e pensador, que atravessou um periodo breve, sim, mas tormentoso de conflictos e amargas experiencias.

« Tambem ha quem diga que escrevêra um tractado sôbre a instrucção pública e outro sôbre a arte militar, ou organização do exército. »

4. Pag. 33

Sonho, sendo menino.

Achamos agora reproduzido este facto pela *Instrucção Publica*, folha de Lisboa.

5. Pag. 33

Sina infeliz.

Um dos mais notaveis artigos da imprensa estrangeira, foi o que publicou recentemente no *Jornal dos Debates* Xavier Raymond, que mais de uma vez tractara de perto o Sr. D. Pedro V. Eis o que elle escreve acerca da idéa fixa de el-rei sobre a sua imaginária sina de infelicidade e de infelicitar:

« Aquelles que só o-viram na viajem que fez em 1855, depois da proclamação da sua maioridade, não poderiam senão difficilmente fazer idea do que elle se -tornara, do desinvolvimento que se-tinha produzido na sua pessoa, quando a morte veiu arrebatal-o. O anno passado tive a honra de o-ver muitas vezes em Lisboa; quanto o-achei differente do que o-tinha visto em Paris! Ja não era o adolescente que se-insaiava com alguma timidez ainda para ser o rei; era um bello mansebo, de estatura elegante, de maneiras abertas e affectuosas, de physionomia expressiva, ligeiramente irónica quando tractava de certos assumptos, animada quando falava das cousas que lhe-eram charas, mas as mais das vezes marcada de um character de profunda melancolia. Através de toda a sua tristeza nunca notei, todavia, nada que se-assimilhasse á amargura; pareceu-me, ao contrário, que apezar das saudades que lhe-inspirava a pêrda ainda recente de uma espôsa adorada, a recordação da felicidade, de que havia tão plenamente gozado durante alguns mezes do seo casamento, radiava sempre na sua alma religiosa e resignada. Era reconhecido por alguns dias felizes que lhe -haviam sido concedidos; sabia que a vida não é só um tecido de afflicções, mas sentia que a sua parte era grande na sorte commum das dôres humanas, e desconfiava de algum modo do seo destino. A primeira audiência que tivera a benevolencia de fixar-me teve de ser addiada, em consequencia da morte de um ajudante de campo, a quem tinha particular affeição, o general Loureiro, arrebatado por um ataque de apoplexia fulminante. Foi muito naturalmente a primeira cousa de que depois me-falou. « Parece, dizia elle, que sou fatal a tudo o que amo; minha mãe, minha irman, minha tia a duqueza de Nemours, minha mulher, todas desapparecidas antes da edade! » Depois pôz-se a contar todos ôs

ares do reino, ministros, conselheiros de estado, generaes que tinha nomeado epois de ter subido ao throno, e cujos logares estavam já vazios em deredor 'elle. Estas dolorosas lembranças não o-abandonavam; á sua última hora, uando, não desconhecendo a gravidade do seo estado, procurava consolar os utros, recitava ainda essa lista fúnebre, mas accrescentava, em fórma de ompensação, que a sua morte ia em breve libertar Portugal da funesta influencia que tinha pesado incessantemente, sem descanso nem mercê, sôbre a xistencia do seo rei. »

Sobre este assumpto leem-se extensas considerações no opûsculo do sr. Andrade Ferreira, das quaes extrahimos as seguintes:

« E quem, senão com mágua sincera, poderá correr os ólhos pelos casos que a convicção da sua sorte mesquinha lhe-aponctava como vaticínios do seo infortúnio? !

« Já em vida, com alguns dos seos mais dedicados, deixou desabafar muitas d'estas apprehensões; porêm os delírios, que o-assaltaram nos derradeiros dias da infermidade, completaram, sem elle o-querer, nem talvez o-saber, esta confissão, que elle com tanta amargura e discrição recatava bem no íntimo da alma.

« E' como uma lenda de preságios essa triste e sincera narrativa!

« Ainda em bem tenros annos perde a mãe; é uma desgraça que lh'a-arrebata.

« Depois sái do reino em extensa, emb'ora gloriosa peregrinação. O pasmo e louvores que deixa após si mal lhe-attenuam no espírito as saudades da pátria e do cortado affecto dos seos.

« Decorridos septe mezes volta ao Tejo. A ância de o-tornar a ver rebentara em festejos por toda a capital. Lisboa sabia que ia receber de novo o príncipe illustrado, cujos talentos e saber haviam imchido de assombro as primeiras nações do mundo culto. Ha nesta recepção mais que um festejo de etiqueta; ha uma ufania legítima. As classes preparam allocuções, e o povo concorre com o seo affecto e com o seo júbilo. A própria natureza parecia ostentar-se a unísono com todas estas manifestações de estima e respeito que os portuguezes davam ao seo rei futuro.

« D. Pedro desimbarca emfim; porêm, mal põi o pé em terra, os ares obscurecem-se e um trovão propínquo e medonho restruge; um só; como se o fito dos elementos nesta occasião fôsse tão sómente lançar o agouro em tão bem estreadas alegrias públicas!

« Passam-se annos e incepta-se o novo reinado. Vêm os estragos das inundações do hynverno; vem a penúria das povoações do Ribatejo; vem depois o flagello de duas epidemias seguidas, que começam no poncto mais extremo do sul do reino e acabam por trazer o terror á capital. E' essa uma conjunctura de heroísmo para o monarcha, porque não lhe-foge como D. Sebastião, não succumbe como D. Duarte, pois o-poupa a mão de Deus (decreto da sua sabedoria), mas fica, e contém com o seo exemplo todas as molas da vasta máchina da governação, que sem elle abalariam do seo pôsto, deixando infêrmos e não infêrmos á mercê da anarchia, que a desolação derramaria por toda acidade.

« Em tudo isto vê elle o triste influxo da desgraça que o-persegue por toda a parte, e por isso queria apparecer com o seo exemplo e a sua responsabilidade, onde o perigo fôsse maior.

« Logo quasi em seguida, mesmo como um cálculo para affastar mais de prompto as lembranças que as epidemias haviam deixado em todos os espíritos, tracta-se de effectuar o consórcio que foi quasi simultaneamente fonte de gózos e saudades, saudades que tão profundamente lhe-pungiram o coração, que nunca mais, de poncto algum dos horizontes da vida, lhe-fulgurou vislumbre de esperança.

« Ainda a estes desgostos, que tanto o-feriram nos seos affectos íntimos, accresceram outros, que vieram ainda tornar mais cerrada, mais ininterrupta esta cadeia de tribulações. A mesma guerra de Africa não escappou de figurar neste quadro agourento.

« Se até dos accidentes completamente estranhos á sua individualidade, como eram a morte dos seos familiares, ou desastres occorridos com os seos ministros, elle teimava em se-attribuir a causa indirecta!

« Se o seo ajudante de campo José Jorge Loureiro, havia sido atacado de uma apoplexia fulminante, fôra porque elle se-lhe-mostrara resentido em uma conversação que tivera, e o velho militar não podera resistir ao abalo ques offrêra.

« Se o brigadeiro D. Carlos de Mascarenhas falleceu, foi tambem por se-aggravar o padecimento que tinha, em consequencia de um passeio mais longo que déra a cavallo com elle.

« Nem os estorvos que tiveram os vários institutos de instrucção para se-constituirem e funccionarem, se-esquivaram d'esta lei, assim tão tyrannicamente interpretada!

« Os exemplos aponctava-os no curso superior de lettras, cujas cadeiras, apezar dos seos esforços pessoaes, elle não lograra preimcher, recusando-se dous professores, e infermando gravemente outro.

« Saberia o infortunado príncipe que um dos discípulos d'esse curso foi levado para o hospital louco, e que D. José de Almada e Lencastre, que se-preparava, e de certo com brilhante êxito, para a cadeira de philosophia, se-finara extenuado pelo estudo?!

« Talvez soubesse!

« E aqui estava eu tambem a colligir mais coincidencias, para se-firmar melhor tão funesta convicção de uma sorte malfadada!

« Se os factos podem mais que a rasão, neste caso!

« Diga-se o que se-dicer: a desventura não é uma casualidade, como a fortuna egualmente o não é. São duas leis que regem os destinos dos homens: os seos princípios são occultos; a intelligencia humana, pel-os não poder definir, nega-os; mas a lei existe, porque os seos effeitos são evidentes. O povo de todos os tempos, que tem sido sempre mais discreto que os sábios, tem reconhecido o podêr d'essa lei ignota, e nem por lhe-desconhecer a origem tem deixado de a-reverenciar. Os antigos adoravam-a até como Divindade: erigiram-lhe altares, e chamaram-lhe *fatum*; e a superstição popular d'estas nossas épochas, quando divisa nella o accôrdo de certas affinidades moraes, appellida-a de Providencia, e, quando a iniquidade parece presidir aos seos effeitos, põi-lhe o nome mais vago e menos christão de — Destino.

« Finalmente a morte do Sr. infante D. Fernando veiu ainda junctar uma dôr legítima a este quadro de tristezas, umas naturalmente brotadas do coração, outras mais innegrecidas pelas sombras do espírito já preoccupado.

« Ha com effeito em tudo isto um séstro de infelicidade. Mais circumstâncias appareceram, que para outros nada significariam, mas nas quaes o rei julgava divisar como que as ligações íntimas e ao mesmo tempo complementares de toda esta coherencia da sua sorte.

6. Pag. 43

Tranquilidade do reino.

Muitas vezes se-felicitou o augusto monarcha de tranquillidade tal, e do horizonte que ella abria aos melhoramentos, a que se-ufanava de junctar seo nome. Ainda em octubro de 1860, ao concluir a instructiva jornada ao Alemtejo, proferiu estas memoraveis palavras, após o toast, que, no jantar de despedida, fez á prosperidade do districto de Evora, em presença das principaes auctoridades ecclesiásticas, civis e militares:

— « Desejo ardentemente que não sejam fallazes as esperanças no futuro que promettem as reformas económicas, a que sou feliz de ter vinculado o meo nome. Sente-se aqui pulsar a vida debaixo das ruínas, e agradecer á terra o trabalho do cultivador. Obliteradas as nossas discórdias, e as desconfianças que lhes-sobreviveram; esquécidos os gritos de guerra, que de irmãos fizeram inimigos, dêmos sincera e sériamente as mãos para a obra da nossa organização interior. Nella, e só nella, ha logar para todos. »

7. Pag. 46

Officio de rei.

El-rei D. Pedro, mui lido em todas as províncias dos conhecimentos humanos, versava assiduamente os bons clássicos da nossa formosa língua, en elles buscava ás vezes felizes locuções. Tal é esta, depois tão reproduzida, do *officio de rei*, frequente aos bons escriptores. Assim, achamos em D. Fr. Amador Arraes:

— « O fim a que se-dirige o *officio dos reis* é fazer seos vassalos bemaventurados. (Dial. v., c. 1.)

— « *Officio* é próprio *dos reis* imbotar o cutello das leis. (Id.)

— « Porventura se não fôra serem cathólicos os nossos príncipes, não faltara quem fizera *seo officio* com tanta soltura, como se-faz em Inglaterra. (Id. c. 3.)

— « Nos *reis*, *cujo officio* é fazer bem a todos, não se-podem louvar mãos apertadas. (Id. c. 8.)

— « *Officio de rei* é julgar, dando a cadaum o merecido. (Id. c. 11.) »

E nem só é portugueza esta accepção do vocábulo *munus*. Frederico-Grande tambem falava do seo *officio de rei*. O imperador Julião dizia: — « O *officio de soberano* ultrapassa fôrças humanas; demanda um deus. » Racine escreveu: — « Dans le métier des rois tu le devrais instruire. »

49. Pag. 49

Obras litterarias do Sr. D. Pedro V.

Assim se-lê numa carta que Castilho Antonio dirigiu aos jornaes, explicando a impossibilidade, que lamentava, de acompanhar o real finado á sua última morada. É ella do teor seguinte:

— « Devo uma satisfacção a toda a nossa confraria de escriptores ; apresso-me em lh'a-dar, e o mais pública possivel.

« Apezar do obsequioso convite, que por parte d'elles me-dirigiram os nossos amigos Rebello da Silva e Biester, não me-foi dado acompanhal-os hontem no préstito fúnebre, homenagem nacional, e mui devida a Sua Majestade o Senhor D. Pedro V. O estado me indroso da minha saúde , e a prudente cautela do meo facultativo, me-detiveram longe d'elles, recluso em casa, não sem grande mágua minha. Custava-me que me não vissem nessa corporação, á qual me -glorio de pertencer, e a cujos indivíduos me-prendem, como toda a gente sabe, affecto inalteravel, e o respeito devido a seos talentos. Mas a esta rasão tão forte accrescia outra muito mais subida. O varão mansebo, que se-levava, por entre o lucto e sentimento de nacionaes e estrangeiros, do paço ao jazigo, era mais para mim que um simples rei: era um litterato, e um sábio, amigo e fautor da litteratura e das sciências ; começara apenas, mas com boa mão, a beneficial-as ; ¿ quem sabe até onde ellas m edrariam, se o tempo, se o progressivo amadurecimento e o constante impenho de acertar, tivessem deixado ao joven príncipe preimcher para a glória todo o seo destino, assim como o preimcheu para o infortúnio ?

« Ao amigo de toda a instrucção ; ao fundador ao mesmo tempo de escholas elementáres e da faculdade superior de lettras ; ao presidente da academia real das sciências ; ao que tinha os estudos pelo melhor dos passatempos ; ao que practicava de egual a egual com o erudito, o naturalista, o militar, o litterato, o philósopho , o polyglotto ; ao que, em tão curta vida, e tão poucos annos de laborioso reinado, achou ainda assim ócios para deixar, como affirmam, escriptos de seo punho mais de vinte volumes de *Memórias contemporâneas*, e dous tractados, incompletos mas já crescidos, um da *Sciência e arte da guerra*, outro da *Instrucção e educação popular* ; áquelle, emfim, que eu tinha sinceramente admirado, e de quem esperava ainda cousas máximas para a civilização da nossa terra por via da instrucção popular ; queria eu tambem, como os meos confrades, tributar aquella dolorosa vassallagem.

« Simples cidadão que elle fôsse, mas tão deveras pertencente, como era, ao grémio dos estudiosos, espontaneamente haveria eu concorrido com os que lhe-fôssem dar a derradeira despedida, e derramaria lágrymas na sua campa, modesta e desinfeitada ; acompanhal-o ia devoto, como acompanhei a Garrett e a Fonseca Magalhães ; era um irmão, um collaborador, e um amigo, que se -ausentava ; era mais uma esperança, que transpunha d'onde ha tão poucas.

« Tende a bondade de fazer constar tudo isto áquelles nossos cooperarios na civilização.

« Tenho a honra de me-assignar vosso... etc.— *António Feliciano de Castilho.*

« Lisboa, 17 de novembro de 1861. »

9. Pag. 49

Questão Ibérica.

Quando, em octubro de 1859, por occasião da morte da rainha, o enviado extraordinario de S. M. C. foi recebido em audiência solemne pelo Sr. D.

Pedro V, aproveitou o insejo para desinvolver elegantemente os seos pensamentos ácerca da fusão dos dous reinos ibéricos, nestas palavras:

— « Demasiado unidos estão os dous thronos e estados para, assim como compartem revezes e infortúnios, se não sentirem animados de um interêsse commum pelos adeantamentos, glórias, e prosperidade um do outro. Se o progresso material, e mais ainda a cultura moral do século cifram o orgulho de suas aspirações em converter os mais afastados e dissimilhantes paizes da Europa numa confederação de sociedades amigas, quiz Deus, Senhor, pelo que toca aos dous povos da península, que não possam deixar de ser nações irmans. Fêl-os Deus — filhos do mesmo sangue — heroes da mesma história — senhores e conquistadores da mesma região. Deus os-baptizou nas águas dos mesmos rios — agglomerou-os e benzeu-os sob a abóbada do mesmo céo. Concedeu-lhes Deus alcançar, por esforços communs, instituições políticas dignas d'aquella nobre raça, que, mais essencialmente que outra alguma, identificou ao seo temperamento moral e á sua representação histórica a religião da monarchia, a fidalguia de sua independencia, e o senhorio de sua liberdade. Inviou-lhes Deus emfim para governal os, e sem dúvida para restituil-os á categoria que de direito lhes-corresponde no mundo, a dous illustrados soberanos, adoração, orgulho e providencia de seos súbditos, sinceros representantes ambos d'aquella generosa e elevada política em que a rasão do Estado outra não é senão o direito e o interêsse das nações. »

Nada mais delicado, nem tambem mais frizante que a resposta do Sr. D. Pedro V, bastante, se o pensamento era tactear o terreno, para pôr a claro as augustas intenções. Eis o trecho allusivo ao tópico ibérico:

— « O meo govêrno jamais deixou de reputar entre os seos mais sérios impenhos o contribuir para estreitar em uma prosperidade dous povos irmãos, *até nas autonomias, que a rudeza de outras éras creava ou exagerava, como naquellas que a civilização não tem fôrça para apagar.* Em tal impenho, póde dizer-se que o espírito da época faz mais do que os governos, aos quaes incumbe incaminhal-o (a elle, que mostra o caminho), ou disciplinal-o (a elle, que dá leis á humanidade). »

Significavam estas palavras que os dous povos devem, sim, considerar-se amigos, irmãos; mas, por isso mesmo que irmãos, e amigos, não um, mas separados.

Eis, sobre este assumpto, um curioso trecho de Xavier Raymond:

« Outra vez, falando do que se-chama o partido ibérico, dizia ainda D. Pedro: « Julgam que estas vistas lisonjeiam a minha ambição e que eu as-favoreço. Tendes entre os vossos amigos pessoas que assim o-crêm, mas ingannam-se. Alem d as rasões de conveniencia, de política e de honra que devem conter-me, ha ainda considerações a que eu devo attender, comquanto os outros possam esquecêl-as. Os extravagantes, e mesmo aqui os-ha que affagam estas chimeras, não reflectem que se a casa de Bragança subisse algum dia ao th ono da península, Portugal não seria necessariamente então mais do que uma província hispanhola, a n ssa nacionalidade seria absorvida e desappareceria. Ora eu, que sou o primeiro dos portuguezes, o primeiro d'um povo que tem um logar honroso na história da espécie humana, não seria mais do que um mandatário infiel se patrocinasse similhantes projectos. Esta gente, alem d'isso, causa-nos grande desgôsto, porque contraria muitas cousas uteis que poderiam fazer-se

para o bem commum dos dous povos: o desinvolvimento das communicações internacionaes, a approximação dos interêsses materiaes, a unidade dos pêsos e medidas e das moedas, a associação das alfândegas, etc., etc. »; e então introu a falar sôbre o seo assumpto favorito, a exposição dos projectos e das esperanças que a sua imaginação não cessava de formar, pensando na prosperidade do seo querido paiz.

10. PAG. 50

Penas de morte e degrêdo.

Várias vezes lhe-foi apresentada a penna para sottopôr seo nome a uma sentença fatal; repelliu sempre o papel de ante si, respondendo que só uma joya via preciosa na sua corôa, a do perdão; e que no seo reinado nunca o cadafalso se-ergueria.

Só em 5 dias, por exemplo, 8 e 14 de janeiro, e 16 de septembro de 1857, 2 de abril e 15 de maio de 1858 perdoou a morte a 6 homens: — Thomaz José de Carvalho — Naniam Morá — José Sebastião Vaz — José Salvador Barreto — Jacintho Rebello — e Florindo Augusto de Salles; e o degredo a 40: — Domingos Gonçalves Guimarães — José Maria de Souza — Filippe Manoel — José Rodrigues — Antonio de Almeida — Miguel de Jesus — Augusto José — Antonio da Silva — José Luiz — Antonio Lopes — Agostinho Mendes — Antonio Joaquim — José Francisco — Luiz Soares — Francisco Fernandes — José Antonio Fernandes — Francisco de Assis Nolasco da Silva — Philippe Maria de Carvalho — Antonio José Pereira — João Lopes — João Francisco Gallego — Manoel Antonio Branco — Andreza Gulo — Antonio da Silva Rio Tinto — Gonçalo Antunes — Joaquim Jerónymo — João Francisco Telmo — João Roque — José Silvério da Silva — Manoel Alves — Maria da Conceição — Caetano Dias do Pinho — Francisco Jorge — Francisco José da Lamega — Ignácio Maria de Azevedo — Joaquim Antônio de Negreiros — José Pereira — Manoel José de Barros — Ignácio Alves — e Maria Marques. Quarenta e seis homens salvos! 46, para os quaes o poder real imitou o poder divino.

Ainda aqui se-poderiam accrescentar, nesses mesmos dias, amnistias e indultos por atacado, como se-vê no *Diario do Govêrno* de 19 de maio de 1858 e outros innumeraveis logares.

11. PAG. 55

Instrucção publica geral.

No discurso de incerramento das camaras, em julho de 1858, assim falou:

— « Lamento que a estreiteza do tempo, concedido aos vossos trabalhos, não vos-permittisse traduzir em medidas que fizessem sentir mais cedo ao paiz os beneficios de um systema de instrucção nacional, que obedecesse ao pensamento de arraigar pela educação a nossa organização politica, que satisfizesse á necessidade de crear homens para todos os misteres sociaes, os desejos que com sincero prazer reconheci animarem-vos de corresponder a um pensamento que devêra ser o de todos os homens públicos. Creio que comigo sentirêis a necessidade de illustrar a vossa próxima reünião pelo cuidado da resolução de uma questão que, mais que qualquer outra, tem direito a reclamar uma parte das meditações d'aquelles a quem occupa a idea do futuro do paiz. »

12. Pag. 55

Instrucção primária.

Num de seos discursos ao corpo legislativo assim se-exprimiu:

— « Respeito o desinvolvimento da instrucção pública como uma das principaes, senão a primeira, das necessidades do nosso paiz, como a base mais sólida e mais duravel para todo o melhoramento futuro. É objecto de interêsse vital para nós. É sobretudo para a instrucção primária, para cuja generalização o meo govêrno vos-apresentará propostas de lei, que neste momento chamo a vossa attenção, posto que não considere menos dignas de a-fixarem a secundária e superior. »

13. Pag. 55

Universidade de Coimbra.

Superpondo-se a certos ciumes entre os altos corpos de insino, respondeu, em Coimbra, d'est'arte, a uma deputação do claustro:

« Os progressos na civilização alargam entre nós a esphera do insino superior. A applicação separou-se, sem se-desligar, da theoria pura; e novas escholas vieram fazer concurrencia ás aulas da Universidade de Coimbra.

O que era necessidade para o paiz é, ao mesmo tempo, um principio de emulação entre escholas que não podem ter outra rivalidade senão o ardor no preimchimento dos fins, diversos entre si, que ellas se-propõim.

As nossas escholas não são de mais ao pé da Universidade; nem a Universidade, respeitavel pela antiguidade e pelos serviços, podia sentir quebrar-se-lhe o vigor, ao ver-se reproduzida.

Fôra caso único que a mãe podesse ter inveja aos filhos. »

Eis-aqui a resposta d'el-rei aos académicos da Universidade:

— « Agradeço-vos as felicitações que, em nome dos académicos da Universidade de Coimbra, acabais de me-dirigir a mim e á rainha. São sinceras, porque conheço a mocidade mais inclinada a censurar que a adular.

« Não esperei de vós senão a linguagem de homens livres, que vos-prezais de falar. Sentis a vida; appellais para o futuro; e quererieis por ventura que o tempo corresse como vos-corre o pensamento. O que ainda hoje é sentimento — sentimento de educação ou de harmonia — illusão em parte ainda — e crença que desponta por entre as aspirações que deixamos partidas na nossa peregrinação — convertêl-o-hão o tempo e o desinganno em convicções.

« Ides intrar na edade de restituir á pátria o que ella vos-deu pela eschola. Actores ou espectadores, participarêis, mais ou menos, da gerencia dos negócios públicos, com a acção, com o conselho, com o voto.

« Permitti um conselho a quem trabalhou como vós todos, a quem pede hoje á família um descanso, e um confôrto para esse trabalho.

« Não vos-esqueça, na vida pública, a sciência! não esqueçais pela sciência a sociedade! Obrigae a regra a conceder ao acaso o quinhão, que elle sabe conquistar nas cousas humanas, e não desprezeis a regra, quando contardes com o acaso;

« Ha dous crimes, para os quaes não se-legisla: o isolamento e a ignorancia. o despotismo da theoria e o despotismo da práctica! »

Mais de uma vez a mocidade académica testimunhou suas profundas sympa-

« Logo quasi em seguida, mesmo como um cálculo para affastar mais de prompto as lembranças que as epidemias haviam deixado em todos os espíritos, tracta-se de effectuar o consórcio que foi quasi simultaneamente fonte de gózos e saudades, saudades que tão profundamente lhe-pungiram o coração, que nunca mais, de poncto algum dos horizontes da vida, lhe-fulgurou vislumbre de esperança.

« Ainda a estes desgostos, que tanto o-feriram nos seos affectos íntimos, accresceram outros, que vieram ainda tornar mais cerrada, mais ininterrupta esta cadeia de tribulações. A mesma guerra de Africa não escappou de figurar neste quadro agourento.

« Se até dos accidentes completamente estranhos á sua individualidade, como eram a morte dos seos familiares, ou desastres occorridos com os seos ministros, elle teimava em se-attribuir a causa indirecta!

« Se o seo ajudante de campo José Jorge Loureiro, havia sido atacado de uma apoplexia fulminante, fôra porque elle se-lhe-mostrara resentido em uma conversação que tivera, e o velho militar não podera resistir ao abalo ques offrêra.

« Se o brigadeiro D. Carlos de Mascarenhas falleceu, foi tambem por se-aggravar o padecimento que tinha, em consequencia de um passeio mais longo que déra a cavallo com elle.

« Nem os estorvos que tiveram os vários institutos de instrucção para se-constituirem e funccionarem, se-esquivaram d'esta lei, assim tão tyrannicamente interpretada!

« Os exemplos aponctava-os no curso superior de lettras, cujas cadeiras, apezar dos seos esforços pessoaes, elle não lograra preimcher, recusando-se dous professores, e infermando gravemente outro.

« Saberia o infortunado príncipe que um dos discípulos d'esse curso foi levado para o hospital louco, e que D. José de Almada e Lencastre, que se-preparava, e de certo com brilhante êxito, para a cadeira de philosophia, se-finara extenuado pelo estudo?!

« Talvez soubesse!

« E aqui estava eu tambem a colligir mais coincidencias, para se-firmar melhor tão funesta convicção de uma sorte malfadada!

« Se os factos podem mais que a rasão, neste caso!

« Diga-se o que se-dicer: a desventura não é uma casualidade, como a fortuna egualmente o não é. São duas leis que regem os destinos dos homens: os seos princípios são occultos; a intelligencia humana, pel-os não poder definir, nega-os; mas a lei existe, porque os seos effeitos são evidentes. O povo de todos os tempos, que tem sido sempre mais discreto que os sábios, tem reconhecido o podêr d'essa lei ignota, e nem por lhe-desconhecer a origem tem deixado de a-reverenciar. Os antigos adoravam-a até como Divindade: erigiram-lhe altares, e chamaram-lhe *fatum*; e a superstição popular d'estas nossas épochas, quando divisa nella o accôrdo de certas affinidades moraes, appellida-a de Providencia, e, quando a iniquidade parece presidir aos seos effeitos, pôi-lhe o nome mais vago e menos christão de — Destino.

« Finalmente a morte do Sr. infante D. Fernando veiu ainda junctar uma dôr legítima a este quadro de tristezas, umas naturalmente brotadas do coração, outras mais innegrecidas pelas sombras do espírito ja preoccupado.

« Ha com effeito em tudo isto um séstro de infelicidade. Mais circumstâncias appareceram, que para outros nada significariam, mas nas quaes o rei julgava divisar como que as ligações íntimas e ao mesmo tempo complementares de toda esta coherencia da sua sorte.

6. PAG. 43

Tranquilidade do reino.

Muitas vezes se-felicitou o augusto monarcha de tranquillidade tal, e do horizonte que ella abria aos melhoramentos, a que se-ufanava de junctar seo nome. Ainda em octubro de 1860, ao concluir a instructiva jornada ao Alemtejo, proferiu estas memoraveis palavras, após o toast, que, no jantar de despedida, fez á prosperidade do districto de Evora, em presença das principaes auctoridades ecclesiásticas, civís e militares :

— « Desejo ardentemente que não sejam fallazes as esperanças no futuro que promettem as reformas económicas, a que sou feliz de ter vinculado o meo nome. Sente-se aqui pulsar a vida debaixo das ruínas, e agradecer á terra o trabalho do cultivador. Obliteradas as nossas discórdias, e as desconfianças que lhes-sobreviveram ; esquécidos os gritos de guerra, que de irmãos fizeram inimigos, dêmos sincera e sériamente as mãos para a obra da nossa organização interior. Nella, e só nella, ha logar para todos. »

7. PAG. 46

Officio de rei.

El-rei D. Pedro, mui lido em todas as provincias dos conhecimentos humanos, versava assiduamente os bons clássicos da nossa formosa língua, en elles buscava ás vezes felizes locuções. Tal é esta, depois tão reproduzida, do *officio de rei*, frequente aos bons escriptores. Assim, achamos em D. Fr. Amador Arraes:

— « O fim a que se-dirige o *officio dos reis* é fazer seos vassalos bemaventurados. (Dial. v., c. 1.)

— « *Officio* é próprio *dos reis* imbotar o cutello das leis. (Id.)

— « Porventura se não fôra serem cathólicos os nossos príncipes, não faltara quem fizera *seo officio* com tanta soltura, como se-faz em Inglaterra. (Id. c. 3.)

— « Nos *reis*, *cujo officio* é fazer bem a todos, não se-podem louvar mãos apertadas. (Id. c. 8.)

— « *Officio de rei* é julgar, dando a cadaum o merecido. (Id. c. 11.) »

E nem só é portugueza esta accepção do vocábulo *munus*. Frederico-Grande tambem falava do seo *officio de rei*. O imperador Julião dizia : — « O *officio de soberano* ultrapassa fôrças humanas ; demanda um deus. » Racine escreveu : — « Dans le métier des rois tu le devrais instruire. »

49. PAG. 49

Obras litterarias do Sr. D. Pedro V.

Assim se-lê numa carta que Castilho Antonio dirigiu aos jornaes, explicando a impossibilidade, que lamentava, de acompanhar o real finado á sua última morada. É ella do teor seguinte :

— « Devo uma satisfacção a toda a nossa confraria de escriptores; apresso-me em lh'a-dar, e o mais pública possivel.

« Apezar do obsequioso convite, que por parte d'elles me-dirigiram os nossos amigos Rebello da Silva e Biester, não me-foi dado acompanhal-os hontem no préstito fúnebre, homenagem nacional, e mui devida a Sua Majestade o Senhor D. Pedro V. O estado me indroso da minha saúde, e a prudente cautela do meo facultativo, me-detiveram longe d'elles, recluso em casa, não sem grande mágua minha. Custava-me que me não vissem nessa corporação, á qual me -glorio de pertencer, e a cujos indivíduos me-prendem, como toda a gente sabe, affecto inalteravel, e o respeito devido a seos talentos. Mas a esta rasão tão forte accrescia outra muito mais subida. O varão mansebo, que se-levava, por entre o lucto e sentimento de nacionaes e estrangeiros, do paço ao jazigo, era mais para mim que um simples rei: era um litterato, e um sábio, amigo e fautor da litteratura e das sciências; começara apenas, mas com boa mão, a beneficial-as; ¿ quem sabe até onde ellas m edrariam, se o tempo, se o progressivo amadurecimento e o constante impenho de acertar, tivessem deixado ao joven príncipe preimcher para a glória todo o seo destino, assim como o preimcheu para o infortúnio ?

« Ao amigo de toda a instrucção; ao fundador ao mesmo tempo de escholas elementáres e da faculdade superior de lettras; ao presidente da academia real das sciências; ao que tinha os estudos pelo melhor dos passatempos; ao que practicava de egual a egual com o erudito, o naturalista, o militar, o litterato, o philósopho, o polyglotto; ao que, em tão curta vida, e tão poucos annos de laborioso reinado, achou ainda assim ócios para deixar, como affirmam, escriptos de seo punho mais de vinte volumes de *Memórias contemporâneas*, e dous tractados, incompletos mas já crescidos, um da *Sciência e arte da guerra*, outro da *Instrucção e educação popular*; áquelle, emfim, que eu tinha sinceramente admirado, e de quem esperava ainda cousas máximas para a civilização da nossa terra por via da instrucção popular; queria eu tambem, como os meos confrades, tributar aquella dolorosa vassallagem.

« Simples cidadão que elle fôsse, mas tão deveras pertencente, como era, ao grémio dos estudiosos, espontaneamente haveria eu concorrido com os que lhe-fôssem dar a derradeira despedida, e derramaria lágrymas na sua campa, modesta e desinfeitada; acompanhal-o ia devoto, como acompanhei a Garrett e a Fonseca Magalhães; era um irmão, um collaborador, e um amigo, que se -ausentava; era mais uma esperança, que transpunha d'onde ha tão poucas.

« Tende a bondade de fazer constar tudo isto áquelles nossos cooperarios na civilização.

« Tenho a honra de me-assignar vosso... etc.— *António Feliciano de Castilho.*

« Lisboa, 17 de novembro de 1861. »

9. Pag. 49

Questão Ibérica.

Quando, em octubro de 1859, por occasião da morte da rainha, o enviado extraordinario de S. M. C. foi recebido em audiência solemne pelo Sr. D.

Pedro V, aproveitou o insejo para desinvolver elegantemente os seos pensamentos ácerca da fusão dos dous reinos ibéricos, nestas palavras:

— « Demasiado unidos estão os dous thronos e estados para, assim como compartem revezes e infortúnios, se não sentirem animados de um interêsse commum pelos adeantamentos, glórias, e prosperidade um do outro. Se o progresso material, e mais ainda a cultura moral do século cifram o orgulho de suas aspirações em converter os mais afastados e dissimilhantes paizes da Europa numa confederação de sociedades amigas, quiz Deus, Senhor, pelo que toca aos dous povos da península, que não possam deixar de ser nações irmans. Fêl-os Deus — filhos do mesmo sangue — heroes da mesma história — senhores e conquistadores da mesma região. Deus os-baptizou nas águas dos mesmos rios — agglomerou-os e benzeu-os sob a abóbada do mesmo céo. Concedeu-lhes Deus alcançar, por esforços communs, instituições políticas dignas d'aquella nobre raça, que, mais essencialmente que outra alguma, identificou ao seo temperamento moral e á sua representação histórica a religião da monarchia, a fidalguia de sua independencia, e o senhorio de sua liberdade. Inviou-lhes Deus emfim para governal os, e sem dúvida para restituil-os á categoria que de direito lhes-corresponde no mundo, a dous illustrados soberanos, adoração, orgulho e providencia de seos súbditos, sinceros representantes ambos d'aquella generosa e elevada política em que a rasão do Estado outra não é senão o direito e o interêsse das nações. »

Nada mais delicado, nem tambem mais frizante que a resposta do Sr. D. Pedro V, bastante, se o pensamento era tactear o terreno, para pôr a claro as augustas intenções. Eis o trecho allusivo ao tópico ibérico:

— « O meo govêrno jamais deixou de reputar entre os seos mais sérios impenhos o contribuir para estreitar em uma prosperidade dous povos irmãos, *até nas autonomias, que a rudeza de outras éras creava ou exagerava, como naquellas que a civilização não tem fôrça para apagar.* Em tal impenho, póde dizer-se que o espírito da época faz mais doque os governos, aos quaes incumbe incaminhal-o (a elle, que mostra o caminho), ou disciplinal-o (a elle, que dá leis á humanidade). »

Signficavam estas palavras que os dous povos devem, sim, considerar-se amigos, irmãos; mas, por isso mesmo que irmãos, e amigos, não um, mas separados.

Eis, sobre este assumpto, um curioso trecho de Xavier Raymond:

« Outra vez, falando do que se-chama o partido ibérico, dizia ainda D. Pedro: « Julgam que estas vistas lisonjeiam a minha ambição e que eu as-favoreço. Tendes entre os vossos amigos pessoas que assim o-crêm, mas ingannam-se. Alem d as rasões de conveniencia, de política e de honra que devem conter-me, ha ainda considerações a que eu devo attender, comquanto os outros possam esquecêl-as. Os extravagantes, e mesmo aqui os-ha que affagam estas chimeras, não reflectem que se a casa de Bragança subisse algum dia ao th ono da península, Portugal não seria necessariamente então mais do que uma província hispanhola, a n' ssa nacionalidade seria absorvida e desappareceria. Ora eu, que sou o primeiro dos portuguezes, o primeiro d'um povo que tem um logar honroso na história da espécie humana, não seria mais do que um mandatário infiel se patrocinasse similhantes projectos. Esta gente, alem d'isso, causa-nos grande desgôsto, porque contraria muitas cousas uteis que poderiam fazer-se

para o bem commum dos dous povos: o desinvolvimento das communicações internacionaes, a approximação dos interêsses materiaes, a unidade dos pêsos e medidas e das moedas, a associação das alfândegas, etc., etc. »; e então introu a falar sôbre o seo assumpto favorito, a exposição dos projectos e das esperanças que a sua imaginação não cessava de formar, pensando na prosperidade do seo querido paiz.

10. Pag. 50

Penas de morte e degrêdo.

Várias vezes lhe-foi apresentada a penna para sottopôr seo nome a uma sentença fatal; repelliu sempre o papel de ante si, respondendo que só uma joya via preciosa na sua corôa, a do perdão; e que no seo reinado nunca o cadafalso se-ergueria.

Só em 5 dias, por exemplo, 8 e 14 de janeiro, e 16 de septembro de 1857, 2 de abril e 15 de maio de 1858 perdoou a morte a 6 homens: — Thomaz José de Carvalho — Naniam Morá — José Sebastião Vaz — José Salvador Barreto — Jacintho Rebello — e Florindo Augusto de Salles; e o degredo a 40: — Domingos Gonçalves Guimarães — José Maria de Souza — Filippe Manoel — José Rodrigues — Antonio de Almeida — Miguel de Jesus — Augusto José — Antonio da Silva — José Luiz — Antonio Lopes — Agostinho Mendes — Antonio Joaquim — José Francisco — Luiz Soares — Francisco Fernandes — José Antonio Fernandes — Francisco de Assis Nolasco da Silva — Philippe Maria de Carvalho — Antonio José Pereira — João Lopes — João Francisco Gallego — Manoel Antonio Branco — Andreza Gulo — Antonio da Silva Rio Tinto — Gonçalo Antunes — Joaquim Jerónymo — João Francisco Telmo — João Roque — José Silvério da Silva — Manoel Alves — Maria da Conceição — Caetano Dias do Pinho — Francisco Jorge — Francisco José da Lamega — Ignácio Maria de Azevedo — Joaquim António de Negreiros — José Pereira — Manoel José de Barros — Ignácio Alves — e Maria Marques. Quarenta e seis homens salvos! 46, para os quaes o poder real imitou o poder divino.

Ainda aqui se-poderiam accrescentar, nesses mesmos dias, amnistias e indultos por atacado, como se-vê no *Diario do Govêrno* de 19 de maio de 1858 e outros innumeraveis logares.

11. Pag. 55

Instrucção publica geral.

No discurso de incerramento das camaras, em julho de 1858, assim falou:

— « Lamento que a estreiteza do tempo, concedido aos vossos trabalhos, não vos-permittisse traduzir em medidas que fizessem sentir mais cedo ao paiz os beneficios de um systema de instrucção nacional, que obedecesse ao pensamento de arraigar pela educação a nossa organização politica, que satisfizesse á necessidade de crear homens para todos os misteres sociaes, os desejos que com sincero prazer reconheci animarem-vos de corresponder a um pensamento que devêra ser o de todos os homens públicos. Creio que comigo sentirêis a necessidade de illustrar a vossa próxima reünião pelo cuidado da resolução de uma questão que, mais que qualquer outra, tem direito a reclamar uma parte das meditações d'aquelles a quem occupa a idea do futuro do paiz. »

12. PAG. 55

Instrucção primária.

Num de seos discursos ao corpo legislativo assim se-exprimiu:

— « Respeito o desinvolvimento da instrucção pública como uma das principaes, senão a primeira, das necessidades do nosso paiz, como a base mais sólida e mais duravel para todo o melhoramento futuro. É objecto de interêsse vital para nós. É sobretudo para a instrucção primária, para cuja generalização o meo govêrno vos-apresentará propostas de lei, que neste momento chamo a vossa attenção, posto que não considere menos dignas de a-fixarem a secundária e superior. »

13. PAG. 55

Universidade de Coimbra.

Superpondo-se a certos ciumes entre os altos corpos de insino, respondeu, em Coimbra, d'est'arte, a uma deputação do claustro:

« Os progressos na civilização alargam entre nós a esphera do insino superior. A applicação separou-se, sem se-desligar, da theoria pura; e novas escholas vieram fazer concurrencia ás aulas da Universidade de Coimbra.

O que era necessidade para o paiz é, ao mesmo tempo, um principio de emulação entre escholas que não podem ter outra rivalidade senão o ardor no preinchimento dos fins, diversos entre si, que ellas se-propõim.

As nossas escholas não são de mais ao pé da Universidade; nem a Universidade, respeitavel pela antiguidade e pelos serviços, podia sentir quebrar-se-lhe o vigor, ao ver-se reproduzida.

Fôra caso único que a mãe podesse ter inveja aos filhos. »

Eis-aqui a resposta d'el-rei aos académicos da Universidade:

— « Agradeço-vos as felicitações que, em nome dos académicos da Universidade de Coimbra, acabais de me-dirigir a mim e á rainha. São sinceras, porque conheço a mocidade mais inclinada a censurar que a adular.

« Não esperei de vós senão a linguagem de homens livres, que vos-prezais de falar. Sentis a vida; appellais para o futuro; e quererieis por ventura que o tempo corresse como vos-corre o pensamento. O que ainda hoje é sentimento — sentimento de educação ou de harmonia — illusão em parte ainda — e crença que desponta por entre as aspirações que deixamos partidas na nossa peregrinação — convertêl-o-hão o tempo e o desinganno em convicções.

« Ides intrar na edade de restituir á pátria o que ella vos-deu pela eschola. Actores ou espectadores, participarêis, mais ou menos, da gerencia dos negócios públicos, com a acção, com o conselho, com o voto.

« Permitti um conselho a quem trabalhou como vós todos, a quem pede hoje á família um descanso, e um confôrto para esse trabalho.

« Não vos-esqueça, na vida pública, a sciência! não esqueçais pela sciência a sociedade! Obrigae a regra a conceder ao acaso o quinhão, que elle sabe conquistar nas cousas humanas, e não desprezeis a regra, quando contardes com o acaso;

« Ha dous crimes, para os quaes não se-legisla: o isolamento e a ignorancia. o despotismo da theoria e o despotismo da práctica! »

Mais de uma vez a mocidade académica testimunhou suas profundas sympa-

thias ao realmancebo, companheiro seo na edade e no culto da sciência. Lembraremos as felicitações que ella lhe-dirigiu, por occasião do régio consórcio. Eram esses filhos da Universidade que (como elles mesmos diziam) tinham de exercer alguns dos primeiros cargos políticos, muitos dos administrativos, todos os judiciaes; de levar — com a theologia, crença ao vacillante — com a medicina, lenitivo ao infêrmo — com a mathemática, impulso á viação — com a philosophia, subsídio ao manufactor — com o direito, justiça a todos — e com todos os progressos das sciências e das lettras, a luz e a vida da civilização futura; e que todos vinham congratular o chefe do Estado naquelle dia de júbilo, augurando, aberta a mão a perniciosas lides das armas, prósperos dias da glória, das lettras e das liberdades portuguezas. Foi a régia resposta digna, amiga, elevada, instructiva.

14. Pag. 55

Mocidade academica da polytechnica e da Universidade.

Na famosa sessão de 26 de octubro de 1856, presidida por S. M. El-Rei D. Pedro V, e por S. A. o Sr. Infante D. Luiz, e depois que o director da eschola recitou o seo discurso, S. M. respondeu nos seguintes termos (*Diario do Governo*, de 29 de octubro):

« Ha perto de vinte annos que a eschola polytéchnica existe. Ha perto de vinte annos que ella presta uteis serviços ao Estado, habilitando para as diversas carreiras a que o estudo das sciências mathemáticas e physicas serve de preparação.

« Nascida nos primeiros tempos do govêrno constitucional em Portugal, a eschola polytéchnica foi a satisfacção das tendências da nossa época para o desinvolvimento da instrucção, dirigida a fins de utilidade práctica.

« A necessidade de um systema assim concebido tinha sido sentida desde 1834, e a creação da eschola polytéchnica, eschola central destinada a preparar para a carreira militar, e para a ingenharia civil, foi a resolução mais económica do projecto de dotar o paiz com um estabelecimento, que lhe-podesse prestar os mesmos serviços que a eschola polytéchnica tem prestado em França.

« O pensamento fecundo que presidiu á instituição da eschola polytéchnica resistiu ás alternativas da vida política, e ás contrariedades de todo o género, que cercaram os seos primeiros passos. Mais ou menos favorecida pelo poder, mas nunca atacada nos princípios que determinaram a sua creação, a eschola polytéchnica apresenta para justificar a sua rasão de existencia o aperfeiçoamento na instrucção theórica dos officiaes das armas especiaes, a creação dos serviços geodésico, topográphico, e hydrográphico, e o derramamento dos conhecimentos indispensaveis ao homem culto. Creando o insino da chimica e das sciências physicas com applicação á indústria, ella formou homens aptos para constituir o pessoal docente dos institutos industriaes, que permittem fazer participar as classes laboriosas dos benefícios da instrucção methódica nos seos misteres, e se-podem considerar como as escholas primárias nas quaes se-formam os ingenheiros civis.

« A eschola polytéchnica contribuiu poderosamente para o aperfeiçoamento da instrucção scientífica entre nós; lançou na circulação ideas uteis sôbre a

necessidade da instrucção; e sobretudo pela natureza do seo insino, obrigou os seos alumnos a formarem-se a si mesmos. A eschola polytéchnica não forma individuos aptos para se-intregarem ao serviço das especialidades a que se -destinam; subministra-lhes os conhecimentos indispensaveis para se-darem aos estudos de applicação. Se ella até hoje não tem correspondido, tão perfeitamente como era de desejar, a este importante fim, é que lhe-tem faltado os meios necessários para completar a instrucção que subministra aos seos alumnos. As suas collecções estão longe de se-poderem considerar perfeitas; falta-lhe totalmente o observatório astronómico, e a sua bibliotheca não offerece os meios de instrucção que os variados ramos do seo insino exigem.

« A organização da eschola polytéchnica foi em parte filha da necessidade de economizar, d'essa necessidade que desgraçadamente se-tem extendido aos meios de desinvolver a instrucção do povo; resente-se do limitado campo de actividade que se-offerecia na época da sua creação á applicação dos conhecimentos scientificos, e reunindo os cursos preparatórios para os militares com os das carreiras civis, não dotou a auctoridade com a fôrça necessaria para manter nos alumnos militares aquelle rigor de disciplina, que auxilia, e torna mais profícuo o estudo, e prepara para soffrer com resignação as privações a que o militar se-vê tantas vezes exposto na sua carreira. É este um defeito de organização que mereceu por várias vezes a attenção do govêrno, que não póde deixar de exigir que aquelles individuos para com quem contráhi obrigações correspondam, pelo seo aproveitamento, e pela sua conducta, aos sacrificios que o Estado faz com elles. Cumpre que os alumnos militares procurem justificar por seo comportamento, e pela sua applicação, a ausencia de uma disciplina tão rigorosa qual a que existe em estabelecimentos de egual natureza em outros paizes.

« Naquelles paizes em que os exércitos são pequenos, em que o interêsse económico, e sobretudo o interêsse politico, exigem que o exército seja pouco numeroso, o corpo de officiaes deve distinguir-se pela sua instrucção, e pela sua educação. É este um fim a cuja obtenção devem caminhar os seos esforços tanto os lentes como os alumnos. Confio que esta será a sua constante preoccupação.

« É de esperar que a continuação da tranquillidade de que nestes últimos tempos temos gosado, que o desinvolvimento dos recursos do paiz, que o triumpho da rasão pública, á qual o podêr difficilmente resiste, possam crear as condições para o desinvolvimento da instrucção pública em todos os seos ramos, em harmónia com as multiplices reclamações da nossa sociedade. A eschola polytéchnica por certo tem direito á minha attenção e á do govêrno. O seo passado assim o-pede, e não menos o-reclama o seo futuro.

« A eschola polytéchnica pôde, apezar dos obstáculos que teve de vencer, constituir-se, e contribuir poderosamente para o desinvolvimento do insino das sciências mathemáticas e physicas em Portugal. Deveu-o ao zêlo do seo conselho escholar. Um passado de vinte annos impõi deveres que não preciso de lembrar a quem até hoje os-tem comprehendido.

« Alumnos da eschola polytéchnica.— Tendo pessoalmente intregar os prémios conferidos no último anno lectivo aos mais dignos de entre vós, satisfaço a um agradavel incargo, que nem mesmo desejei que vossos mestres partilhassem comigo. Sirvam-vos elles de incentivo na vossa carreira pública.

Lembrae-vos sobretudo do espirito da instituição da eschola que vos-prepara a servir dignamente o Estado. Esse espirito consiste em dar a cada um dos seos alumnos os meios de se-instruir a si mesmo. »

Eis-aqui o que em seguida se-lê, no mesmo *Diario* :

« O discurso de el-rei foi ouvido num silêncio religioso e com a mais profunda attenção. As elevadas considerações feitas por Sua Majestade a respeito do insino na eschola, da influencia d'este insino para a illustração do paiz, e em particular do exército, e a respeito do observatório astronómico de Lisboa, excitaram satisfacção unânime; a promessa de Sua Majestade de continuar sua poderosa protecção á eschola, as palavras cheias de benevolencia dirigidas ao corpo cathedrático, as expressões de elogio e de sympathia dirigidas aos alumnos premiados, affiançam a esta instituição um futuro de prosperidade. Acabado o discurso de Sua Majestade, e postos em pé todos os espectadores, foram sendo successivamente chamados pelo secretário da eschola, o major graduado Fernando de Magalhães Villas-Boas, os alumnos laureados; estes alumnos approximando-se de Sua Majestade recebiam de sua real mão os diplomas do prémio que tinham merecido no anno lectivo passado, e se-retiravam depois de terem tido a honra de beijar a mão a Suas Majestades e Alteza.

« Determinada a distribuição dos prémios, Suas Majestades e Alteza se-dignaram visitar os vários estabelecimentos da eschola, e se-retiraram perto das tres horas. »

Relação dos alumnos que no anno lectivo de 1855—1856 *foram premiados nas diversas cadeiras da eschola polytéchnica.*

1ª CADEIRA.

Francisco de Mello — 1º prémio pecuniário.

2ª CADEIRA.

Manoel Maria Loureiro Banazol — 1º prémio pecuniário.

3ª CADEIRA.

Alexandre Magno de Castilho — 1º prémio pecuniário.

4ª CADEIRA.

Mariano Ghira — 1º prémio pecuniário.

6ª CADEIRA.

Alexandre Magno de Castilho — 1º prémio pecuniário.

7ª CADEIRA.

Mariano Ghira — 1º prémio pecuniário.
Frederico Augusto Oom — 2º dito.
Augusto Cesar Justino Teixeira — 1º prémio honorífico.
Aniceto Marcolino Barreto da Rocha — 2º dito.
Alexandre Magno de Castilho — 3º dito.

8ª CADEIRA.

Aniceto Marcolino Barreto da Rocha — 1º prémio pecuniário.

9ª CADEIRA.

Augusto Frederico Pinto de Rebello Pedrosa — 1º prémio pecuniário.

10ª CADEIRA.

Frederico Augusto Oom — 1º prémio pecuniário.

Está conforme.— Direcção geral da comptabilidade do ministério da fazenda. 3 de fevereiro de 1857.— *José Bernardo da Rosa.*

PAG. 16. 57

Curso superior de lettras.

Do princípio geral dos concursos exceptuou Sua Majestade a dous cavalheiros, Alexandre Herculano e Castilho Antônio, para os quaes designou as cadeiras que lhes-destinara, honra de que ambos, aliás, pediram licença para declinar. Não será descabido, porêm, transcrever aqui a carta que Castilho Antônio por essa occasião elevou á presença de el-rei :

Carta de Antônio Feliciano de Castilho a Sua Majestade El-Rei D. Pedro V, em 22 de outubro de 1859.

Senhor! — Permitta-me V. M. que eu não limite a meras palavras fugitivas, que para o mundo e para a posteridade são como se não foram, mas antes confie á escripta, por ser fiel, diffusiva, e perduravel, os meos cordiaes agradecimentos a V. M., pela tão honrosa escolha com que V. M. se-dignou de me-chamar para a cadeira, por V. M. fundada e mantida, de litteratura moderna, e particularmente nacional.

Ao distribuir prêmios este anno passado dice V. M.: estas palavras, de que eu me não heide esquecer em toda a vida, nem a história em tempo algum: SOU AMIGO DOS QUE TRABALHAM. Ficou-me portanto licito desde logo escrever a V. M. O trabalho zeloso e util dá-me para com V. M. o mesmo privilégio, de que já por seo talento e génio se-gosaram para com outros grandes principes outros escriptores.

Senhor! Se alguma cousa pôde egualar-se em mim á ufania, não vaidosa, de me-ver por V. M. mesmo designado para um cargo, que tanto requer de saber, de philosophia, e de apurado gôsto, confesso a V. M. que logo na segunda hora, após a do enthusiasmo, me-introu a dominar com energia não menor o receio de não ter fôrças, nem meios, nem recursos, correspondentes ao desejo e á espectação de V. M.

Entretanto o deliberar-me era difficilimo. Que de rasões de todo o género, que de impulsos interiores para eu acceitar! mas que montanhas e cordilheiras de difficuldades para me-pôrem mêdo!

Devia alguma cousa a mim, e ao meo nome; ao nome, ao crédito, e aos interêsses de meos filhos; devia muito mais a V. M.; á nossa pátria e á civilização devia tudo. Para qualquer lado que houvesse de cair a resolução, deixaria inevitavelmente esmagados muitos respeitos, que me-haviam de ficar bradando vingança na consciência.

Dei-me portanto a estudar com toda a sisudez e individuação os contras de cada pró, e os prós de cada contra; era obedecer ao legislador da poética e do bom senso.

.....versate diu, quid ferre recusent,
quid valeant humeri.....

¿Qual era a natureza e a extensão dos estudos que se-me-commettiam? Primeiro poncto para sério exame.

¿Quaes para um bom desimpenho os meos cabedaes existentes? ¿quaes as

minhas faculdades, fôrças e condições para os conseguir novos e melhorados? Segundo poncto, não menos grave.

Presuppondo que os-podesse alcançar, pelo menos sufficientes, qual era (e este terceiro poncto era momentosissimo) a sua importancia real comparada com a de outras lidas, que me-seria forçoso renunciar?

Eis-aqui, Senhor, o que, para íntegra e escrupulosamente se-esclarecer, pedia, e não dispensava, longos dias e noites das mais constantes, ininterruptas, e improbas diligencias.

Só agora, que cheguei cansado ao cabo de todas ellas, mas livre e seguro de êrros e illusões; só agora, Senhor, é que posso desimpenhar-me de um dever, cuja tardança involuntária já me-estava remordendo.

Exporei a V. M., como V. M. o-quer, e por todos os títulos o-merece, os resultados das minhas averiguações em todos os tres ponctos.

O quadro da litteratura moderna, quadro sem moldura, quadro recrescente por todos os lados, quadro vivo, cambiante, quadro de tão vagas e incontradas luzes, de tão profundas e inextricaveis sombras, exige em quem se-arroje a explical-o mais que um erudito, e um polyglotto: um homem cujos olhos possam devorar de contínuo, cuja memória, já prodigiosamente cheia, possa de contínuo absorver e assimilar, cujo gôsto se não confunda nem imbote, cuja philosophia domine, alta e brilhante como sol, todas as questões, porque assim o-digamos, sublunares, da arte e das escholas. Esse homem não era, esse homem não sou eu.

O meo pecúlio de idiomas é escasso.

Creado por Deus para produzir algumas florinhas de poesia, em quanto não chegasse estação, que emfim chegou, de produzir tambem, de entre ellas, e d'ellas, alguns fructos substanciaes, nunca, nem o pendor natural, nem o tempo, nem a necessidade, se-me-compadeceram com o cosmopolitismo litterário. Abaixo dos meos clássicos romanos, meos primeiros amigos e formadores, e de dez ou doze modernos, meos reformadores, e não menos amigos, posso affirmar a V. M., que os livros da minha mais costumada applicação têm sido o meo próprio espirito, o meo próprio coração, e a natureza.

Senhor! Em minha boa e leal verdade: eu não scei senão muito poucas cousas. A cada passo me-incontro invergonhado por essa rumorosa república litterária (na qual tambem V. M. é magnate) com indivíduos, não naturaes d'ella, uns naturalizados, outros adventícios, por quem eu, quanto ao intrínseco, me não trocara talvez, mas cujo copioso haver, feitiço e de ostentação, me -admira, e me-confunde. Certos de entre elles, e muitos, representam-se á minha humilde sinceridade uma espécie de entes sobrenaturaes, que adivinharam, não só a philosophia, as theorias e as regras, mas tambem quantos livros se-têm produzido, e se-hão de produzir. Nunca ninguem os-viu estudar, e acreditar-se-ia ao ouvil-os que estudaram tudo! De dia e no serão professam, em cursos ambulantes... a encyclopédia; qualquer banco de passeio, loja ou theatro, lhes-é cáthedra; qualquer gruppo fortuito, auditório. É logo necessariamente de noite, e em quanto dormem, que por um especial favor do Alto se-lhes-philtra para o cérebro a sciência infusa do primeiro homem, e que as abelhas de Platão lhes-vão zumbir em roda do leito, e fabricar nos lábios os seos panaes dourados.

Proceda d'onde proceder a sua universal sciência, e, o que para mim não é menos assombroso, a fé implícita que elles têm na sua própria infallibilidade, com que se-arrogam tom e créditos de oráculo, o que eu unicamente sei bem, Senhor, é que, sôbre não possuir um systema vasto e completo das innumeraveis noções que a nova cadeira vem pedindo, carêço, ainda de mal!, tudo quanto fôra preciso para as-grangear.

Não me-dissimúlo que o pecúlio real de notícias e princípios, de factos e de ideas, se-póde até certo ponto dispensar, com um pouco de habilidade, e não pouco de despejo. Em cousa nenhuma tanto como na litteratura e na philosophia, por sua índole essencialmente vaga, em nossos dias sobretudo, se -podem levar os applausos das turbas com prestidigitações, e phantasmagorias; não faltou quem m'o-advertisse, e me-aconselhasse a acceitar o benefício e a honra, correspondendo ao *deus nobis hæc otia fecit*, com o *ego mira poemata pango*. Por isso mesmo que era amplíssimo e indemarcado o campo, livre me -ficava, ponderavam elles, percorrêl-o ao som da minha phantasia, ou ao sôpro do acaso; desvairar-me de digressão em digressão; esquivar as agruras e fraguosidades da sciência, para me-espairecer no ameno e florido do descriptivo, das biographias dos auctores, dos quadros históricos dos tempos e dos logares, das anedoctas, das recitações apraziveis, das críticas mordazes e facétas; emfim, estanciar em Cápua, coroado de rosas, num festim opíparo, vencendo o mesmo soldo que se andasse quebrando os pés e a espada através dos Alpes, por onde era o primitivo itinerário. Bom conselho em verdade para o dia seguinte áquelle em que se-tivesse amortalhado a consciência!; bonissimo arbitrio, se não fôra infame, querer dar pelo ouro de V. M. palavras douradas, e corresponder ao convite de V. M. para lidas sérias, com o abuso impudente e sacrilego da boa fé e do heroico patriotismo de V. M.

Quando, á conta da altura do throno de V. M., baixeza e remoto da minha posição, eu me-quizesse ingannar com a esperança de que V. M. não descobriria a infidelidade do meo trabalho, outros muitos a-saberiam; e, quando ninguem mais a-soubera, sabia-a eu; e como a eu soubesse, já a cama de plumas deparada pela munificência de V. M., me-daria mais vigilias revolvidas do que somnos regalados; já cada pedra da casinha, que eu houvera edificado com esse thesouro, clamaria contra mim, como tres vezes roubada; roubada primeiro a el-rei; roubada depois ao mais digno do que eu; roubada, por derradeiro, á porção estudiosa do nosso povo.

Quero antes ficar-me bem commigo mesmo no fundo da minha pobre obscuridade, e merecer que V. M., sabendo por mim mesmo que eu não era o que V. M. procurava, me-compense, com um pouco de estimação moral, o que me-quiz prodigalizar em brilho litterário e em fortuna.

Senhor; para que V. M. se-inteire de quanto a meo pezar e quão verídico faço a V. M. estas confissões, com egual franqueza, como quem fala ao AMIGO DOS QUE TRABALHAM, declaro agora a V. M. que: assim como sou insufficiente para esta eschola, qual a-planejaram e instituiram o sábio intendimento e magnânimo coração de V. M., tarefas ha, de mais humilde natureza, mas não talvez menos prestadias, de que eu tenho para mim daria boa conta, se me -fôram incumbidas. São, em primeira linha, as que se-referem directa e immediatamente á instrucção elementar do povo. O passado responde pelo futuro:

ahi, depois de nos-conceder a graça de lhe-beijarmos a régia mão, ordenou a seo camarista marquez de Ficalho que chamasse d'entre a academia um que tendo a distinctissima honra de receber um abraço do nosso sympáthico e popu larissimo monarcha, fôsse incarregado de o-transmittir a todos os seos co legas.

« E eu, intérprete dos reaes sentimentos de Sua Majestade, venho por est meio tornar pública esta tão generosa quanto digna acção, communicando-a todos os meos collegas e amigos, em quanto eu próprio não posso cumpri com o que por Sua Majestade me-foi ordenado.

« Foi então que eu, em nome de todos os meos collegas, certifiquei a Su Majestade o quanto nos-pinhorava este acto verdadeiramente real, e que eter namente ficará gravado em nossos corações, sempre reconhecidos e fiéis. Pobr foi talvez a demonstração dos meos collegas, porêm nascida de coraçõe francos, e que sabem reconhecer as altas e nobres qualidades com que a corô portugueza tão brilhantemente se-acha ornada; e seja ella por Sua Majestad recebida como a expressão dos puros, verdadeiros e leaes sentimentos da Aca demia.

« Coimbra, 29 de novembro de 1860.— *José Corrêa Loureiro*, do 3º anno jurídico. »

PAG. 15. 56

Exemplos das formas de donativos régios.

Védoria da Casa Real. — Tendo attenção ás urgencias do Estado: Hei por bem ordenar, que da dotação que me-fôra estabelecida, na conformidade da Carta Constitucional da Monarchia, se-deduza a quantia de noventa e um contos duzentos e cincoenta mil réis (Rs. 91:250$000), como donativo espontâneo, que deverá verificar-se durante o anno de 1857—1858: e outrosim sou servido de clarar que é minha vontade que d'esta somma sejam applicados trinta contos de réis (Rs. 30:000$000) á fundação de um observatório astronómico em Lisboa, e dez contos de réis (Rs. 10:000$000) para inriquecer as collecções do Instituto Industrial d'esta capital, devendo a restante quantia de cincoenta e um contos duzentos e cincoenta mil réis (Rs. 51:250$000) intrar na receita geral do Estado. O duque mordomo-mór assim o-tenha intendido e fará constar na repartição competente. Paço, aos trinta e um de janeiro de mil oitocentos cincoenta e septe.— REI.— *Duque mordomo-mór.*— Está conforme.— *Gonçalo Jaime Aldim.*

Está conforme.— Direcção geral da comptabilidade do ministério da fazenda, 3 de fevereiro de 1857.— *José Bernardo da Rosa.*

Secretaria particular de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando.— Tendo attenção ás urgências do Estado: Hei por bem declarar que da dotação que me-compete por virtude do contracto matrimonial celebrado em Coburgo em o primeiro de dezembro de mil oitocentos e trinta e cinco, faço cessão a favor do thesouro público da quantia de cincoenta contos de réis, como donativo espontâneo; para esta somma ser deduzida da dicta dotação no anno económico de mil oito centos e cincoenta e septe a mil oitocentos e cincoenta e oito, e nas prestaçõe mensaes, como se-tem practicado nos annos antecedentes. Paço das Necessi dades, em trinta e um de janeiro de mil oitocentos e cincoenta e septe.— El-Re DOM FERNANDO.— Está conforme.— *Joaquim Rodrigues Chaves.*

Está conforme.— Direcção geral da comptabilidade do ministério da fazenda, 3 de fevereiro de 1857.— *José Bernardo da Rosa.*

PAG. 16. 57

Curso superior de lettras.

Do princípio geral dos concursos exceptuou Sua Majestade a dous cidadãos, Alexandre Herculano e Castilho António, para os quaes designou as cadeiras que lhes-destinara, honra de que ambos, aliás, pediram licença para declinar. Não será descabido, porêm, transcrever aqui a carta que Castilho António por essa occasião elevou á presença de el-rei :

Carta de António Feliciano de Castilho a Sua Majestade El-Rei D. Pedro V, em 22 de outubro de 1859.

Senhor! — Permitta-me V. M. que eu não limite a meras palavras fugitivas, que para o mundo e para a posteridade são como se não foram, mas antes confie á escripta, por ser fiel, diffusiva, e perduravel, os meos cordiaes agradecimentos a V. M., pela tão honrosa escolha com que V. M. se-dignou de me -chamar para a cadeira, por V. M. fundada e mantida, de litteratura moderna, e particularmente nacional.

Ao distribuír prémios este anno passado dice V. M. estas palavras, de que eu me não heide esquecer em toda a vida, nem a história em tempo algum: SOU AMIGO DOS QUE TRABALHAM. Ficou-me portanto lícito desde logo escrever a V. M. O trabalho zeloso e util dá-me para com V. M. o mesmo privilégio, de que já por seo talento e génio se-gosaram para com outros grandes príncipes outros escriptores.

Senhor! Se alguma cousa pôde egualar-se em mim á ufanía, não vaidosa, de me-ver por V. M. mesmo designado para um cargo, que tanto requer de saber, de philosophia, e de apurado gôsto, confesso a V. M. que logo na segunda hora, após a do enthusiasmo, me-introu a dominar com energia não menor o receio de não ter fôrças, nem meios, nem recursos, correspondentes ao desejo e á espectação de V. M.

Entretanto o deliberar-me era difficilimo. Que de rasões de todo o género, que de impulsos interiores para eu acceitar! mas que montanhas e cordilheiras de difficuldades para me-pôrem mêdo!

Devia alguma cousa a mim, e ao meo nome; ao nome, ao crédito, e aos interêsses de meos filhos; devia muito mais a V. M.; á nossa pátria e á civilização devia tudo. Para qualquer lado que houvesse de caír a resolução, deixaria inevitavelmente esmagados muitos respeitos, que me-haviam de ficar bradando vingança na consciência.

Dei-me portanto a estudar com toda a sisudez e individuação os contras de cada pró, e os prós de cada contra; era obedecer ao legislador da poética e do bom senso.

.....versate diu, quid ferre recusent,
quid valeant humeri.....

¿ Qual era a natureza e a extensão dos estudos que se-me-commettiam? Primeiro poncto para sério exame.

¿ Quaes para um bom desimpenho os meos cabedaes existentes? ¿ quaes as

minhas faculdades, fôrças e condições para os conseguir novos e melhorados? Segundo poncto, não menos grave.

Presuppondo que os-podesse alcançar, pelo menos sufficientes, qual era (e este terceiro poncto era momentosissimo) a sua importancia real comparada com a de outras lidas, que me-seria forçoso renunciar?

Eis-aqui, Senhor, o que, para íntegra e escrupulosamente se-esclarecer, pedia, e não dispensava, longos dias e noites das mais constantes, ininterruptas, e ímproprias diligencias.

Só agora, que cheguei cansado ao cabo de todas ellas, mas livre e seguro de êrros e illusões; só agora, Senhor, é que posso desimpenhar-me de um dever, cuja tardança involuntária já me-estava remordendo.

Exporei a V. M., como V. M. o-quer, e por todos os títulos o-merece, os resultados das minhas averiguações em todos os tres ponctos.

O quadro da litteratura moderna, quadro sem moldura, quadro recrescente por todos os lados, quadro vivo, cambiante, quadro de tão vagas e incontradas luzes, de tão profundas e inextricaveis sombras, exige em quem se-arroje a explical-o mais que um erudito, e um polyglotto: um homem cujos olhos possam devorar de contínuo, cuja memória, já prodigiosamente cheia, possa de contínuo absorver e assimilar, cujo gôsto se não confunda nem imbote, cuja philosophia domine, alta e brilhante como sol, todas as questões, porque assim o-digamos, sublunares, da arte e das escholas. Esse homem não era, esse homem não sou eu.

O meo pecúlio de idiomas é escasso.

Creado por Deus para produzir algumas florinhas de poesia, em quanto não chegasse estação, que emfim chegou, de produzir tambem, de entre ellas, e d'ellas, alguns fructos substanciaes, nunca, nem o pendor natural, nem o tempo, nem a necessidade, se-me-compadeceram com o cosmopolitismo litterário. Abaixo dos meos clássicos romanos, meos primeiros amigos e formadores, e de dez ou doze modernos, meos reformadores, e não menos amigos, posso affirmar a V. M., que os livros da minha mais costumada applicação têm sido o meo próprio espirito, o meo próprio coração, e a natureza.

Senhor! Em minha boa e leal verdade: eu não scei senão muito poucas cousas. A cada passo me-incontro invergonhado por essa rumorosa república litterária (na qual tambem V. M. é magnate) com individuos, não naturaes d'ella, uns naturalizados, outros adventicios, por quem eu, quanto ao intrínseco, me não trocara talvez, mas cujo copioso haver, feitiço e de ostentação, me -admira, e me-confunde. Certos de entre elles, e muitos, representam-se á minha humilde sinceridade uma espécie de entes sobrenaturaes, que adivinharam, não só a philosophia, as theorias e as regras, mas tambem quantos livros se-têm produzido, e se-hão de produzir. Nunca ninguem os-viu estudar, e acreditar-se-ia ao ouvil-os que estudaram tudo! De dia e no serão professam, em cursos ambulantes... a encyclopédia; qualquer banco de passeio, loja ou theatro, lhes-é cáthedra; qualquer gruppo fortuito, auditório. É logo necessariamente de noite, e em quanto dormem, que por um especial favor do Alto se-lhes-philtra para o cérebro a sciência infusa do primeiro homem, e que as abelhas de Platão lhes-vão zumbir em roda do leito, e fabricar nos lábios os seos panaes dourados.

Proceda d'onde proceder a sua universal sciência, e, o que para mim não é menos assombroso, a fé implícita que elles têm na sua própria infallibilidade, com que se-arrogam tom e créditos de oráculo, o que eu unicamente sei bem, Senhor, é que, sôbre não possuir um systema vasto e completo das innumeraveis noções que a nova cadeira vem pedindo, carêço, ainda de mal!, tudo quanto fôra preciso para as-grangear.

Não me-dissimúlo que o pecúlio real de notícias e princípios, de factos e de ideas, se-póde até certo ponto dispensar, com um pouco de habilidade, e não pouco de despejo. Em cousa nenhuma tanto como na litteratura e na philosophia, por sua índole essencialmente vaga, em nossos dias sobretudo, se -podem levar os applausos das turbas com prestidigitações, e phantasmagorias; não faltou quem m'o-advertisse, e me-aconselhasse a acceitar o benefício e a honra, correspondendo ao *deus nobis hæc otia fecit*, com o *ego mira poemata pango*. Por isso mesmo que era amplissimo e indemarcado o campo, livre me -ficava, ponderavam elles, percorrêl-o ao som da minha phantasia, ou ao sôpro do acaso; desvairar-me de digressão em digressão; esquivar as agruras e fragosidades da sciência, para me-espairecer no ameno e florido do descriptivo, das biographias dos auctores, dos quadros históricos dos tempos e dos logares, das anedoctas, das recitações apraziveis, das críticas mordazes e facétas; emfim, estanciar em Cápua, coroado de rosas, num festim opíparo, vencendo o mesmo soldo que se andasse quebrando os pés e a espada através dos Alpes, por onde era o primitivo itinerário. Bom conselho em verdade para o dia seguinte áquelle em que se-tivesse amortalhado a consciência!; bonissimo arbítrio, se não fôra infame, querer dar pelo ouro de V. M. palavras douradas, e corresponder ao convite de V. M. para lidas sérias, com o abuso impudente e sacrilego da boa fé e do heroico patriotismo de V. M.

Quando, á conta da altura do throno de V. M., baixeza e remoto da minha posição, eu me-quizesse ingannar com a esperança de que V. M. não descobriria a infidelidade do meo trabalho, outros muitos a-saberiam; e, quando ninguem mais a-soubera, sabia-a eu; e como a eu soubesse, já a cama de plumas deparada pela munificência de V. M., me-daria mais vigilias revolvidas do que somnos regalados; já cada pedra da casinha, que eu houvera edificado com esse thesouro, clamaria contra mim, como tres vezes roubada; roubada primeiro a el-rei; roubada depois ao mais digno do que eu; roubada, por derradeiro, á porção estudiosa do nosso povo.

Quero antes ficar-me bem commigo mesmo no fundo da minha pobre obscuridade, e merecer que V. M., sabendo por mim mesmo que eu não era o que V. M. procurava, me-compense, com um pouco de estimação moral, o que me-quiz prodigalizar em brilho litterário e em fortuna.

Senhor; para que V. M. se-inteire de quanto a meo pezar e quão verídico faço a V. M. estas confissões, com egual franqueza, como quem fala ao AMIGO DOS QUE TRABALHAM, declaro agora a V. M. que: assim como sou insufficiente para esta eschola, qual a-planejaram e instituiram o sábio intendimento e magnânimo coração de V. M., tarefas ha, de mais humilde natureza, mas não talvez menos prestadias, de que eu tenho para mim daria boa conta, se me -fôram incumbidas. São, em primeira linha, as que se-referem directa e immediatamente á instrucção elementar do povo. O passado responde pelo futuro:

já facilitei pela philosophia, pela mnemonisação, e pelo attractivo da amenidade e do amor, como V. M. mesmo presenciou, o insino do lêr e do escrever; bem haja eu por isso, que ampliei margem a novos estudos e trabalhos; porque (foram palavras estas de V. M.): O DESINVOLVIMENTO DA ACTIVIDADE SOCIAL TENDE A ROUBAR O TEMPO AO INSINO; IMPREGAR TODA A FÔRÇA VIVA DA MOCIDADE (dice-o ainda V. M.) É UMA DAS EXIGENCIAS, E DAS CONSEQUENCIAS DO ESPIRITO E DA ORGANIZAÇÃO SOCIAES DA ACTUALIDADE. Mas o estudo da grammática geral e portugueza, e o da língua latina, dous impregos diuturnos das minhas lucubrações, estão ainda por concluir; e concluidos não seriam menos serviçaes, nem menos fructíferos. Nestes dous ramos, e em vários outros que ainda me -chamam pela vontade, pertencentes ao primeiro plantar nos espíritos que se -arroteiam, tem-se entre nós laborado, ou muito me-inganno eu, num grave êrro: pertendem-se levar as noções para dentro da memória de assalto e á escala vista; o meo systema, o meo dogma, é pelo contrário: que á memória se não vá senão através, por favor, e com boa paz do intendimento; é isso o que dá á alma, desde o seo princípio, os bons hábitos, o gôsto para o trabalho, que então se-torna prazer, e uma fecundidade real e proveitosa. ¿Quem melhor o-sabe que V. M.?, e quem melhor que V. M. o-podéra ter dito?: AS ESCHOLAS INFERIORES MAL CORRESPONDEM Á SUA MISSÃO, E NÃO DÃO AOS ESPIRITOS AINDA NOVEIS DOS SEOS ALUMNOS OS ORGÃOS DE ASSIMILAÇÃO QUE A INSTRUCÇÃO SUPERIOR SUPPÕI.

Já que de língua latina falei, passo adeante; e digo: que outra obra ha, de índole mais litterária, mais congénita ao novo curso fundado por V. M., para a qual eu scei e sinto que a natureza e o meo estudo me-apparelharam: é a trasladação de monumentos clássicos romanos para a nossa língua.

Já as *Metamorphoses*, os *Amores*, e os *Fastos*, de Ovídio, pertencem pelas minhas diligencias á litteratura nacional; as restantes obras do mesmo gigante, sinto-me ainda com fôrças e ânimo para as-ir desinterrar d'onde o desestudo do latim as-tem sumidas, e expôl-as não menos para modêlos aos curiosos do antigo. Em todas as escholas, até nas mais oppostas, ha muito que se -aproveite.

Os poemas completos do *desterrado do Ponto*, todas as litteraturas europeas os-ambicionaram, e os-metteram em si, com mais ou menos boa-mão; a nossa, que algumas vezes o-havia tentado, póde agora pelos meos crentes e fervorosos esforços conseguil-o; é imprêsa para a qual eu não peço mais do que o tempo (retribuições e prémios viriam supérfluos; incontro-os de sobejo na approvação, no quasi applauso dos intendidos), e, se alguma corôa mais podesse ambicionar, seria para mim a primeira, e a mais invejavel de todas, que V. M., o Rei sábio e lettrado, o fautor de todos os bons estudos, o amigo e o exemplar de todos os que trabalham, se-dignasse de me-acceitar a reverente dedicação de um tal monumento.

Depois de Ovídio, está ahi Virgílio requerendo tambem a sua carta de naturalização, e esperando obtêl-a sob um príncipe que tanto lhe-deve fazer lembrar, na illustração e no amparo aos poetas, o seo Augusto; Virgílio, já tantas vezes traduzido em portuguez, e ainda hoje por traduzir.

Depois de preludiar em Ovídio, talvez me-aventurasse eu, ainda que a mêdo, a metter mãos áquella eterna música Virgiliana.

Diz-me o senso íntimo, que nestes lavores de poeta, para onde estudo e gôsto me-reclamam, posso muito mais e melhor servir a V. M., do que o-faria desbaratando-me, e consummindo-me, a revolver e commentar uma litteratura interminavel, de mil aspectos, e na máxima parte desconhecida.

Depois, Senhor, quem sabe se este surriso benévolo de V. M. ás musas antigas, que tanto podem contribuir para se-nos-completarem estudos, e retemperar a lingua, não esforçaria a outros, depois de mim, para commettimentos similhantes, até virmos a possuir, tambem nós, o corpo inteiro dos poetas e dos prosadores do povo grande, de quem herdámos tudo mais?

A língua portugueza, de todas as neo-latinas a mais latina incontestavelmente, póde aspirar sem temeridade a isto com que tantas outras se-têm opulentado; e (sem lisonja palaciana o-affirmo), a nenhum reinado viria mais próprio um tal pàntheon que ao de V. M.

Não pára nisto, Senhor, o que eu julgo e creio poder: alem dos serviços á instrucção primária, abençoados amores de V. M., e á instrucção académica pela resurreição dos ingenhos-príncipes de outras éras, posso, como nos dias de minha plena mocidade, cultivar o quinhão de que a natureza me-fez dom; torrãosinho ajardinado entre herdades suberbas no Parnaso portuguez. Tenho poemas originaes inéditos, uns quasi concluidos, outros em meio, outros esboçados, a que seria melhor, cuido eu, pôr a mão última, do que destruil-os, para vagar á commentação arbitrária, e mal auctorizada, de poemas que outros escreveram.

Aqui tem V. M., expostos com leal franqueza, sem falsa modéstia, nem vaidosas presumpções, os resultados do meo longo exame de consciência.

Agora: a V. M., o decidir; e a mim, o obedecer sem réplica.

Se, como espero, o AMIGO DOS QUE TRABALHAM, me-ordena proseguir nas lidas para que fui talhado, V. M. me-permittirá que lhe-dê os parabens de poder já intregar esta eschola da faculdade de lettras a quem se-possa dignamente pôr a par dos outros dous professores, tão discretamente escolhidos por V. M.; e, se, pois que V. M. é, e se-confessa, nosso amigo, me-é dado, em virtude d'esse título, dirigir, com o devido acatamento, uma lembrança, e quasi conselho, a V. M., digo a V. M.: que o insino da litteratura moderna, e particularmente da portugueza, por ninguem de entre nós poderia ser mais sólida e brilhantemente professado, que pelo secretário da Academia Real das Sciências, José Maria Latino Coelho. Esse sim, que é poliglotto, copioso no saber, copiosissimo e felicissimo no orar; percebe, discerne, e abrange com acume e relance de águia; expõi com ordem e lucidez; abrilhanta a philosophia com a imaginação, aviventa a imaginação com a philosophia; ama, versa e tracta a língua vernácula com subido esmero.

As suas prelecções attrahiriam auditório numeroso (em que eu de certo não faltaria), e a final, passados os primeiros annos, poderiam avultar impressas, como um formoso curso, e ao mesmo tempo modêlo de litteratura.

Deus guarde a preciosissima vida, a saúde, o enérgico vigor, e as raras virtudes de V. M., para ventura e esplendor de todo este reino.— De V. M. o primeiro admirador, o mais reverente e agradecido súbdito

A. F. DE CASTILHO.

17. Pag. 59

Estações sclegráphicas.

A oéste do pharol da Guia se arvorou, em janeiro de 1861, um mastro para uso de signaes, pelo código de Marryat. D'esta fórma, e com o auxílio dos telégraphos eléctricos, podem de grande distancia corresponder-se os capitães de navios com os seos consignatários em Lisboa. Egual serviço se-faz da tôrre de S. João da Barra. Outra estação se-preparava no cabo de S. Vicente, ligando com as mais estações telégráphicas do reino. Eis como, a léguas de distância, ao mar da costa portugueza, é possivel aos capitães mercantes orientarem-se sôbre o estado dos mercados na Europa, seguindo viajem para onde lhes-offerecer mais conveniencia.

18. Pag. 62

Estudos práticos nas viagens.

Em todas suas excursões patenteava, não só a patriótica intenção que lh'as-dictava, como tambem a superioridade de suas vistas e utilidade de seos estudos prácticos. Daremos um exemplo. É a provincia do Alemtejo aquella cujas condições económicas da população, e topográphicas pela situação, deficiencia de águas, etc., luctam mais desvantajosamente com os progressos locaes. Por isso mesmo voltara o Sr. D. Pedro para ellas todas suas attenções. A nova legislação sôbre allodialização da terra (lei de 30 de junho de 1860); o adeantamento da viação férrea cortando essas planícies, e servindo de laço para ligar Portugal a toda a Europa; o projectado estabelecimento de colónias agrícolas nas orlas das vias férreas, etc., etc., tudo isso, do reinado do Sr. D. Pedro V, tendia a transformar o anterior estado das cousas. O rei examinava, reflectia e iniciava os melhoramentos. Em novembro de 1860, num jantar que S. M. deu na cidade de Beja, dirigiu o seguinte brinde:

— « Apezar de ter percorrido com demasiada rapidez o Alemtejo, lisonjeio-me de ter adquirido um conhecimento approximado das suas principaes necessidades. Vi elementos poderosos de desinvolvimento económicos, creados, ou em caminho de o-serem; não vi nexo entre elles. Pensa-se em importar vida; não se-pensa bastante em produzir e espalhal-a. Ha nisto uma confissão de indigencia, que é antes uma confissão de desanimo. Lamento-a; na ordem material, como na moral, creio possivel a lucta com a natureza. Com estas palavras, não me-parece que eu recommende aos habitantes do districto de Beja cousa para que lhes-falte vontade ou fôrça. Bebo á prosperidade do districto de Beja. »

19. Pag. 63

Liberalismo do rei.

Era o Sr. D. Pedro V o homem que mais sinceramente respeitava em Portugal os principios constitucionaes. Assim o-manifestou por factos, sempre que a occasião se-apresentou; e nem duvidou consignal-o em formaes declarações.

Á camara dos Pares que o-congratulava num anniversário da outorga da Carta, respondia elle:

= « Dia de júbilo é este para todos os portuguezes. A recordação da outorga e restauração da Carta Constitucional da monarchia, pelo magnânimo principe, que tão sábia e generosamente vinculou o throno com as liberdades públicas, não póde deixar de excitar, em todo o tempo, e particularmente neste dia, o reconhecimento do paiz, e a profunda gratidão da camara hereditária, pela alta e importante missão que aquelle venerando código lhe confiou. »

E aos deputados:

— « É dia de verdadeira festividade nacional, que recorda o nome glorioso do augusto soberano que, outorgando e restaurando a Carta Constitucional da monarchia, assegurou a liberdade politica, e nella assentou a base para o progressivo desinvolvimento moral do nosso paíz. Não posso deixar de declarar-vos que me é muito agradavel ver que a camara, interpretando os meos verdadeiros sentimentos, me faz a justiça de acreditar que, seguindo os nobres exemplos de meos augustos progenitores, heide impenhar as minhas fôrças em sustentar e manter illesas as nossas instituições politicas. »

E á camara municipal:

— « Este dia, glorioso e faustissimo, despertando a gratidão nacional (devida ao generoso monarcha que, reconhecendo as necessidades dos povos, que a Providencia lhe confiara, lhes restaurou as suas naturaes franquias), serve de alentar as esperanças de que maiores e mais sasonados fructos produza para o futuro a obra de meo augusto avô, de saudosa memória. »

20. Pag. 63

Suas ideas sobre as instituições, e seu respeito a ellas.

Levava esta abnegação longe, demasiado. A exaltação da probidade illudia-o, exagerando seos deveres, os direitos da communidade, e invertendo os modernos contractos synallagmáticos entre rei e povo num unilateral, em sentido opposto aos velhos precedentes, dando a realeza tudo e recebendo pouco. Ouçamo'l-o:

— « A camara municipal de Lisboa, patenteando-me no dia de hoje os sentimentos que a-animam para comigo, lembrou-se de que não é a corôa quem menos aprecia a transformação politica que traçou uma nova órbita á sua auctoridade.

« A liberdade deveu á corôa, não a vida, que essa não reconhece, ao poder de um só, fôrça para creal-a ou supprimil-a, mas o logar que as instituições sociaes lhe recusavam. Custou-lhe a imprêsa a abdicação dos seos antigos poderes.

« Taes poderes cedem-se, e não se reconquistam; eram de facto e jamais seriam de direito. »

Noutra occasião, se-glorificou de haver guiado seos passos por taes ideas, exprimindo-se d'est'arte:

— « Agradeço á camara municipal de Lisboa as felicitações que acaba de dirigir-me, pelo motivo do meo anniversário natalicio, que ao mesmo tempo incerra o terceiro anno do meo reinado, e abre o quarto.

« O que fica feito — o que se não soube, ou não se póde fazer nos tres annos

que decorreram, desde que sôbre mim descansa o honroso pêso da realeza — a outros, mais indulgentes ou mais severos do que nós, pertence avalial-o.

« O que de mim dependia fil-o, ou pelo menos, com tal convicção me-está lisonjeando a consciencia. Se não é prezar em demazia os meos actos, — se não é desconhecer os meos deveres tentar a apologia que a outros incumbe, ou desviar censuras que sôbre outros tenham de recair, — mantive firme a esperança de um melhor porvir e proclamei as ideas a que ainda attribuo virtude para nol-o preparar. »

21. Pag. 65

Opinião do rei D. Fernando acerca de seu filho.

— « Pedro, dizia el-rei D. Fernando seo pae, Pedro não sabe ainda o que vale, e eu tão pouco o-scei; mas parece-me que não haverá homem de bem que d'elle se-approxime e o-conheça, que não se-interésse vivamente por elle. Quando mesmo não fôsse o rei, ninguem poderia deixar de ficar impressionado da pureza exemplar de sua vida, de sua applicação ao estudo, de sua tão firme confiança em tudo que é bem, do ardor d'essa imaginação que fermenta sem ainda ter achado o seo caminho, da fôrça e da sinceridade de todas essas illusões que persistem a despeito dos desingannos e dos revezes, que ja tem soffrido. É como uma árvore nova e desconhecida que, vinda da outra extremidade do mundo, havia de ter soffrido, para chegar até nós, muitas vicissitudes e tempestades; eil-a ahi agora que começa a brotar os seos primeiros renovos e as suas primeiras flores, mas não se-sabe ainda que fructos dará. Espero, comtudo, não me-illudir com a affeição paternal, quando creio que a colheita será bella e boa. » *(Xavier Raymond.)*

22. Pag. 65

Ideas do rei D. Pedro sobre a causa liberal.

« O que provou ainda melhor que não era, apezar de tudo quanto tinha soffrido, uma alma desalentada, é o gôsto extremo que elle mostrava pelos negócios, as nobres paixões que agitavam o seo coração. Era liberal e patriota ardente. Lord Macaulay, depois de ter passado uma noite inteira a conversar com D. Pedro, dizia a um amigo nosso: « Não imaginava que um homem tão môço podesse ser tão instruído, nem um rei tão liberal. » Não me-pertence tractar de confirmar, pelas minhas apreciações pessoaes, o juizo feito pelo illustre historiador; mas se eu podesse referir tudo o que el-rei D. Pedro quiz ter a benevolencia de dizer-me no abandono de conversações, sempre amaveis e sempre interessantes, a quantos outros não inspiraria eu os sentimentos de respeito e de dedicação que, para aquelles que o-conheceram, é impossivel deixar de conservar á sua querida e incantadora memória. Devo, porêm, limitar-me, e não citarei entre todos senão dous exemplos, mas elles serão sufficientes para mostrar a profundeza de seos sentimentos liberaes, e a elevação verdadeiramente real de seo patriotismo.

« Passeando na galeria em que D. Pedro dava audiência, dice-me elle um dia: « Os acontecimentos que se-seguiram á revolução de fevereiro vingaram

bem o rei Luiz Philippe dos povos e dos reis; mas isto não deve ser de grande satisfacção para os amigos dos princípios constitucionaes e da liberdade, porque foi á custa da liberdade que esta vingança se-cumpriu. O crédito das ideas liberaes soffreu grandemente na estima das nações e dos soberanos. O cansaço, a desconfiança, o desgôsto apoderaram-se dos espíritos, e, não vos-inganneis, ainda ahi dominam. Invadiram até os paizes que parecem ter escappado á influencia das vossas agitações: aqui mesmo, sinto eu essa influencia. Os debates das côrtes, as discussões de nossos jornaes podem illudir-vos pela sua vivacidade; mas, acreditae-o bem, o que de mais difficil tenho a fazer, é insinar á massa do povo a servir-se das liberdades que lhe-concedem as nossas leis. » *(Xavieer Raymond.)*

A uma allocução da municipalidade de Lisboa, num anniversário da outorga da Carta, S. M. respondeu estas memoraveis palavras:

— « A súbita necessidade do governo livre foi em Portugal a fórmula de uma revolução social, ignorada antes,... ignorada depois por tantos dos que chamaram a liberdade politica a servir de garantia da liberdade civil.

«Em 1823, ficaram de pé os interêsses contrariados pela primeira manifestação do podêr das classes intermédias; e as classes para quem se-operava a revolução deixaram arrancar das mãos a liberdade, que mal tinham aprendido a apreciar. Morreu a nossa primeira constituição, como não devêra ter morrido a obra da boa-fé e do patriotismo.

« Vieram os tempos em que uma classe pelejou contra todas, em que a liberdade politica teve de ser dada ao paiz pela espada, e o paiz recebeu e conservou a liberdade. Os primeiros actos do novo govêrno foram a resolução do problema, apenas enunciado em 1820.

« Foi grande meo avô, de saudosa memória, quando se-demittiu de duas realezas, quando abdicou os preconceitos que vulgarmente as-obscurecem e as -compromettem. Não o-foi menos, quando vinculou o seo nome á reforma económica, ainda hoje tão injustamente apreciada, que contribuiu para dar-nos 24 annos de liberdade.

« Sustentar e continuar a sua obra é para mim um dever, que se-robora pela fôrça da convicção, e pela religião do juramento. Errámos muitos; muitos identificámos demasiadamente o dever com o direito; nenhum ainda renegou.»

23. Pag. 65

Suas ideas sobre a camara dos pares.

« Seja-nos dado por longo tempo ainda ver ligado o respeito do passado com o ardor no proseguimento das necessárias usurpações sôbre o futuro. Para symbolisar a um tempo as duas tendências collocou a constituição a camara dos pares acima das mutações diárias da scena politica. »

24. Pag. 65

Suas ideas sobre os municípios.

Por occasião de um anniversário natalício de el-rei, havia a camara municipal de Lisboa formado votos para que os municipios podessem ainda,

na sociedade portugueza, apparecer formulados na sua natural expressão; recordou ella ao soberano o dia em que o Sr. D. João I, arvorando nas muralhas da primeira conquista de Portugal a bandeira honrada da cidade de Lisboa, lhe-reconheceu o direito especial de se-interessar pela glória de um povo, cuja grandeza despontou á sombra d'essa bandeira, e pela de um rei, representante de uma dynastia que, dous séculos depois, subia ao throno, quando o mesmo estandarte se-desfraldava sôbre os muros da velha Lisboa, para solemnizar a restauração da liberdade. É mui digna de reflexão a resposta do Sr. D. Pedro V:

— « Á camara municipal de Lisboa agradeço as expressões que me-dirige, por occasião do segundo anniversário do dia em que me-coube o difficil incargo de contribuír, pelo cumprimento consciencioso e exacto dos deveres que a Carta Constitucional me-impôi, para o bem da minha pátria.

« A camara municipal de Lisboa faz votos para que, no meo reinado, o desinvolvimento moral dos povos, confiados aos meos desvelos, restitua aos municípios a importancia, que legitimamente póde pertencer-lhes, nas nações que se-governam a si-mesmas. »

« Não esquece á camara, por certo, a profunda modificação que, na essencia e na esphera de acção do município, exerceu a civilização moderna, fazendo cessar o isolamento dos municípios no Estado, e ligando estes pelo vínculo commum da necessidade de um govêrno que, respeitando os fóros que elles devem conservar, e forcejando porque possam justificar a conservação d'elles, centraliza, para o bem da communidade, toda aquella acção administrativa que, dispersa, se-infraquece. Se por uma parte se-póde dizer que o município é para a liberdade o que a eschola primária é para a sciência, a grandeza e a fôrça das nações pede, por outra, que se-reúna nas mãos de um podêr intelligente, fiscalizado e julgado nos seos actos e nas suas tendencias pelos representantes da nação —submettido, como estes, ao império da opinião— toda aquella auctoridade que para elle se não torne um pêso nocivo, ou que, exercido por elle, possa favorecer a tendencia, funesta aos povos, de abdicarem nas mãos do Estado toda a actividade e todo o cuidado dos interêsses públicos. »

25. Pag. 67

Programma de futuro.

São profundas e bem sentidas as seguintes palavras, proferidas, em resposta á camara dos deputados, por occasião de um anniversário da outorga da Carta:

— « O anniversário que hoje celebramos, lembra-nos mais as obrigações que contraímos, do que os direitos que alcançámos.

« Das obrigações, parece-me que era sempre occasião de falar.

« Lembrar e recommendar o respeito dos direitos seria, a meo ver, até certo ponto, pôr como problema o que é tempo de considerar fóra de discussão. Que interêsse poderia levar a atacar o que todos os interêsses, os mais nobres como os mais vulgares, aconselham o defender?

« Lancemos antes a vista para o espaço que caminhámos, e inquirâmos o que devemos continuar, e no que devemos emendar-nos. Saídos de uma época de transformação, illustrados os espíritos, e domadas as vontades pelo passado,

podemos hoje declarar maior a liberdade, que ora declarâmos demasiada, ora erradamente julgamos feita para gozar no bêrço dos fóros da virilidade. Sirva-mo'-nos d'ella; e não acreditemos que os fins nascem dos meios; sempre nos esforcemos por communicar a estes a acção creadora.

« Ao recordar o passado, não fôra permittido esquecer a geração que, educada para outro regimen, fundou entre nós a liberdade politica. Prova ella que cada edade tem as suas tendencias, e que estas são independentes dos hábitos e das instituições que as-comprimem.

« Educada a nova geração com o novo regimen, e para elle, moldada pelos hábitos e pelas tendencias do seo tempo, esperemos que os filhos não dêem aos paes a triste celebridade das virtudes não imitadas. Para uns começa o descanso: para os outros a acção. Uns combateram com os annos e com as ideas; combatam os outros sómente com as ideas. »

26. Pag. 71

Anecdota, durante a febre amarella.

« Não era, comtudo, uma alma desalentada. Certamente todos se-recordam dos admiraveis exemplos de firmeza e dedicação que, apenas de edade de vinte annos, elle soube dar a todos, quando foi preciso consolar e tranquillizar as populações aterradas pela explosão da febre amarella. Seja-nos nesta occasião permittido referir uma anecdota que me-foi contada em Lisboa, e que faz comprehender os sentimentos de que o povo estava animado para com o seo rei. O joven principe concebeu a suspeita de que, no meio de uma mortalidade tão consideravel, podia acontecer que se-desesperasse demasiado cedo dos moribundos, e formara tenção de visitar não só os infêrmos, mas até os mortos. Certo dia, chega ao leito de um soldado, um corneteiro de infantaria, sôbre o qual os infermeiros acabavam de extender o seo capote militar, para dizerem com isto que elle cessara de viver. O rei acha o corpo ainda quente; inclina-se, ouve o coração que ainda palpita fracamente; exclama que o homem não está morto, e pergunta o que se-poderia fazer para o-salvar. Os médicos aconselham uma fricção. O rei manda immediamente buscar o medicamento designado, e, arregaçando as mangas do casaco, applica com as suas próprias mãos uma vigorosa fricção ao doente. Pouco a pouco o paciente dá signaes de si; ainda não tem consciencia bem clara de seo estado, mas pronuncia algumas palavras como para perguntar o que lhe-querem. « É o rei que quer saber como estás?— Estou bem doente.— Não tanto como julgas; d'aqui a quinze dias estarás restabelecido, e no dia em que saires do hospital recommendo-te que vás receber as minhas ordens ao Paço. » O soldado foi salvo, e desde então a admiração popular ficou convencida de que o rei tinha feito um milagre. Quem parecesse duvidar de que um principe tão caritativo e tão bravo tivesse podido fazer um milagre, expôr-se-ia a offender estes corações simples e reconhecidos.

(Xavier Raymond.)

27. PAG. 71

Sua modestia, após seu heroismo, durante a peste.

A uma allocução encomiástica dirigida ao rei pela camara municipal de Lisboa, por occasião de se-achar extincta a epidemia da febre amarella, em 1858, respondeu elle:

— « Cadaum de nós, nas diversas posições em que a sorte nos-colloca (umas mais visiveis, outras que se-perdem na multidão), tem, a meo ver, que cumprir os mesmos deveres. O homem não cede o logar á dignidade que o-desfigura e que o-esconde. Os seos actos incontram um juiz, benévolo ou severo, segundo que a sua collocação é mais ou menos elevada. O que é apenas cumprimento de dever, parece mais na altura; e o que alli fôra tido por heroismo, passa por vulgar merecimento na escuridão, que a sociedade offerece ao valor modesto.

« O perigo existiu. Alguns poderam fraquear deante d'elle; — eram homens! Outros não o-temeram; — não eram mais que homens.

« Se o que então fiz foi merecimento, foi merecimento que folgo de ver felizmente muito repartido.

« Considerei-me soldado. Tive companheiros. A estes chamarei camaradas. E o louvor, que sôbre elles cai, paga-me mais ainda que o simples testimunho da consciencia.

« Comprazo-me em junctar a esta a lembrança das palavras, que a camara municipal de Lisboa acaba de dirigir-me. Se eu tinha direito a alguma recompensa, é-me sufficiente essa. »

28. PAG. 74

Consórcio de el-rei.

Felicitara a camara municipal de Lisboa a S. M., por occasião da chegada e recepção pública da rainha, considerando tal dia como — aurora de merecidas felicidades, porque nesse consórcio haveria allívio para as árduas fadigas da magistratura real; — aurora de esperançoso futuro para os portuguezes, porque na régia descendencia, se-continuaria uma dynastia, inseparavel da constituição do Estado, e pinhor das públicas liberdades.

Assim respondeu el-rei:

— « Os breves annos do meo reinado poderiam definir-se: demasiada experiencia para quem não póde aproveitar-se ainda d'ella toda. Não foram felizes.

« Mas se no mal ha um bem, trazem comsigo os infortúnios o fazer sentir uma impressão desconhecida e indefinivel, na primeira alegria que quebra a cadeia de males.

« A cidade que, ha mezes, a morte despovoava, esconde hoje as lágrymas que ha pouco ainda orvalhavam a saudade e o cypreste. Seria este para mim e para a rainha o mais claro testimunho de que não passa desapercebido para o povo de Lisboa um acontecimento, que consubstancia o nosso porvir.

« A rainha pede-me que assegure a camara da sua viva gratidão, e permitte-me que cite as singelas e sentidas palavras que ainda ha pouco me-escrevia: —

« *Tua querida mãe deixou-nos um exemplo de grandes virtudes, que terei sempre deante dos olhos, e que forcejarei por imitar. Tenho esperança de que ella abençoará a nossa união, como se ainda nos fôsse dada a fortuna de possuil-a na terra.* »

29. PAG. 75

Esperanças na felicidade da familia.

O mísero e mesquinho rei augurou esses dias de felicidade, que elle julgava ter ido assegurar-se na família. Ouçamos algumas das palavras que dirigiu ás altas corporações, que o-felicitavam por seo auspicioso consórcio:

— « O céo permittirá, que, com a prolongação dos seos dias, se-prolongue a minha ventura, e que com os annos cresçam na rainha os sentimentos de interêsse e de affeição que ella hoje já vota á pátria que adoptou. »

— « Na vida do soberano entrelaçam-se satisfacções e dissabores. Padece por si e padece por tantos que d'elle podem depender. Na vida doméstica, incontra elle, como todos com quem tem necessidade de parecer-se, ou sempre ou nunca, a felicidade que, na vida pública, tão intermittente se-mostra. »

— « Confio que o céo ouvirá os votos, que a camara municipal de Lisboa me-dirige pela duração de uma união, que realiza tão perfeitamente a felicidade, que fui procurar na família. »

30. PAG. 76

Carta d'el-rei, por morte da rainha.

Eis-aqui, na íntegra, essa sublime carta do Sr. D. Pedro V ao Sr. Duque da Terceira:

« Meo charo duque.— São poucas as consolações e os lenitivos para dôres taes como a que neste momento me-persegue. É mais uma provação durissima pela qual aprouve á Providencia fazer-me passar.

« É raro ter conhecido a maioria das desgraças na edade aberta ás ambições e ás illusões, de que aquellas costumam proceder. Resigno-me com a minha sorte: cumprir o dever pelo que elle é; não pelo que elle póde valer.

« Para fazêl-o sobra-me o exemplo da espôsa que perdi, quando apenas começava a apreciar o thesouro de que me-foi dado gozar. Era um coração para a terra e um espírito para o céo.

« Nos quatro annos do meo reinado, eu e os meos povos temos sido companheiros de infortúnio. Diz-me a consciencia que nunca os-abandonei. Não me -abandonam elles hoje, que procuro um confôrto e quasi o não incontro senão na religião, que manda crer e esperar, e nas lágrymas que se-confundem com as minhas.

« Queira o duque transmittir a expressão do meo sentido reconhecimento ás corporações e aos indivíduos que, nos dias luctuosos que acabam de transcorrer, se-lembraram de que no meio d'elles ha alguem que padeceu e padece muito.

« Creia nos sentimentos de estima e de consideração, com os quaes sou seu sinceramente affeiçoado

D. PEDRO. »

31. Pag. 78

Providencias para remover as causas de insalubridade, a qual ora se-attribue a morte d'el-rei.

Não deixa de ser tristemente curioso o considerar que, poucos annos ha, se tomaram várias providencias para tornar menos insalubres os campos dados á cultura do arrôz, causa próxima, segundo se-assevera, do passamento dos augustos irmãos. Eis-aqui o teor de uma circular aos governadores civis do reino:

« Sua Majestade el-rei, attendendo ás representações, que lhe-foram presentes, sôbre a necessidade de novas providencias para evitar que a cultura do arrôz influa nocivamente na saúde pública;

« Considerando que as vistorias dos terrenos destinados á cultura, effectuadas na primavera, quando ainda são geralmente abundantes as águas de rega, não podem offerecer a segurança necessária da sua permanencia, e de que será evitada a sua estagnação no estio;

« Considerando quanto importa conhecer com exactidão quaes são os terrenos, que pela abundancia de agua perenne e corrente são realmente apropriados para esta cultura;

« Houve por bem resolver o seguinte:

« 1.º Durante o estio, e antes da colheita, na occasião que parecer mais opportuna, proceder-se-ha em todos os terrenos, que se-acharem semiados de arrôz, a vistorias destinadas a verificar, se os regulamentos policiaes respectivos têm sido rigorosamente executados; se as sementeiras se-acham ou não banhadas de água corrente; e se, portanto, ha ou não motivo bastante para, na conformidade dos mesmos regulamentos, cassar asrespectivas licenças de cultura;

« 2.º Depois de ultimada a colheita, proceder-se-ha similhantemente a novas vistorias em todos os terrenos em que se-cultivou arrôz, afim de verificar se foram logo depois da colheita destruídos e arrazados, na conformidade dos regulamentos, os cômoros dos arrozaes, e se-proceder devidamente contra os negligentes e transgressores;

« 3.º Dar-se-ha conta annual ao govêrno, pelo ministério do reino, dos dias em que se-effectuaram as referidas visitas fiscaes, e dos seos resultados. »

32. Pag. 78

Morte do Sr. D. Fernando.

« Sabemos que propuzeram ao infortunado príncipe que deixasse o paço das Necessidades, e que buscasse residencia mais sadia e distrahida do que aquella o-era em tal conjuncção, e que elle se-recusou a saír, dizendo que *não queria fugir ao seo fado.*

« Elle já presentia quasi o fim de seo irmão, porque desgraçadamente a imaginação d'este príncipe affigurava todos os casos da vida sempre pelo seo desinlace mais funesto; por isto, sempre recolhido ao seo quarto, seguia com os sentidos tudo o que se-passava no paço. Quando o infante falleceu, chegou ao seo aposento um dos camaristas, e ia para falar...

— « Não diga nada, accode o príncipe, pondo a mão na bôcca ao camarista; já scei o que me-vai dizer. »

« O camarista calou-se e dobrou a cabeça. (*Andrade Ferreira.*)

33. Pag. 79

Ser a nação sua família.

Este mesmo pensamento expresso em termos ainda mais elevados e sentidos, repetiu frequentemente, como nas seguintes palavras:

Se a felicidade doméstica podesse, por si só, constituir toda a ventura dos soberanos, eu teria nella a melhor recompensa dos esforços que consagro ao desempenho da minha missão. Mas, ao lado do circulo estreito da família, deve estar para elles essa família mais vasta, que se-chama a nação, e de que são mais servidores que paes. Faltar-me-ha sempre alguma cousa para completar o meo bem-estar, se ás consolações que a família offerece, eu não souber junctar a participação nas venturas da nação.

34. Pag. 84

Religião.

« Ninguem, como o infortunado príncipe, conheceu melhor o seo fim: não sabemos se o-pediu a Deus; crêmos que sim, pois se-lhe-antolhou como a confirmação de desejos tão intranhados e insistentes.

« Ainda no último dia que esteve de pé, na occasião de lhe-levarem uma ligeira refeição, soltou estas palavras, recusando a comida, por lh'a-repellir o fastio que o-minava:

— « Ainda o estômago me-curarão elles (os médicos), mas a cabeça é que não.

« Depois, virando-se para o Sr. marquez de Ficalho, accrescentou:

— « Meo querido marquez, quero pedir-lhe um favor, e hade fazer-m'o, porque lh'o-peço com a franqueza que dous soldados devem um ao outro. O marquez é um soldado velho, e meo amigo antigo; não se-recuse a essa franqueza.

« O nobre marquez ficou sobresaltado com estas palavras, mas affiançou-lhe que não lhe-falaria de outro modo, porque nem elle o-sabe fazer.

— « Pois então ha de me-dizer, continuou o rei, quando devo eu sacramentar-me. O marquez é religioso, e sabe que eu tambem o-sou, e não quero privar-me d'este confôrto da religião. Seja sincero; em vendo que é a hora, avise-me.

« As lágrymas rebentaram dos olhos ao velho fidalgo. Foi debalde que intentou mostrar-lhe que os seos dias ainda seriam longos e talvez felizes; mas um abraço e um surriso, d'aquelles surrisos amargos que ás vezes entreabriam os lábios do desventurado príncipe, foram a sua única resposta. *(Andrade Ferreira.)*

35. Pag. 84

Scena dos ultimos dias.

« Esta scena passou-se assim: o rei havia sido assaltado de um violento ataque de convulsões, a que os médicos chamaram epileptiformes, segundo se-vê do boletim d'esse dia. Todos tiveram mêdo que não podesse resistir á

violencia do ataque. A afflicção fez intrar no quarto os fidalgos, e Sua Majestade o senhor D. Fernando acudiu tambem no auge da maior anciedade. Diziam que o rei estava a morrer. Todos lhe-rodearam o leito. Os facultativos lidavam por lhe-dar alguns antipasmódicos, mas não o-conseguiram, porque as convulsões continuaram por algum tempo com a mesma fôrça. A esperança quasi que fugia a todos. Por fim o rei caiu numa grande prostração. Affirmavam até que não via nem ouvia. Aos facultativos, o seo quadro symptomático inculcava-o já como moribundo.

« Entre os concurrentes e diversos personnagens que este lance attrahiu, appareceu tambem o Sr. minstro das obras públicas. A estima que consagrava a el-rei levou-o a approximar-se do leito; depois, afflicto, retirou-se, e em seguida sahiu do aposento. Mas el-rei, apezar do seo estado, tinha-o conhecido; e tanto assim, que, passados estes momentos, e estando já mais socegado, perguntou por elle, e dice que o-chamassem. O Sr. Horta introu de novo. O Sr. D. Fernando ainda estava á cabeceira, e em roda alguns camaristas e médicos. O principe fez-lhe aceno, e o ministro approximou-se. El-rei estava muito abalado: as suas ideas eram claras, mas os termos confundiam-se e difficultavam-se ás vezes. Surriu-se para o Sr. Horta, e dice, que tinha receio de perder de todo a cabeça. Depois falou-lhe da outra vida, e a pintura do *Inferno* do poeta florentino veiu-lhe á memória. Chegou a recitar o conhecido trecho *Per me si va nella città dolente*, mas a sua fé religiosa, ou quem sabe se a saudade de uma espôsa querida, voltou-lhe a idea para os formosos versos em que Dante fala da sua Beatriz, el-rei tambem acreditava no paraizo, e tambem lá tinha uma Beatriz; que chamava por elle.

« Nesse mesmo dia desejou despedir-se de seo pae, mas sem que lh'o-désse a conhecer, e para isso pediu para o-ver.

« O Sr. D. Fernando tinha evitado até então este lance extremo, porque todos aconselhavam, como conveniente ao estado do rei, evitar-lhe taes lances, que lhe-iriam aggravar principalmente o seo padecimento moral; mas seo filho pediu e elle não pôde recusar-se.

« O afflicto pae appareceu no aposento do infêrmo, fingindo-se livre de preoccupações. Mal o-viu, o Sr. D. Pedro ergueu-se e chamou-o com affectuosas palavras, dizendo-lhe, em phrases de intranhado affecto e respeito filial, que já havia muito que o-desejava ver e receber a sua benção.

« O Sr. D. Fernando mal estava preparado para transe tão acerbo: mas conjurou todas as suas fôrças, concentrou a dôr que lhe-pungia no intimo, e apparentou modos que podessem dissuadir o infêrmo da idea de um têrmo próximo. Dice-lhe que não só lhe-deitava uma benção, mas lhe-deitaria mil, porque carecia de todas, pois havia de viver ainda muitos annos.

« O rei respondeu com aquelle surriso pesaroso tão habitual nos seos lábios, e que era a sua resposta constante, quando um pensamento triste o-preoccupava. Depois, voltando-se para seo pae, declarou-lhe que eram baldadas todas as consolações, porque o seo desejo era morrer, pois esperava ir para o céo, onde incontraria tudo o que mais amava.

« Esta resposta feriu o sentimento paternal, e obrigou o Sr. D. Fernando a perguntar-lhe, se acaso elle não partilhava d'esse amor?

« O affectuoso resentimento do pae obrigou os dous a estreitarem-se num longo abraço. » *(Andrade Ferreira.)*

36. Pag. 84

Os mezes de novembro e dezembro.

São os mezes de novembro e dezembro fataes para esta augusta familia! Falleceram os Srs. D. João IV a 6 novembro 1656; D. Joanna a 17 novembro 1653; D. Catharina a 31 dezembro 1705; foi recluso o Sr. D. Affonso VI a 23 novembro 1667; falleceu a rainha D. Maria Francisca de Saboya a 27 dezembro 1683; D. Pedro II a 17 dezembro 1706; D. Pedro III em 25 novembro 1786; e após vários outros principes, acabaram de fallecer em novembro e dezembro a Sra. D. Maria II, o Sr. D. Fernando de Bragança, o Sr. D. Pedro V e o Sr. Infante D. João!

37. Pag. 85

Causaes de tantas mortes.

Não ha negar que, em todas as classes, a impressão dos repetidos golpes sôbre a familia real tem produzido uma sensação de assombro, de incredulidade, que em grão número tem subido a suspeitas vagas e horriveis. Notam o óbito, com tão pouco intervallo (e com similhança de symptomas pathológicos), dos dous filhos e nora do Sr. D. Carlos de Hispanha, do conde de Cavour, do principe Alberto, de el-rei D. Pedro V, dos infantes Srs. D. Fernando e D. João, e grave infermidade do Sr. D. Augusto! Observam que, tendo-se centenares de pessoas exposto a idênticos meios atmosphéricos, ninguem foi mortalmente ferido senão os membros da familia real; que se os miasmas paludosos invenenaram os 3 principes, não estivera exposto a pântanos o Sr. duque de Beja, quasi inopinadamente fulminado; que....

A dôr desvaira provavelmente; mas é lícito concordar em que tammanho gruppo de coincidencias extraordinárias bem póde justificar suspeitas, embóra injustas ao amor estremecido de um povo á augusta familia a quem adora.

E, como idea associada, aqui narraremos um facto bem digno de menção, por occasião da última infermidade que prostrou o Sr. infante D. João. Não foi ella divulgada, antes de assumir certo incremento. Apenas soou tal noticia, o corpo de lanceiros, de que S. A. era commandante, mandou-lhe uma deputação, composta de um representante de cada grau, desde o tenente-coronel até o soldado, supplicar ao seo coronel que se transportasse para o seo quartel, pois queriam ser elles que tractassem e velassem o seo augusto camarada, preparando-lhe por suas mãos a dieta e os medicamentos, etc. É fôrça confessar que em todos os procedimentos populares para com esta amada familia, tudo ha sido cordial, sentido, eloquente, unânime.

Typographia Universal de E. & H. Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B.